



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E
POLÍTICAS PÚBLICAS – PPGDT

Diretamente da BXD, tô cantando pra você: Culturas na periferia

Marlon Santos Dias

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTOTERRITORIAL E
POLÍTICAS PÚBLICAS – PPGDT

Diretamente da BXD, tô cantando pra você: Culturas na periferia

Marlon Santos Dias

Sob a orientação da professora

Lucia Helena Pereira da Silva

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas, no curso de pós-graduação em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas, área de concentração em Desenvolvimento Regional e Políticas Públicas

Seropédica, Maio de 2022

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

D541d Dias, Marlon Santos, 1996-
 Diretamente da bxd, tô cantando pra você: culturas
 na periferia / Marlon Santos Dias. - Duque De Caxias,
 2022.
 154 f.: il.

 Orientadora: Lucia Helena Pereira da Silva.
 Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
 do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em
 Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas, 2022.


 1. Baixada Fluminense. 2. Cultura. 3. BXD. I. da
 Silva, Lucia Helena Pereira, 1963-, orient. II
 Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
 Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento
 Territorial e Políticas Públicas III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
TERRITORIAL E POLÍTICAS PÚBLICAS**


MARLON SANTOS DIAS

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre(a), no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas, Área de Concentração em Desenvolvimento Regional e Políticas Públicas.


DISSERTAÇÃO APROVADA EM 31/05/2022

Documento assinado digitalmente
 LUCIA HELENA PEREIRA DA SILVA
Data: 14/04/2023 08:43:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**LUCIA HELENA PEREIRA DA SILVA. Dr.^a UFRRJ
(Orientadora, Presidente da Banca)**

Documento assinado digitalmente
 ALDENILSON DOS SANTOS VITORINO COS
Data: 18/05/2023 17:28:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

ALDENILSON DOS SANTOS VITORINO COSTA. Dr. UFRRJ

Documento assinado digitalmente
 TAMARA TANIA COHEN EGLER
Data: 02/10/2025 20:17:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

TAMARA TÂNIA COHEN EGLER. Dr.^a UFRJ

Às múltiplas Baixadas Fluminenses.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Início esta parte agradecendo os que me são mais fáceis. Agradeço a nossa querida Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e ao Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Desenvolvimento Territorial (PPGDT), por terem me dado condições intelectuais e financeiras para a elaboração deste trabalho.

Agradeço à produção coletiva que os coletivos socioculturais da Baixada são responsáveis, sem a educação não-formal destes, eu nunca teria sido tocado por suas táticas; aos autores os quais utilizei, em especial os que pensam esta região, aos latino-americanos e os que se dedicam às periferias. Agradeço aos livros que me liberta(ra)m.

Às amigas que eu pude construir, e que me construíram ao longo desta grande jornada, em especial Gabriel de Almeida Martins, por tudo o que construímos um com o outro, desde quando estávamos esperando para realizar a prova do processo seletivo do mestrado, lugar em que nos consolidamos enquanto amigos. A Hilário Mariano dos Santos Zeferino, por todas as conversas profundas e intelectuais que tivemos durante o período da pandemia. Aos meus colegas de turma, sobretudo os que puderam se tornar mais próximos de mim, mesmo que no fim desta etapa; aos amigos que já me acompanham desde muito antes.

Agradeço o privilégio de ser orientando da Pr^a. Dr^a. Lucia Helena. Enquanto nossas conversas se davam, eu entendia o quão poderoso foi ser orientado por uma das principais autoras que utilizei, ainda em vida, mesmo que virtual. Lembro das saudades que sentia quando os espaços entre uma reunião e outra se tornavam maiores, e como, logo depois que nos reuníamos, me encontrava inspiradíssimo para continuar.

Para chegar na parte que me é mais cara. Agradecer àqueles que me lançaram ao mundo, sem imaginar as possibilidades que plantaram em suas próprias vidas. Mas que, por muito amor, puderam dedicar à minha rega. Meus pais só puderam saber o que era “Mestrado” depois que me matriculei, mas nunca me negaram a oportunidade de estudar, mesmo que por mais difícil tenha sido. Monique e Marquinho “do cachorro quente”, mais que agradecer, os dou parabéns.

Direito de falar. Falar sobre. Falar de. Falar por.
[Falar com. Falar através.] Em torno dessas expressões configura-se parte expressiva da luta pelo direito à significação e representação daqueles que, historicamente, foram confinados a posições excludentes no jogo discursivo. Dentre eles, os agentes cujos lugares ocupados nas distribuições do espaço físico e social foram marcados por estratégias de estigmatização, degradação e isolamento por parte dos detentores do capital econômico e político. (Enne e Gomes, 2013, p. 45)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo descortinar a região da Baixada Fluminense através da produção de três coletivos culturais que utilizam a sigla “BXD” para designar seus territórios. É sabido que nesta região, diversas imagens negativas são utilizadas para representá-la e que, sobretudo, tais imagens são elaboradas através de um discurso de violência, pobreza e descaso do poder público. Não é por acaso que a Baixada emerge no processo de metropolização, para ocupar uma posição de subalternidade à cidade do Rio de Janeiro. Não se trata somente das imagens, mas das relações sociais que conformam os territórios. Os sujeitos subalternos destes territórios são plurais e estão em disputas internas e externas, nesta última fazem uso de táticas para a construção de outras baixadas, inteligíveis pela sigla BXD.

Palavras chaves: Baixada Fluminense; Cultura; BXD.

ABSTRACT

The present work aims to uncover the Baixada Fluminense region through the production of cultural of three collectives that use the acronym "BXD" to designate their territories. It is known that in this region, several negative images are used to represent it and that, above all, such images are elaborated through a discourse of violence, poverty and the dismay of public power. It is not by chance that Baixada emerges in the process of metropolization, to occupy a position of subalternity to the city of Rio de Janeiro. It is not only the images, but the social relations that make up the territories. The subordinate subjects of these territories are plural and are in internal and external disputes, in the latter they make use of tactics for the construction of other Baixadas, intelligible by the acronym BXD.

Keywords: Baixada Fluminense Region; Culture; BXD.

LISTA DE SIGLAS

AMAC – Associação de Mulheres de Atitude e Compromisso social
APPH-Clio – Associação de Professores-Pesquisadores de História – Clio
ASAMIH – Associação dos Amigos do Instituto Histórico de Duque de Caxias
BF – Baixada Fluminense
BXD – Baixada
CAPES – **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior**
CCR – Companhia de Concessões Rodoviárias
CD – *Compact Disc*
CEFET – Centros Federais de Educação Tecnológica
CIEP – Centro Integrado de Educação Pública
CNPJ – Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica
CPF – Cadastro de Pessoa Física
CUFA – Central Única das Favelas
DJ – *Disc Jockey*
E.T.E.T – Escola Técnica Estadual de Teatro
EJA – Educação de Jovens e Adolescentes
EPSJV – Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio.
F.A.L.A – Fábrica de Apoio a Linguagem Artística
FAIM – Festival de Artes de Imbariê
FEBF – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense
FENIG – Fundação Educacional e Cultural de Nova Iguaçu
FIAT – *Fabbrica Italiana Automobili Torino*
FM – *Frequency Modulation*
SESC – Serviço Social do Comércio
IDMJR – Iniciativa Direito a Memória e Justiça Racial
IPAHB – Instituto de Pesquisas e Análises Históricas e de Ciências Sociais da Baixada Fluminense
LGBTQIA+ – Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, queer, intersexo e assexuais
MC – Mestre de Cerimônias
MST – Movimento Sem Terra
ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
ONG – Organização não-governamental
ONU – Organização das Nações Unidas
PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PPGDT – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas
PSOL – Partido Solidariedade
PUC – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
RIO+ - Centro Mundial para o Desenvolvimento Sustentável Rio+
RiR – Rock in Rio
RJ – Rio de Janeiro
RMRJ – Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro
TLOB – *The Life Of Baixada*
TV – Televisão
UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFF – Universidade Federal Fluminense
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Listagem dos contemplados pelo edital Mostra de Artes do Coletivo F.A.L.A.	65
Tabela 02 – Oficinas do OFF RAP.	71

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cupinzeiro e suas fendas	25
Figura 2 – 1º Cartaz de exibição do documentário #BXD Baixada Nunca Se Rende	47
Figura 3 – Placa da pracinha do CIEP	58
Figura 4 – Um dos primeiros “Rap Free Jazz”.	58
Figura 5 – Cartaz do Rap Free Jazz de 2016	59
Figura 6 – “BXD”, bateria e malabares em 29 de junho de 2017.	60
Figura 7 – Artistando na pracinha	60
Figura 8 – “Cineminha”	62
Figura 9 – Último Rap Free Jazz, em 2019.	63
Figura 10 – MOSTRA DE ARTES DO COLETIVO F.A.L.A.	64
Figura 11 – Jornal O DIA	69
Figura 12 – OFF RAP - Resistência, Ativismo e Produção (edição virtual).	70
Figura 13 – Grafite “Malê” de 2021.	73
Figura 14 – Cineclube XuxuComXis nas ruas	109
Figura 15 – Cineclube XuxuComXis no metrô	109
Figura 16 – Baixada Filma	118
Figura 17 – Coluna Baixada Nunca se rende	124
Figura 18 – <i>Playing for Change</i>	127
Figura 19 – Mapeamento das rodas culturais do Rio de Janeiro.	131

SUMÁRIO

Introdução	13
Capítulo I: Caminhos	33
1.1. XuxuComXis	33
1.2. Baixada Nunca se Rende	46
1.3. Coletivo F.A.L.A.	56
Capítulo II: Mediações	75
2.1. Baixada Afeto: XuxuComXis	75
2.2. (E)levar o nome da Baixada Fluminense: Baixada Nunca se Rende	83
2.3. Com quem se F.A.L.A?	92
Capítulo III: Falas	105
3.1. Difundindo o inverso: XuxuComXis	105
3.2. A Baixada não se rende nunca	120
3.3. F.A.L.A. Coletiva	129
CONCLUSÃO	142
BIBLIOGRAFIA	151

Introdução

Minha experiência presencial no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas (PPGDT), resume-se a primeira semana de aula, antes da pandemia do coronavírus. Depois, as disciplinas foram ministradas por meio do Ensino Remoto Emergencial, por causa do distanciamento social, o que significou que não tive contato físico com ninguém. A situação se configurou de igual modo com a orientação, só pude me aproximar de um colega que recebia orientação junto comigo, ainda assim por meio de conversas virtuais, o que fez com que criássemos uma amizade profunda. Quase não conseguimos as bolsas CAPES, mas a luta estudantil virtual se manteve forte e foi vitoriosa. Além de tudo, perdi dois avós e fui listado em um dossiê antifascista de 999 páginas, criado por um deputado bolsonarista, por ter uma foto minha com boné do Movimento Sem Terra (MST) e uma bandeira negra em minhas redes sociais, o que segundo esse documento era suficiente para me classificar como “terrorista”.

Nos meus primeiros esboços da dissertação, a ideia era trabalhar com três coletivos de Duque de Caxias a partir de um olhar decolonial e observar suas práticas cotidianas, não fosse por um *insight* que tive, esta pesquisa teria sido outra. Lembro que acordei pelas 7 horas pensando na sigla BXD, que eu percebia em muitos eventos culturais da Baixada. Contatei minha orientadora e naquele momento as ideias e as paixões me atravessavam, dali em diante o trabalho começou a ter seus “caminhos” abertos.

Ainda serão analisados/discutidos três coletivos socioculturais, não de Duque de Caxias exclusivamente, mas de três municípios da Baixada Fluminense: Cineclubes XuxuComXis (Nova Iguaçu), Baixada Nunca se Rende (Belford Roxo) e Coletivo Fábrica de Apoio a Linguagem Artística F. A. L. A. (Duque de Caxias). O que os diferem dos outros três escolhidos anteriormente é justamente o campo da análise, o que antes estava concentrado no campo da cultura, no sentido dado por Ortner (1999)

Em vez da cultura como sistema de significados, à maneira de Geertz, falaremos do cultural como ‘o choque de significados nas fronteiras; como a cultura pública que tem sua coerência textual mas é localmente interpretada; como redes frágeis de relatos e significados tramados por atores vulneráveis em situações inquietantes; como as bases da agência e da intencionalidade nas práticas sociais correntes’ (Ortner, 1999, p. 7)

Agora será no campo “cultural” (CANCLINI, 2015), o que significa dizer que a pesquisa privilegiará a análise das interseções dos coletivos que se conectam pela BXD observando os entrelaçamentos e as disputas entre os que usam BXD como Baixada e as demais Baixadas existentes. Neste sentido,

Ao propormos estudar o cultural, abarcamos o conjunto de processos através dos quais dois ou mais grupos representam e intuem imaginariamente o social, concebem e gerem as relações com os outros, ou seja, as diferenças, ordenam sua dispersão e sua incomensurabilidade mediante uma delimitação que flutua entre a ordem que torna possível o funcionamento da sociedade, as zonas de disputa (local e global) e os atores que a abrem para o possível (CANCLINI, 2015, p. 49)

Assim, a partir do campo cultural, será possível compreender como e com quem os sujeitos e(m) seus coletivos se organizam, quem eles são, quais suas práticas, discursos, sentidos, o impacto de suas ações nos territórios que estão inseridos sob a égide da região da Baixada Fluminense e como (e com quem) constroem suas mediações.

O primeiro coletivo XuxuComXis é um grupo voltado ao cineclubismo, criado em 2012, na conhecida “rua do chuchu” (Austin), que é um lugar de muitas histórias e que tinha uma feira e apresentações artísticas. Surgiu dentro da Escola Livre de Cinema, que não existe mais, em uma oficina chamada “Cineclubismo e outras paixões”, que foi ministrada por membros de dois tradicionais cineclubes da Baixada, o Mate com Angu, de Duque de Caxias, e o Buraco do Getúlio, de Nova Iguaçu – ambos têm esses nomes por conta da relação que tinham com o território (em Duque de Caxias existia uma escola que servia Mate com Angu como merenda, e no centro de Nova Iguaçu há um túnel sob a linha de trem). A turma teve como sugestão a continuidade das atividades cineclubistas. Assim, foi organizada uma votação em 2012 para decidir o nome do novo cineclubes e ficou “XuxuComXis”, por conta da tradição dos outros coletivos que tinham seus nomes relacionados aos seus territórios, neste caso associando à histórica rua do Chuchu.

A partir de 2013, o Xuxu começou a fazer suas exposições dentro do espaço da Escola Livre de Cinema, mas depois, em 2014, tornou-se itinerante por seus membros acreditarem que era necessário ocupar outros lugares e ser mais acessível à comunidade. O chuchu, como um legume que nasce de uma planta trepadeira, teria que crescer seus rizomas em outros espaços. Inicialmente o cineclubes era constituído por toda a turma da oficina “Cineclubismo e outras paixões”, mas com o passar do tempo, foi se fragmentando, restando três integrantes. Quando se tornaram itinerante, tiveram a

participação de mais duas integrantes, atualmente é composto por seis, todas mulheres, embora não seja um coletivo fechado para este gênero específico.

O coletivo Baixada Nunca se Rende surgiu a partir da iniciativa do ex-integrante Gui Rodrigues – baterista que tocou na banda Cabeça de Nego e atualmente é percussionista da banda Monobloco – quando criou um grupo no aplicativo de mensagens “*Messenger*” do *Facebook*, de músicos da Baixada Fluminense. A intenção era reunir artistas no Centro Cultural Donana em Belford Roxo para criar oportunidades para que pudessem viver de sua produção, foi nesta época que um dos integrantes do coletivo estava fazendo pós-graduação em gestão estratégica da comunicação e tinha, dentre seus colegas de turma, uma estagiária do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) que trabalhava no escritório do Centro Rio+, que estava envolvida com a divulgação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Essa estagiária, fez a ponte entre os artistas que o Gui estava reunindo e essa oportunidade de trabalho, apoiado pela ONU, para a construção de um documentário. Os encontros semanais do grupo duraram dois anos, desde 2015, e foram realizados no Donana, na Casa de Cultura de Nova Iguaçu e depois no Galpão 252, em Nilópolis, isto é, em três municípios distintos na Baixada Fluminense para a produção do documentário “#BXD Baixada Nunca Se Rende” que foi lançado em 2017. O documentário aglutinou o grupo, no início, mais de 100 artistas integravam o coletivo, no documentário constam 127, porém, atualmente o Baixada Nunca se Rende conta com somente quatro integrantes.

A Fábrica de Apoio a Linguagem Artística (Coletivo F.A.L.A.), foi criada em 2013 através de seis jovens amigos estudantes que faziam roda de rima na praça do Galo, no bairro Parque Fluminense em Duque de Caxias. Destes seis integrantes fundadores do coletivo, somente um ainda persiste, outros seis entraram, totalizando atualmente sete integrantes. Além desta roda de rima, o coletivo construiu outros eventos ao longo do tempo, como a “feira do troca-troca”, no Lote XV, o “Rap Free Jazz”, o “OFF RAP: Resistência, ativismo e produção” e a “Mostra de Artes do Coletivo F.A.L.A.”. Aos poucos, foram construindo intervenções artísticas em outros espaços, como em escolas e em centros culturais, com o apoio de diversas outras instituições e coletivos da Baixada.

Estes três coletivos estão na Baixada Fluminense, região que está inserida na Região Metropolitana do estado do Rio de Janeiro (RMRJ), composta segundo o governo estadual por 13 municípios. Já segundo o PAINEL Regional de 2016 (SEBRAE, 2016), essa mesma região está subdividida em duas, Baixada Fluminense 1, a qual pertence os

municípios de Belford Roxo, Itaguaí, Japeri, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados e Seropédica; e em Baixada Fluminense 2, a qual pertence os municípios de Duque de Caxias, Guapimirim, Magé e São João de Meriti. Assim, há uma fluidez de entendimento do que é a região onde estão inseridos os coletivos.

Em relação ao investimento em cultura, de acordo com o Mapa da Desigualdade da RMRJ, produzido pela Casa Fluminense (2020), o ranking do orçamento municipal para a cultura na Baixada Fluminense se estabelece da seguinte forma, em ordem decrescente: Paracambi (o terceiro maior da RMRJ, com 0,92%), Nilópolis (0,67%), Japeri (0,63%), Itaguaí (0,55%), São João de Meriti (0,13%), Duque de Caxias (0,11%), Nova Iguaçu (0,10%), Belford Roxo (0,04%), Queimados (0,01%), Mesquita e Guapimirim (0%), Seropédica e Magé não apresentaram seus dados.

Ainda de acordo com esse Mapa (CASA FLUMINENSE, 2020), no que se refere a quantidade de museus localizados nos municípios da Baixada Fluminense, Duque de Caxias lidera com quatro, seguido de Magé, Guapimirim, Belford Roxo, São João de Meriti, Seropédica e Itaguaí (todos com dois), logo depois Nova Iguaçu (um), entretanto, Queimados, Paracambi, Japeri e Mesquita não possuem nenhum. Quanto às salas de cinema, somente Nova Iguaçu (13), Duque de Caxias (oito), São João de Meriti (seis), Itaguaí (quatro) e Paracambi (um), as possuem. Por fim, acerca do percentual de pontos de acesso a internet banda larga fixa em relação ao número de domicílios, o único município que ultrapassa 50% é Nilópolis (63,2%), seguido de Guapimirim (47,3%) e Mesquita (45,4%); os menos favorecidos são Japeri (19,2%) e Belford Roxo (24,2%).

Os dados apresentam um panorama dos municípios da região compreendida pelo governo estadual como Baixada Fluminense, mas subdividido pelo Sebrae em duas Baixadas Fluminenses, evidenciando as contradições – como é o caso de Duque de Caxias que é um município rico e ao mesmo tempo profundamente desigual – e as ausências de investimento público principalmente no campo da cultura. Também evidenciam, sobretudo, que o conceito aplicado a tal região vai além dos municípios que um dia compuseram o território do Grande Iguaçu – o qual originou esta região –, integrando os municípios de Guapimirim, Itaguaí, Paracambi, Seropédica, Magé. Em outra perspectiva, a dos memorialistas, como evidencia Rocha (2013), o Instituto de Pesquisas e Análises Históricas e de Ciências Sociais da Baixada Fluminense (IPAHB) a região inclui até o município de Mangaratiba, além destes 13.

Com base na discussão histórica levantada por Silva (2013), é possível perceber as diferentes classificações que a região chamada antes “Recôncavo da Guanabara”, depois “Grande Iguassu”, ao longo de sua história teve, até chegar ao termo “Baixada Fluminense” e, sobretudo, os sentidos que os grupos sociais hegemônicos da cidade do Rio de Janeiro usaram para designá-la. Tal conceito se deu a partir da construção de uma imagem pejorativa do território, ou seja, uma imagem que está associada diretamente à violência, à pobreza e ao descaso público que universaliza o entendimento do território, além de consolidar uma posição de subalternidade, como periferia.

O presente trabalho, todavia, compreenderá a região da Baixada Fluminense de um modo diferente, por levar em consideração que todas as nomenclaturas/conceitos que foram utilizadas para designar esta região são oriundas de diversos conjuntos de referências e sentidos (SILVA, 2013). Conforme a autora, é necessário descortinar os significados, obtidos ao longo do tempo, que compuseram a maneira de identificar um território, para que seja possível compreender o sentido que está atrelado a designação de tal porção de terra, ou seja,

Investigar as muitas noções que um território pode ter ao longo do tempo é descortinar os sentidos e significados que arregimentam uma forma de espacializar a região, além de identificar as forças sociais que auxiliaram a construir o sentido da própria palavra que serve para designar a porção de terra. (SILVA, 2013, p. 48)

Torna-se importante destacar que essa nomenclatura “região da Baixada Fluminense” não foi produzida pela população local, mas através dos interesses políticos dos grupos sociais hegemônicos locais articulados aos outros grupos sociais que se localiza(ra)m fora da região, como a mídia televisiva, os jornais, os programas de rádio e outros, influenciados principalmente pelo corpo político da metrópole (SILVA, 2013). Enne (2002), em sua tese, buscou apresentar as principais produções jornalísticas, impressas, que são vistas como canais “sérios” e “sensacionalistas” as quais tratam da imagem dessa região. De acordo com Dias (1996), há uma prática discursiva que norteia essas produções, o “discurso da violência”, que também é uma prática

com cartas previamente marcadas, com táticas de persuasão, com jogos dúbios de significados, com recursos de credibilidade (em que entram, é claro, os próprios recursos visuais representados pelas fotos mais expressivas dos fatos) num contexto complexo de produção, compreensão e uso da notícia (DIAS, 1996:107).

Essas imagens não pairam simplesmente sobre tais delimitações geográficas, mas são grafadas a partir dos discursos hegemônicos no interior dos territórios e ordenam suas dinâmicas sociais, impactando diretamente no sentimento de pertencimento, na autoestima, e também nas subjetividades da população local. Lançadas, então, sobre os territórios que se constituem e estão em constante disputa no interior das Baixadas Fluminenses, imagens arraigadas até nos tempos atuais no imaginário coletivo, seus territórios já foram classificados desde “‘Terra sem lei’, ‘Terra de ninguém’, ‘câncer vizinho’, [até] lugar em que ‘a lei do gatilho é tão natural quanto a lei da gravidade’” (ENNE, 2013:15), o que demonstra o alto grau de violência que estas imagens, ao compor um discurso hegemônico, deposita contra os sujeitos e seus territórios.

Somente nos inícios dos anos 1990 os territórios da Baixada Fluminense começariam a ter uma visibilidade positiva. Entretanto, já nos meados de 80, por meio de inúmeros movimentos sociais, culturais, tais como movimentos dos operários da FIAT. As reivindicações dos trabalhadores, sobretudo os da cultura, e os movimentos sociais, já estavam fazendo surtir efeitos práticos, como a construção de casas e centros culturais, que buscavam ser um lugar “próprio” para o desenvolvimento das forças populares no campo da cultura, pois o momento era de abertura política. Com isso,

A criação e o posterior crescimento dos movimentos sociais na Baixada foram acompanhados pelo surgimento de diversas instituições culturais, especialmente as casas e centros de cultura, que se espalharam pela Baixada para promoverem cursos, “resgatarem a cultura local” e participarem ativamente na construção da “cidadania” para os moradores.

Este período, para muitos, é considerado o “boom” das casas de cultura na Baixada, em que a “cultura” transformou-se em estratégia privilegiada para propor transformações locais e gerar imagens positivas para a região. Tais casas e centros culturais foram aparecendo no final da década de 80 e também no início dos anos 90. Dentre as instituições culturais criadas no período, podemos citar a Casa Cultural Donana, em Belford Roxo (ligada aos grupos de afro-reggae), o Centro Cultural Guerreiros Unidos, de Heliópolis, o Centro Cultural Olga Teixeira de Oliveira, de Duque de Caxias (mantido pela Fundação J. Lazzaroni, que era presidida por Dalva Lazzaroni, uma das “memorialistas” aqui citadas), a Casa de Cultura de Nova Iguaçu, o Espaço Cultural Jacob do Bandolim, de São João de Meriti, o Centro Cultural Espaço Alternativo, de Nova Iguaçu, o Núcleo de Cultura Iguaçuana, Casa de Cultura Elis Regina, em São João de Meriti, a Casa de Cultura de Nilópolis e a Casa de Cultura de São João de Meriti (ENNE, 2002, p. 121).

A partir dessas explosões no campo da cultura, a imagem da Baixada Fluminense começa a ser vista de outra maneira, orientada sobretudo pelo projeto político econômico daquela época, o qual direcionava uma outra construção imagética para ser consolidada por e a partir das mídias hegemônicas (jornais, televisão, etc). Por um lado, é possível descobrir um leque de possibilidades que emerge para tratar do assunto “Baixada

Fluminense” e, com isso, construir, não novas – pois estas já estavam sendo construídas, embora sem muita atenção midiática –, mas outras imagens, positivas da região. Por outro, é possível colocar em xeque as narrativas e o discurso que buscou consolidar a imagem deste multiterritório com base em um acordo com o “sistema representacional hegemônico, de uma periferia no sentido territorial e cultural, tanto física quanto simbolicamente um ‘outro’ a ser temido, evitado, desprezado, ridicularizado, diminuído” (ENNE, 2013, p. 9).

Como discute Enne,

Quando pensamos nas mais diversas formas com que os muitos agentes que lidam com a categoria “Baixada Fluminense” irão utilizá-la, podemos perceber a presença de tais processos relativos à paráfrase e à polissemia. Tal categoria terá sentidos partilhados, especialmente quando relacionados a um contexto geográfico ou como referência espacial. Mas, ao mesmo tempo, são muitos os significados associados à mesma expressão, ultrapassando os sentidos partilhados e propondo novas interpretações para a mesma categoria. Portanto, embora os sujeitos estejam falando de uma “Baixada Fluminense” de forma geral – relacionada a um condicionante geográfico –, ao examinarmos de forma mais apurada as construções discursivas apresentadas veremos **que não se trata de uma “Baixada Fluminense”, mas de diversas “Baixadas Fluminenses”**. (Enne 2013, p. 10, grifo meu)

Assim, não se pode falar da “Baixada Fluminense” com base em discursos homogeneizantes, principalmente porque “esse termo [Baixada Fluminense] foi difundido por aqueles que não eram do lugar para designar um determinado local com imagens negativas, mas foi apropriado pela população migrante, não como conceito único, mas enquanto um campo de muitas possibilidades de sentidos” (SILVA, 2013, p. 58). Torna-se imprescindível a investigação destas outras configurações, que se fundamentam por meio dos territórios afetivos, neste caso, o que Silva (2013) designou de Baixada Afetiva. Com essa busca, torna-se evidente discutir algumas das imagens das Baixadas Fluminenses, dentro de tantas Baixadas possíveis, que os discursos constroem, desconstroem ou reconstroem com a produção dos seus sentidos, pois todo este contexto histórico da formação discursiva da “região da Baixada Fluminense” reduz os sentidos de seus territórios de tal forma, que as vezes parece contraditório, para a população local e os Outros, dizer que neles existem algo além de violência, pobreza e descaso público, como história, cultura, patrimônio, memória (etc.), e mais, como se essas três características só existissem nos territórios da Baixada e não em outros centros urbanos, como o do Rio de Janeiro.

Há silenciamentos/apagamentos acerca dos produtos culturais dos coletivos locais (não somente dos que serão aqui analisados), por conta do que Hall (2016) chamou de

“regime de representação” – que se trata de uma massiva estratégia de representar determinada coisa de um único modo, ou seja, colar um significado em um significante, excluindo as outras possibilidades de significações através da mídia principalmente. Por perceber a dificuldade em garantir a visibilidade dos sujeitos existentes, o objetivo principal da pesquisa é mostrar os modos de fazer, de falar e de se relacionar de cada um dos três grupos socioculturais (Baixada Nunca Se Rende, Coletivo F.A.L.A. e Cineclube XuxuComXis), cujas práticas estão imersas em um processo polifônico que disputa sentidos. Além de discutir as tensões internas e maquinarias discursivas de construção do que seria “BXD” utilizada por cada um sujeito (coletivo).

Portanto, nesta pesquisa, sempre que for tratada da “região da Baixada Fluminense”, significa que este termo estará sendo utilizado enquanto uma maquinaria discursiva hegemônica, pois é produto das relações de poder explicitadas. “Baixadas Fluminenses”, então, será referente as múltiplas camadas desta região, isto é, seus múltiplos territórios. “Baixada(s)”, assim, fará referência a região, mas não sob a forma discursiva hegemônica. Já a BXD, resultando de um constante devir, buscado pelos grupos analisados.

Esta leitura de “região da Baixada Fluminense” está sendo produzida a partir de Quijano (2005), quando empregou o conceito de colonialidade do poder, como ferramenta de análise do sistema mundial capitalista, que é colonial/moderno. O que significa, a grosso modo, que mesmo o Brasil, e outros países colonizados, tenha conquistado sua independência de maneira formal, não quer dizer que os laços culturais foram desfeitos, ou seja, ainda nos sistemas políticos representativos, nas relações sociais, na relação centro-periferia, na cultura, economia, no trabalho e em todas outras esferas de sociabilidade e formações de subjetividades, todos os sujeitos estão submetidos a uma relação específica de poder e dominação eurocentrada, que fundamenta o sistema capitalista a partir de um princípio organizador e/ou lógica estruturante, que é o racismo estrutural (FANON, 2008; GROSGOUEL, 2018). Além de tudo, pela colonialidade – e, neste caso, especificamente a colonialidade do saber –, também se produz um tipo único/universal de conhecimento (que é ocidental), validado por um *status* científico que busca aniquilar todas outras formas de saber, como as que constituem as Baixadas Fluminenses, produzidas sobretudo por coletivos e sujeitos que trabalham a cultura local.

É por e a partir desse (des)conhecimento produzido pela hegemonia colonial – que nada mais é do que “uma tentativa de criar consenso baseada na ideia de que o que ela

produz é bom pra todos” (SANTOS, 2007) – que as desigualdades, principalmente as raciais, são geradas sobretudo na relação centro-periferia. A colonialidade, expressa como as consequências geradas pelo processo de colonização dos territórios nas subjetividades individuais e na cultura (FANON, 2008), criam distâncias, porque

O pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal. Consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis. As distinções invisíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo ‘deste lado da linha’ e o universo ‘do outro lado da linha’. A divisão é tal que ‘o outro lado da linha’ desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente (SANTOS, 2010, p. 29).

O “outro lado da linha”, isto é, os outros saberes-fazer que não os ocidentais, são suprimidos pelo mito do progresso, que é uma das características da modernidade. Nesse sentido, esta mesma modernidade, ao passo que traz consigo todo um discurso de inovação, evolução, novidade, vitórias, evidencia suas contradições.

Ouçó a tempestade. Falam-me de progresso, de realizações, de doenças curadas, de níveis de vida elevados acima de si próprios. Eu, eu falo de sociedades esvaziadas de si próprias, de culturas espezinhadas, de instituições minadas, de terras confiscadas, de religiões assassinadas, de magnificências artísticas aniquiladas, de extraordinárias possibilidades suprimidas (CÉSAIRE, 1978, p. 25)

A modernidade/colonialidade, então, compreendida como um projeto político causador de severos e inúmeros epistemicídios (SANTOS, 2010), traduz uma civilização ocidental que engendrou, na sociedade brasileira, uma divisão racial do espaço (GONZALES, 1984). Essa organização, contudo, estabelece a configuração da relação centro-periferia, na qual o poder se localiza no núcleo urbano, e os outros territórios ficam em condições subalternas existindo em função do centro (VAINER, 2014). Assim como ocorre com a relação que a Baixada Fluminense tem com a metrópole Rio de Janeiro, fazendo com que essa região esteja em posição de subalternidade, principalmente por conta das imagens negativas que estão sobre os territórios da Baixada, tornando invisíveis as produções culturais locais. Isto complexifica-se ainda mais, por nesta pesquisa tratar algumas vezes de territórios nos limites administrativos de municípios de periferia, vistos então, como periferias da periferia, intensificando ainda mais esta relação e as consequências dela.

Uma vez que a conquista foi concluída, todas as partes deste novo mundo tiveram que ser reconstruídas à imagem do mundo ideal no centro: a Europa. As partes que acabavam de ser descobertas e depois apagadas foram refeitas como uma réplica, ainda que imperfeita, inevitavelmente corrompida e pervertida pela própria condição de estar na periferia; por definição atrasados, lugares onde a modernidade estaria sempre ameaçada por desvios,

incompletude e até impossibilidade. Reencarnada no presente, essa colonialidade do conhecimento persiste fortemente nas noções e práticas contemporâneas de construção da cidade. (VAINER, 2014, p. 51, tradução nossa).¹

Portanto, a colonialidade do poder, compreendida como “a ideia de ‘raça’ como fundamento do padrão universal de classificação social básica e de dominação social” (QUIJANO, 2000, p. 4) é o eixo “que organizou e continua organizando a diferença colonial, a periferia como natureza” (MIGNOLO, 2005, p. 35). A construção da região da Baixada Fluminense, nesse sentido, é resultado desse princípio organizador/lógica estruturante que impede que tanto os “de fora”, quanto os “de dentro”, percebam este “outro lado da linha”, de que fala Santos (2010). Neste “outro lado” é que existem as nebulosas (PEREIRA, 2018), (com)formado com as estrelas, névoas e (etc.), outras possibilidades existenciais que sempre escapam principalmente do discurso hegemônico, e se materializam no espaço. Nelas, estão localizados os coletivos culturais da BXD que escapam da norma dominante, criando outras possibilidades de significações de seus territórios.

“Pensar por nebulosas”, quer dizer, utilizar da metáfora proposta por Pereira (2018) para conhecer os coletivos culturais escolhidos da BXD, e assim como essas múltiplas formações no universo se movem na escuridão com seu brilho intenso, a profunda distância dos olhos humanos, constituem uma “figura singular plural”, tal como é a palavra “coletivo” e tal como pode ser a “BXD”. Nesse sentido, por considerar essa forma de olhar e pensar, torna-se importante compreender que as nebulosas são “moventes” e, portanto, por se condensarem sob diferentes modos, ao mesmo tempo que se (trans)formam com o tempo, estão sempre escapando. Tal como o objeto desta pesquisa que está em constantes condições de apagamento/invisibilidade, mesmo que esteja brilhando em suas profundezas produzindo os seus sentidos (d)e territórios. Assim, torna-se necessário observar a conexão desses rastros, pontos luminosos, névoas que se formam, deformam, reformam e transformam a partir das táticas (CERTEAU, 2014) dos coletivos socioculturais que se utilizam da sigla BXD, como o Baixada Nunca se Rende, o XuxuComXis e o Coletivo F.A.L.A.

¹ “Once the conquest was complete, all parts of this new world had to be rebuilt in the image of the ideal world at the centre: Europe. The parts that had just been discovered and then erased were remade as a replica, albeit imperfect, inevitably corrupted and perverted due to the very condition of being on the periphery; by definition backward, places where modernity would always be threatened by deviations, incompleteness and even impossibility. Reincarnated in the present, this coloniality of knowledge powerfully persists in contemporary notions and practices of city making”

Conforme Certeau (2014), as estratégias, diferentemente das táticas, acontecem em um lugar “próprio”, e isto pode ser compreendido desde os aparelhos institucionais até os grupos locais que fazem a mediação entre os discursos hegemônicos e os subalternos. Então, possuem uma continuidade, uma série de acontecimentos que é produto de uma ordem de discurso (FOUCAULT, 2014). Tal como ocorrem com as formas hegemônicas de representar a região da Baixada Fluminense. As táticas, às avessas, acontecem na ausência desse lugar próprio, e elas são as ferramentas que os subalternos propõem, ao se apropriarem da norma e subverterem-na. Certeau (2014) discute essa dialética através da cultura, e é por este meio que ocorre um deslocamento da região da Baixada Fluminense para BXD, justamente nos usos que os sujeitos de periferia fazem da norma, operando um código astucioso novo (BXD) através do trabalho de/em seus territórios.

O conceito de “território”, nesse sentido, está sendo tratado da mesma maneira com que trata Haesbaert (2005), ou seja, sabendo que pode ter dois significados: o território funcional, isto é, como processos de dominação; e o território simbólico, compreendido como processos de apropriação. Essas diferenças são evidenciadas por Haesbaert a partir de uma leitura de Lefebvre, que vai dissociar a ideia de “apropriação” de “propriedade” e discutir o território como espaço-tempo vivido. Assim como Porto-Gonçalves (2017, p. 43) quando afirma que

[...] território é espaço apropriado, espaço feito coisa própria, enfim, o território é instituído por sujeitos e grupos sociais que se afirmam por meio dele [e por isto] [...] o território tende a naturalizar as relações sociais e de poder, pois se torna abrigo, lugar onde cada qual se sente em casa, mesmo que numa sociedade dividida” (PORTO-GONÇALVES, 2017, p. 43).

Conforme Foucault (2014), o poder é exercício através de sujeitos em todas as relações que estão em todos os espaços, também se consolida na disputa pelo território. Tais relações de poder são evidentes na relação entre os sujeitos pertencentes aos municípios oriundos do Grande Iguassu, e a imagem/conceito imputada à região da Baixada Fluminense, através de corpos políticos e midiáticos heterogêneos. Dessa maneira, os sujeitos da periferia se apropriam dos territórios com suas táticas, mas os dominantes tratam tais territórios e sujeitos como propriedade a partir de suas estratégias (CERTEAU, 2014). As estratégias de dominação, então, tornam-se percebidas pela dialética táticas-estratégias na existência dos que vivem nos espaços-tempos dos territórios das Baixadas Fluminenses. Parte desta dominação advém de um discurso de

modernidade apreendida na metrópole, que coloca os sujeitos da periferia em posições subalternas fazendo com que tenham que enfrentar um modelo universal de modernização que os excluem, os apagam ao os tornarem invisíveis.

Por estarem sujeitos a modernidade, os coletivos da BXD produzem algumas táticas para se relacionarem com a população local, entre elas a produção de eventos, filmes, fotografias, visto que eles têm na educação não-formal como prática basilar. Conforme Gohn (2015), a educação pode ser compreendida de três formas: a formal, informal e não-formal. A primeira é a que ocorre em espaços como escolas, universidades, onde os estudantes estão ali para cumprir uma determinada carga horária de ensino obrigatório. A segunda ocorre em espaços familiares, em rodas de amigos, em conversas cotidianas (etc.). Já a não-formal, é a que interessa esta dissertação, é trabalhada dentro de espaços que exercem algum modelo pedagógico, mas fora dos espaços formais de educação, isto é, dentro de ONGs, coletivos/centros culturais, instituições (etc.). Com base nesse tipo de educação, os territórios são potencializados e ampliados, e conseqüentemente o poder, sobretudo com as táticas dos subalternos, também.

A partir destes espaços e destas condições que os sujeitos (neste caso, os de periferia) podem se infiltrar nas brechas da estrutura colonial e corroê-las, mas deixando seus rastros ou seus caminhos, sempre que possível para interligar às gerações futuras, presentes e passadas, como fazem os coletivos da BXD com suas produções quando conectadas com a comunidade local. Estes rastros que ficam podem ser pensados também como rugosidades, visto

que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos. É dessa forma que elas são uma parte desse espaço-fator. Ainda que sem tradução imediata, as rugosidades nos trazem os restos de divisões do trabalho já passadas (todas as escalas da divisão do trabalho), os restos dos tipos de capital utilizados e suas combinações técnicas e sociais com o trabalho (SANTOS, p. 92, 2006).

As rugosidades podem ser, portanto, compreendidas com o exemplo do momento em que as casas e espaços de cultura que foram construídas a partir dos anos 90 na Baixada, estavam em efervescência, fazendo parte das conquistas que foram possíveis em uma determinada temporalidade e deixadas para o futuro. Essas formas que hoje são herdadas pelos coletivos culturais que serão analisados, estão sempre “à espera, prontas para eventualmente exercer funções, ainda que limitadas por sua própria estrutura”

(SANTOS, 2006, p. 92). Nesse sentido, como o produto das ações dos coletivos escolhidos também estão “à espera” por continuidade, o que também significa descontinuidade/destruição da norma dominante, assim essa produção será lida a partir de um modo de olhar que denominaremos metaforicamente de fruto da ação dos “sujeitos-cupins”, sobretudo pela similaridade que os sujeitos tem com estes insetos, em termos de produção, como os túneis que os cupins constroem nas superfícies.

Assim, estes insetos, tais como as formigas, vivem em sociedades, possuem funções e espécies das mais diversas, constroem túneis, se infiltram por baixo da terra, conseguem voar com objetivo de construir novas colônias para se multiplicarem e buscam sempre ações coletivas para (re)existência, ou replicação, de seu modelo de bem-viver² (ACOSTA, 2016), mas são os únicos que mesmo tão pequenos, quando juntos, conseguem destruir de madeira a concreto, desde a mais frágil estrutura até a mais rígida. Em alguns momentos, são vistos como “pragas” justamente por isto. São difíceis de serem exterminados, pois se instalam em diversas fendas, nas falhas dessas construções, se escondem enquanto escavam e, aos poucos, assim como as nebulosas no universo, constroem as mais variadas formas de seus cupinzeiros, podendo produzir construções de alturas inimagináveis como este da figura 1, que possui mais de 2 metros de altura.

Figura 1 – Cupinzeiro e suas fendas



² “O Bem Viver é uma filosofia de vida que abre as portas para a construção de um projeto emancipador. Um projeto que, ao haver somado histórias de lutas, de resistência e de propostas de mudança, e ao nutrir-se de experiências locais, às que deverão somar-se contribuições provenientes de diversas latitudes, posiciona-se como ponto de partida para estabelecer democraticamente sociedades sustentáveis” (ACOSTA, 2016, p. 40).

Fonte: Foto do Autor, 2022.

Como os sujeitos “subalternos” estão “do outro lado da linha” do pensamento abissal (SANTOS, 2010), estando em diversas periferias, neste caso, na Baixada ou na BXD, atuam de modo semelhante aos cupins em seus diversos cupinzeiros. Afinal, seus túneis formam também linhas, entretanto estes insetos não estão em nenhum lado (nem acima ou abaixo da linha), mas dentro construindo seus percursos. Com isso, é possível pensar uma formação de sujeitos que mesmo que esteja condicionada às normas que lhes são sobrepujadas, não se rendem, se apropriam e subvertem-nas, sempre na expectativa de uma nova brecha para poder se infiltrar com seus túneis e conquistar alimentos (madeira), afim de permanecerem vivos. Quanto mais túneis, mais fragilizadas as estruturas ficam.

Com suas ações, destroem as estratégias e mantêm suas colônias, através de seus rastros sejam nas superfícies ou na memória dos que tiveram que lutar contra eles. Nem sempre todos conseguem permanecer vivos, sobretudo em momentos de revoadas, que é quando criam asas e saem em conjunto para copular e, com isto, construir outras colônias. Como os sujeitos-cupins, ou melhor, moradores da periferia, estão em constante guerra colonial, e sabem que devem vencê-la, ou ao menos resistir, o fazem comendo a estrutura que os universaliza enquanto praga, enquanto inseto minúsculo e que deve ser obliterado. Devem, portanto, ser precisos para se protegerem das armadilhas coloniais, como as lâmpadas das casas (a tal modernidade, inclusão subalterna, etc), quando a noite são acessas, seduzem os cupins os fazendo morrer.

A cupinzama, que é o nome do coletivo de cupins e/ou cupinzeiros, demonstra a partir do modo como age que é necessário corroer por baixo a “lógica estruturante” de que fala Grósfoguel (2018), e que seus túneis devem nascer das/nas brechas (im)possíveis. O poder, principalmente coletivo, que os sujeitos-cupins exercem é o que torna possível a materialização de seus mundos imaginados. O poder de estar embaixo da terra ou na superfície, ser invisível e as vezes visível, atacar coletivamente na busca de outros espaços para a construção de outros territórios, outros cupinzeiros, com formas flexíveis e imprevisíveis, faz com que suas táticas coletivas tenham um caráter revolucionário.

É por isto que os sujeitos de periferia aqui estudados podem ser vistos enquanto “sujeitos-cupins”, pois tem algumas similaridades destes insetos, moldando/construindo

as suas diversas camadas de Baixadas Fluminenses, tal como é a BXD, através das táticas e da não rendição para as diversas estratégias da modernidade que fundamentaram a “região da Baixada Fluminense” em um território petrificado como violento, pobre, sem políticas públicas e essencialmente subalterno. Os (sujeitos-)cupins são alvos da modernidade desde que nascem, porque já vêm ao mundo em um território/cupinzeiro “instalado” e suas existências são suficientes para indicar o temor que as classes dominantes têm de possíveis rupturas, deslizos, deformações e transformações, tal como o homem³ tem quando vê a sua casa (seu “lugar próprio”) tomada por cupins.

As astúcias destes sujeitos-cupins estão fora do discurso hegemônico, pois elas escapam da norma, da ordem e são as que pressionam, principalmente, através de suas táticas, para que ocorra uma atualização das estratégias dos grupos dominantes, seja externamente ou internamente em suas próprias disputas, visto que há exercício de poderes em jogo. Aqui, entende-se estas práticas como os túneis que os cupins fazem nas superfícies. Estes túneis orientam as próximas gerações na construção de futuros possíveis, seja em relação à cupinzama ou ao que Collins (1990) chamou de espaços seguros, quando discutiu os espaços de autodefinição das mulheres negras para resistir às lógicas dominantes; é dentro destes lugares que os códigos são construídos e compartilhados. O BXD, como código construído destes sujeitos-cupins, é o que fundamenta a escolha dos produtos, portanto, pois ele está presente nas produções que serão apresentadas.

O objeto desta pesquisa, então, é a análise da atuação dos coletivos, apresentados a partir de seus produtos, que estão relacionados com a sigla BXD, buscando compreender seus caminhos, falas e mediações, aliás estes objetivos tornaram-se capítulos, e em cada um deles um conjunto de dados/informações foram utilizados, buscando inteligibilidade do que é BXD e como se apresenta nos grupos.

Assim, o objetivo geral da pesquisa é:

- Compreender o custo da visibilidade dos grupos socioculturais dentro do campo cultural da Baixada Fluminense e externamente.

Já os objetivos específicos, são:

³ Aqui refere-se ao “homem” enquanto categoria moderna/colonial, isto é, o homem branco, “senhor da História” que tenta por tudo dominar a natureza (SHIVA, 2000).

- Descortinar a região da Baixada Fluminense através das coproduções que utilizam a sigla BXD;
- Identificar e descrever os grupos socioculturais que utilizam a sigla BXD;
- Descrever as táticas e as narrativas dos grupos analisados;
- Descrever o contexto sociopolítico em que tais grupos socioculturais estão inseridos atualmente.

O primeiro conjunto de informações foram extraídos de três produções audiovisuais, dois documentários (“Revirando o Jogo” de 91’ do XuxuComXis e o “#BXD Baixada Nunca se Rende” de 65’, do coletivo Baixada Nunca se Rende) e um videoclipe (“BXD Existe” de 3:50’ do XuxuComXis), mais três eventos (um presencial, o “Rap Free Jazz”, e dois virtuais, “Mostra de Artes do Coletivo F.A.L.A.” e “OFF RAP: Resistência, ativismo e produção”, todos do coletivo F.A.L.A.). São fontes de informações de origem diferentes, mas partilham de uma similaridade: uma ideia de movimento. Os audiovisuais são resultados da junção de quadro a quadro (por uma tecnologia) dando uma organicidade a partir de objetivos previamente construídos (por uma direção), da mesma forma que os eventos foram criados para aglutinar um determinado público, a partir de um desejo inicial de encontro. O movimento da experiência de participar de um evento, mesmo não sendo equivalente ao movimento dos filmes, podem, entretanto, serem lidos como discursos, nestas objetividades/subjetividades previamente estabelecidas.

Como narrativas, é possível nas produções audiovisuais dos dois coletivos descortinar seus territórios e entender a interpretação que fazem da relação centro-periferia a partir da Baixada, já nos eventos, é possível perceber os objetivos dos encontros e quem buscavam aglutinar, dando conta da heterogeneidade das diversas expressões artísticas envolvidas. A ferramenta utilizada para descortinar esses discursos (produções) foi a descrição, realizada a partir de um lugar que não está isenta de intencionalidades, ao longo dos capítulos isto poderá ser visto.

O segundo conjunto de informações vieram de textos oficiais, dos editais culturais, a lei Aldir Blanc. São textos produzidos pelo Estado, e como tais devem ser entendidos como frutos de uma administração pública. A burocracia, independente das características que assume em cada momento, deve ser pensada como espaço de poder não só porque tem acesso aos recursos produzidos pela sociedade, mas principalmente pela sua própria lógica de ação. As ações concretas no interior do Estado são permeadas

por intencionalidades que não foram condicionadas somente pelas demandas externas e é neste jogo de múltiplos interesses que se conformam os espaços institucionais. Isto significa dizer que o contexto, as forças políticas, o imaginário social e as próprias exigências materiais de funcionamento devem ser levados em consideração na leitura destes materiais. Desta forma, o contexto de produção interno, as forças sociais que permitiram a sua emergência e o impacto destes documentos no público-alvo fazem parte da interpretação dos mesmos

O terceiro conjunto refere-se as entrevistas com questionários semi-estruturados, que foram transcritas, com os integrantes que estiveram disponíveis de cada coletivo, ou seja, foram criados grupos de entrevistas em salas do *Google Meet* (no caso do XuxuComXis, foram entrevistadas duas mulheres, uma branca de 28 anos e outra negra de 30 anos, tendo a duração de 110'; do Baixada Nunca se Rende, três pessoas, dois homens com 50 e 52 anos, e uma mulher de 50 anos, todos negros, que durou 138'; e finalmente os da F.A.L.A., duas pessoas, um homem negro de 36 anos e uma mulher branca de 25 anos, com 293') buscando analisar o processo de constituição de cada coletivo, seus discursos, como eles se relacionam com o Estado, quais as motivações e intenções para a construção de suas práticas, suas contradições, suas produções culturais, como elas são feitas e também identificar as relações de poder internas e externas. As entrevistas ocorreram a partir das diretrizes e aprovação do Comitê de Ética da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Tal medida assegurou aos entrevistados a opção pelo anonimato em seus depoimentos, tal como recomendado no processo 59654422.0.0000.8044.

Como já foi dito, este trabalho será dividido em três capítulos. O primeiro intitulado “Caminhos” discutirá os processos de criação dos coletivos como forma de apresentar suas práticas que se materializaram em produtos. Esta descrição busca compreender justamente a construção de suas produções, como frutos da articulação interna e com a população local. Os “processos caminhatórios” realizados por Certeau (2014) podem ser utilizados aqui também, principalmente quando nos revela que “caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio”, levando em consideração que “a caminhada afirma, lança suspeita, arrisca, transgride, respeita etc. as trajetórias que ‘fala’”(CERTEAU, 2014, p. 166).

No segundo capítulo serão tratadas as “Mediações”, que terá o objetivo de investigar os diálogos estabelecidos entre os coletivos e a sociedade de uma maneira

geral, e privilegiadamente o Estado, por meio dos editais. Através dos espaços de mediação é possível vislumbrar a atuação destes coletivos, que trabalham em certa opacidade, daí a escolha, neste capítulo, de indicar os espaços de contato entre os grupos que usam a BXD e os Outros (aqueles que não usam). Tal como Elias e Scotson (2000) fizeram ao discutirem a relação entre os estabelecidos e os *outsiders* de uma comunidade (denominada ficticiamente de Winston Parva), os estabelecidos, aqui, são os que sustentam ou compõem a norma “Baixada Fluminense”, isto é, dão sustentação às imagens pejorativas da Baixada, os que não utilizam da sigla BXD, mesmo que vivam na região. Os que utilizam BXD serão vistos como os *outsiders*. Como discutem os autores, as relações de poder são instáveis e dependem do grau de coesão social destes dois grupos (ELIAS e SCOTSON, 2000). Nesta pesquisa, tenta-se falar de dentro destes *outsiders*, assim aparecerão muitos “Outros”, como o mercado, o terceiro setor, o Estado e (etc).

Nesse sentido, são necessárias traduções para tornarem inteligíveis os códigos que envolvem a BXD, para estes “outros”, todos articulados aos estabelecidos. É o que se busca identificar no último capítulo, as “Falas”, que tem este nome principalmente por influência de Spivak (2010), quando discutiu se o subalterno poderia ou não falar. A autora vai defender que o subalterno não fala, pois para tornar-se inteligível, dependeria de mediações e, nessa dinâmica de tradução dos processos culturais, os sujeitos que estão em posições de dominação, condição de organizar os discursos, como “detentores do saber” ou da “verdade”, constroem uma voz “autoral” – que deveria ser desses “subalternos”, mas que não é – com o objetivo de falar por/sobre eles. Por isso, Kilomba (2019) aponta que o subalterno fala, independente se é ouvido ou não, mesmo que haja a intenção do diálogo, ou de cooptação (para se tornar inteligível) .

Como dito, aqui, pretende-se enfrentar o desafio de falar de dentro, ou seja, “sob” ou “entre”, falar com sujeitos que compõem a BXD. Não por/sobre eles, mas com eles, como resultado dos esforços que os coletivos estudados produziram, como mais uma tipologia de saber, neste caso o intelectual acadêmico e contemporâneo, que discute e problematiza a Baixada e a existência dos sujeitos que compõem a BXD. Assim, entende-se que o subalterno, independentemente de ser ouvido, fala. Por isso, este trabalho tem como objetivo central ler as práticas como representação de um discurso, construídas a partir das falas e produções dos coletivos que são objeto desta pesquisa, para compreender como estes discursos interagem (ou não) com o discurso hegemônico, aquele referente às imagens pejorativas da Baixada. Como sujeitos-cupins que são, estes coletivos percorrem

diversos caminhos fissurando as representações que petrificam seus territórios em um sentido universal.

A ideia central que permeia este trabalho tem a hipótese de que as produções autônomas, identificadas pela utilização da sigla BXD, utilizam a imagem hegemônica da Baixada Fluminense como tática principal para reivindicarem políticas públicas buscando transpor essas imagens negativas. Os coletivos socioculturais, então, a partir de suas produções procuram evidenciar a fala dos “de baixo” e, dessa maneira, tendem a denunciar o descaso público que produz, consequentemente, violência e pobreza, ou seja, denunciam o retrato da maior violência produzida neste território: a Estatal, sobretudo por sua “ausência”, o que se torna estratégia de apagamento da memória dos sujeitos que constituem os territórios.

No interior do processo das produções, os coletivos não se constituem como uma unidade, isto é, não são totalmente articulados entre si e não têm projetos políticos iguais para a comunidade/sociedade. É justamente por estarem inseridos na pós-modernidade, na era das conexões digitais, da velocidade e do imediato, que as desarticulações se complexificam mais ainda. O presente trabalho assim busca compreender a complexidade das desarticulações sobretudo pelas desconexões digitais, por inúmeros fatores como, por exemplo, o analfabetismo digital, que é uma ferramenta social de exclusão entre os que lutam a mesma luta, também leva em consideração a hipótese de que os coletivos não utilizam a sigla BXD com um sentido único, justamente por conta das desarticulações e desconexões entre os grupos que atuam na Baixada Fluminense. Talvez essa dificuldade dos coletivos se entenderem de maneira conjunta seja reflexo da mesma dificuldade que o Estado tem de deliberar políticas públicas integradas para a Baixada.

É possível que as maquinarias discursivas hegemônicas que construíram uma imagem de região sejam utilizadas como parte de políticas públicas para silenciar o trabalho dos sujeitos-cupins que, ao não serem ouvidos, perceberam que continuariam isolados acusticamente, resolvem então atuar de maneira coletiva e autônoma. Assim como a necessidade de estar empregado no mercado de trabalho é uma característica central na vida da população de periferia que atua no campo da cultura, as ausências de políticas públicas que possam fazê-los permanecer com suas atividades, fazem com que estes sujeitos sejam pressionados a desistirem de seus sonhos, evadindo, assim, de seus coletivos. As ausências, então, tornam-se políticas públicas que possuem objetivos bem

delimitados e que contribuem para a manutenção dos discursos de violência, pobreza e descaso público características da região da Baixada Fluminense.

Convido-os, então, nas próximas páginas a conhecerem a BXD.

Capítulo I

Caminhos

Este capítulo tem como objetivo central apresentar seis produtos culturais realizados/feitos pelos três coletivos, que são objeto desta dissertação. Os dois primeiros deles, do coletivo XuxuComXis, de Nova Iguaçu, são um videoclipe de 3:50' intitulado “BXD Existe”, de 2021, e um documentário de 91' intitulado “Revirando o Jogo”, de 2020; o terceiro deles, do coletivo Baixada Nunca Se Rende, o documentário de 65' cujo título é o mesmo nome do coletivo, mas antecedido pela hashtag BXD, ou seja “#BXD Baixada Nunca Se Rende”, e o restante são eventos realizados pelo coletivo Fábrica de Apoio a Linguagem Artística (F.A.L.A.), que produziu um evento multicultural presencial (de 2015 até 2019 em função da pandemia do coronavírus), conhecido como “Rap Free Jazz”, e outros dois virtuais: “Mostra de Artes do Coletivo F.A.L.A. edição virtual” e o “OFF RAP: Resistência, ativismo e produção”.

Os caminhos serão vistos enquanto resultado de práticas desenvolvidas por estes três grupos estudados. Assim, o objetivo do capítulo é compreender, por meio da descrição de como são realizadas essas práticas, isto é, a construção dos produtos culturais de cada coletivo, como frutos da articulação com a população local. Aqui, entende-se estas práticas como os túneis que os cupins fazem na terra e que, com isso, orientam as próximas gerações na construção de futuros possíveis, principalmente em relação à cupinzama – que é o coletivo de cupins e por isso também de cupinzeiros. Da mesma maneira que “coletivo” é uma palavra que carrega o sentido de pluralidade e singularidade, ao mesmo tempo em que cada um dos caminhos é construído e trilhado de diferentes formas, o que destaca a pluralidade, embora a utilização de um código (o BXD) seja comum aos três, nem sempre contrapondo os sentidos hegemônicos da Baixada Fluminense, visto que agregam também outros sentidos.

1.1. XuxuComXis

Entre algumas das produções audiovisuais do XuxuComXis, estão o videoclipe “BXD Existe” (de 3:50') e o documentário longa-metragem “Revirando o Jogo” (de 91'), iniciaremos com uma descrição do primeiro videoclipe, que é mais curto e mais recente,

para depois analisarmos descritivamente a segunda produção. Este videoclipe foi lançado no dia 25 de março de 2021, como contrapartida de um dos editais elaborados a partir da lei Aldir Blanc. Por volta de 20 pessoas fizeram parte da construção desta produção, tendo a Pamela Ohnitram, integrante do XuxuComXis, como diretora.

A sinopse, presente no canal de lançamento (Youtube) desta produção, é a seguinte:

É um caminho de enaltecimento ao nosso território, onde perpassa uma história de riqueza e memórias. Uma Terra indígena onde fortalecemos a importância dos primeiros habitantes na "CIDADE PERFUME" onde Nova Iguaçu era a maior produtora de laranja do país exportando para São Paulo, Argentina e Europa. Esse fato trouxe o aumento da população rural em 1920 onde se fez a migração nordestina para o estado do Rio de Janeiro no qual se concentrou na região metropolitana fluminense. Mas o clipe vai muito além disso mostras o sincretismo do território em suas vestes, e pintura corporal e transcreve o poder da existência e a importância desse povo para Capital (BXD EXISTE, 2021).

Antes de iniciar o videoclipe são exibidos os patrocinadores, que são o Governo Federal, a Secretaria Especial da Cultura de Nova Iguaçu, a Secretaria Municipal de Cultura e a Fundação Educacional e Cultural de Nova Iguaçu (FENIG). O vídeo começa ao som dos tambores, logo depois, na primeira cena, composta por fumaça com a cor predominantemente rosa que vai aos poucos se desfazendo, o que faz com que uma dançarina de traje amarelo apareça, enquanto outros dois dançarinos (um homem e uma mulher) se aproximam, um em cada lado da dançarina e ficam revezando de lugar.

Ainda nesta cena, uma outra mulher, que não dança, tem uma expressão séria, com um vestido azul, uma planta conhecida popularmente como espada de São Jorge na mão direita apontada para cima, aparece se aproximando ao fundo com um andar imponente. A voz da cantora Adrielle abre as primeiras estrofes da música e ao mesmo tempo em que ela canta “Eu não quero falar de amor com o Marcinho/ Eu quero falar de amor com você/ É você pô/ Que quase ninguém pergunta sobre amor”, esta mulher de vestido azul aponta a planta para o espectador, vira de costas como se fosse embora em movimentos lentos e rapidamente volta-se e finca a planta no chão, o som neste momento emudece, logo após a última forte batucada, e as nuvens do céu, assim como a fumaça rosa da abertura, mas desta vez de modo a personagem desaparecer, permitindo a transição desta cena para a próxima onde aparece o nome do videoclipe “BXD Existe” em cores douradas com o nome dos cantores (Adrielle Vieira e Tiago TK). A letra da canção do videoclipe é a seguinte:

BXD EXISTE

Se quiser falar de amor
fale com o Marcinho⁴
Eu não quero falar de amor só com o Marcinho
Eu quero falar de amor com você

É você pow
Que quase ninguém pergunta sobre amor

Amor pela baixada
Só quem é cria que sabe
Rolê pega o corre
Atravessar a cidade

Japeri a central qual é a próxima estação?
Bananada é 50 kit Kat tá na mão

Tá ligado nos artistas que apresentam no vagão

Então me ajude a segurar
Bxd Bxd
Essa barra que é gostar de você
Então me ajude a segurar
Bxd Bxd
Essa barra que é gostar de você

Didididiê
Didididiê iê iê ê
Didididiê
Didididiê iê iê ê

Mais que resistência
Nós é existência (2x)

Diz que me diz
Fala que fala
Isso é baixada fluminense
Trabalhadores de infância
Central a Japeri
Constantemente
Vagão a vagão
Vendo assim
Olha o Kit Kat aí
Compra um leva 2
Mais um pra moça ali
Vê se o anjinho
Não merece
tem de que?

cotidiano bxd
tô cantando pra você
tá ligado que existe
a beleza é que nós insiste

insiste em derrubar
Engrenagem do sistema

⁴ A referência que se faz aqui é do famoso MC Marcinho, que canta uma música que a letra é “se quiser falar de amor, fale com o Marcinho”.

não vem pra criticar
vivência de pequena

Só quem entende é cria
Multidão pra mais de mil

Se tu não tá ligado
Pique furacão 2000
Racista passa mal vendo a gente se unir
vou dizer mais uma vez
Nós tamo aqui

Atravessando a cidade
Desde a nossa infância
Nem vem com esse papo que não temos relevância

Nem vem com esse papo que não temos relevância

Aaaaaa

Mais que resistência
Nós é existência (2x)

Bxd bxd
(BXD EXISTE, 2021)

Os primeiros acordes de violão começam a serem instrumentalizados, os primeiros versos da música cantados e outras cenas vão aparecendo. Algumas tem características em comum: o enquadramento é por trás de uma pessoa e em sua frente há imagens de cidades da Baixada Fluminense, como se traduzisse que a cidade está sendo observada pelos sujeitos que ali vivem. Outra cena com um enquadramento similar mostra uma passageira dentro do trem chegando à estação Central do Brasil, localizada no centro da cidade do Rio de Janeiro. Em seguida, mostram mãos negras mexendo na terra, e logo depois uma mulher negra de costas sorrindo. Enquanto estas cenas são exibidas, a canção transcorre, mostrando o cotidiano dos trabalhadores que costumam se locomover pelos trens – o foco é dado aos trabalhadores informais, que vendem em sua maioria produtos de baixo preço, como balas, doces, chocolates e etc.

O primeiro refrão da música “Então me ajude a segurar/ BXD! BXD!/ Essa barra que é gostar de você” é cantado pela primeira vez, enquanto três pessoas negras de roupas amarelas e uma de roupa azul dançam. Nesta cena são aplicados alguns *zooms* nos adereços utilizados pelos dançarinos e nos movimentos que estes fazem, o que permite enfatizar as referências africanas em toda a composição estética desta cena. O segundo refrão “mais que resistência/ nós é existência” é cantado e utilizado como transição para a participação do Tiago TK, que vai contribuir com uma pequena performance do rap.

Ele inicia informando que muito se fala sobre a Baixada, e enquanto isso algumas imagens, não as comumente compartilhadas nas televisões e capas de jornais, mas de indígenas, africanos, trabalhadores, partes da cidade, os trilhos da ferrovia que marca a história da Baixada Fluminense, e dos rios são exibidas. Tiago continua cantando, mas foca em apresentar os trabalhadores informais que utilizam o trem para trabalhar, logo depois Adrielle já retoma a música cantando “Cotidiano BXD/ Tô cantando pra você/ Tá ligado que existe/ A beleza que nós insiste/ Insiste em derrubar/ Engrenagem do sistema/ Nem vem pra criticar/ Vivência de pequena”.

Neste momento, da retomada da cantora, as dançarinas performam alguns passos de bailes de favela e há uma imagem sobreposta de dentro dos vagões de trem. “Atravessando a cidade/ Desde a nossa infância/ Nem vem com esse papo/ Que não temos relevância” é o que se canta antes de chegar ao último refrão “mais que resistência/ Nós é existência”, mas dessa vez as palavras desse verso vão sendo formadas com destaque sobre os dois cantores. Logo depois as outras dançarinas se agrupam com os cantores ainda dançando e, ao final, fazem um gesto com a mão direita para cima com punho cerrado e saem de cena andando. O clipe termina, em seguida aparecem os créditos, mas o que fica são as imagens que foram montadas para dizer o que constitui a Baixada.

Em cada cena, grande parte dessas imagens, assim como toda a letra da música, não está desassociada das representações hegemônicas da Baixada Fluminense. A pobreza, a ausência de políticas públicas e a violência – principalmente a que os sujeitos estão submetidos, por conta da forma como as periferias são vistas pelo Estado – estão presentes, mas em um contexto diferente que está atravessado pelas representações artístico-culturais locais. Os trajes, as cores, a linguagem corporal, o estilo de música e os símbolos utilizados são exemplos disso.

A BXD, sendo mais do que resistência, é um conjunto de existências de onde sempre germinam novos sujeitos que irão compô-la. Ela existe e ao percebê-la, as imagens que constituem a Baixada Fluminense, enquanto discurso que associa a região a um território hostil, são deslocadas para um outro cenário que só é possível a partir da apropriação que estes sujeitos fizeram da norma, subvertendo-a. A BXD, neste videoclipe, parece ser muito diferente da imagem comum da Baixada Fluminense; são diversos territórios constituídos sobretudo pelo afeto, é uma Baixada Afetiva, que por isso existe, sobretudo, pelo prazer de fazer parte dela, no sentido de comunidade.

Já o documentário “Revirando o Jogo” discute mais profundamente algumas das questões apresentadas no “BXD Existe”, não somente com os moradores da Baixada Fluminense, mas com outras periferias da cidade do Rio de Janeiro, tais como das favelas da Zona Norte, Sul e Oeste. Nele, é possível também perceber como integrantes de coletivos socioculturais se relacionam com as imagens hegemônicas da Baixada. O documentário, que é o primeiro longa-metragem do XuxuComXis, foi produzido durante 3 anos a partir de recursos próprios, possui 1 hora e 31 minutos e inicia com a música do videoclipe “BXD Existe”, mostrando que as produções estão interligadas.

Este longa-metragem contou com quase 50 pessoas, pois foram convidadas a participar de um jogo proposto, ou a dar entrevistas acerca da relação centro-periferia, sendo moradores da Baixada Fluminense e de outros lugares periféricos do Rio de Janeiro. Foi idealizado e teve roteiro de Pamela Ohnitrans. Existem três modelos de cenário nesse filme, um é dentro de um espaço onde tem um jogo com pessoas de máscaras brancas e outras pretas, há outro cenário fora desse ambiente, onde ocorrem as entrevistas com os convidados de distintos territórios. Embora exista esta separação entre os que estão participando de uma atividade lúdica (o jogo) e os que estão fora dessa atividade, o que pode ser percebido é que em ambas, as pessoas respondem e discutem o mesmo assunto, que é o da relação entre o centro e as periferias. Já o terceiro cenário é um mosaico de cenas, que os próprios produtores do documentário construíram com base em dados de pesquisas que fundamentam os discursos que são produzidos.

A sinopse deste longa-metragem de 2020 é a seguinte:

Revirando o Jogo é um filme que traz as perspectivas de pessoas de quatro territórios periféricos no RJ (Zona Norte, Zona Sul, Zona Oeste e Baixada Fluminense). A partir de uma dinâmica de um jogo com interseções com depoimentos de moradores que vivem nesses territórios e obstruindo esses estereótipos estruturais (REVIRANDO O JOGO, 2020).

Antes de iniciar o documentário, o logotipo da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do governo do Estado do Rio de Janeiro aparece, depois o do próprio coletivo XuxuComXis e, por último, uma frase do Foucault “Lá onde há poder, há resistência. A resistência do pensamento”. A primeira cena, então, inicia o documentário com um sol nascendo com o canto do galo, ao mesmo tempo é narrada uma poesia sobre o jogo que é a vida – chamada “Retrato do meu Brasil” de Alan Salgueiro –, sendo jogado por aqueles que sobrevivem e/ou por quem se diverte. Além disso, há na poesia uma metáfora acerca das cidades serem feitas de tabuleiros, de regras, de cartas marcadas. Outra

metáfora, aponta para o campo das táticas que são capazes de reinventar a “roda que faz a cidade girar”; enfim, uma poesia que é metáfora em si mesma, pois é uma metáfora do movimento, indo de um lugar para outro, da mesma maneira que os sujeitos fazem quando precisam sair da periferia para trabalhar no centro, em um movimento pendular. Enquanto isto, diversas imagens, como do alto dos prédios, do céu, dos pés de multidões caminhando em centros urbanos, das estações de trens, das rodovias, placas de ruas, favelas, assim como os nomes e as funções dos integrantes da produção vão aparecendo lentamente.

A vida é um jogo, por sobrevivência ou diversão. É dança feita de memória, imagem e som. E de corpos preenchendo de vida o tabuleiro inscrito no espaço, e se eu jogar um aliado... se descortinar? Ou pegue pela mão e leve pra passear, no vai e vem do trem se aprende a gingar e a cada estação um novo jogador te acenará e em cada cena uma nova oportunidade a virar, de recriar as regras desse velho jogo de cartas já não tão marcadas, pois é hora de reconstituir as pegadas e reinventar essa roda que faz a cidade girar. E movimentar. Movimentar. Neste solo que nos alimenta e de onde emerge aquilo que nos faz querer manifestar (SALGUEIRO, A. Retratos do meu Brasil in REVIRANDO O JOGO, 2020, 0:55 min).

Logo depois a música “BXD existe” toca enquanto imagens das periferias vão aparecendo, junto com cenas que vão exibindo os personagens que irão compor a atividade lúdica. Apresenta-se um jogo entre duas “equipes” (os de máscaras pretas e os de brancas) em Nova Iguaçu; o jogo consiste em tirar cartas que contenham perguntas de um determinado território para fazer a equipe adversária, que deverá responder como se morasse no território referente a pergunta. A primeira pergunta é “Quais elementos caracterizam o seu território?” e ela é respondida a partir de várias cenas de diversos sujeitos, em seus próprios espaços.

O jogo apresentado no filme, segundo os entrevistados, tendo os integrantes vestidos de máscaras brancas e de pretas, visava mostrar os participantes falando de outros territórios sem conhecê-los, pois, o objetivo era mostrar o que estava na mente dos jogadores. Nessa intenção, a produção do “Revirando o Jogo” reuniu pessoas de outras periferias e da Baixada Fluminense que não se conheciam. Entretanto, surgiu um grande problema: as pessoas não quiseram falar sobre o que não conheciam. A alternativa, segundo as entrevistadas do XuxuComXis, foi buscar outras cenas, fora do jogo que estava sendo filmado, com pessoas em outros locais, para que falassem acerca de seus territórios. Assim há um conjunto de falas no filme fora do jogo, aquele no segundo cenário. A intenção era deixar confuso o espectador quanto a narrativa pretendida e sobre

qual deveria ser a preterida, a do sujeito que mora em seu próprio território e que se expressa no jogo, ou de quem fala de fora?

E aí, sim, o revirando o jogo mostra esse intuito de falar assim **“Agora você escolhe qual é a posição, qual é a visão que você quer ter? Aquela que é morador que ta falando sobre isso ou é aquela pessoa que nunca vivenciou qualquer tipo de coisa?”** (Entrevista com as participantes do XuxuComXis concedida em 05/09/2021 grifos meu).

No jogo, alguns temas são tratados, pessoas de máscaras constroem diálogos acerca do campo da cultura. Uma delas diz que

Apesar dessa resistência, a gente tem um pouco de dificuldade de acesso. A gente tem que criar uma cultura pra gente (...) E se dependesse das vias públicas e dos incentivos, seria sempre apenas imposto um modo de mídia e de cultura hegemônica que não combina com o espaço e aí floresce trocas (...) E a cultura daqui é muito resistente aqui até por falta de transporte e não poder acessar outros locais, não poder conhecer novas coisas (REVIRANDO O JOGO, 2020, 6:22 min)

Esses sujeitos também discutem em conjunto sobre estarem “separados” e terem que “se virar” para conseguirem acessar os “espaços mais criativos” que se localizam nas áreas centrais da cidade do Rio de Janeiro. É nítido que a criação de “uma cultura” para eles mesmos é o único modo deles sobreviverem enquanto sujeitos. A dificuldade ocasionada pela (i)mobilidade urbana é um dos fatores de fortalecimento da coletividade, já que torna cada vez mais difícil sair da periferia para acessar o centro, local onde há infraestrutura e incentivos para trabalhar no campo da cultura. Em uma das cenas aparece uma mulher segurando e lendo uma carta do jogo: “Mora na favela porque quer” e “Lá não se paga água, luz é gato” e logo abaixo destas frases uma pergunta “Qual seria a sua posição sobre isto?”.

Para contribuir na elaboração de uma possível resposta, o documentário apresenta dados, como alguns jornais populares, que evidenciam o furto de energia na cidade do RJ, apresentando que 52% das pessoas que se beneficiam destes furtos são os que compõem a classe A e B, ou seja, os mais ricos, o que contradiz justamente com a ideia de que as pessoas preferem morar na periferia porque lá não se paga conta de luz e água, por exemplo. Uma moradora da Rocinha (uma das falas), Michele Silva, discute sobre o seu desejo de pagar as contas de água e luz para quando faltar, ela ter como cobrar, o que não ocorre com os moradores do Leblon (bairro nobre do Rio de Janeiro), que não ficam sem luz e sem água com a mesma frequência que os moradores da Rocinha. Pelo desconhecimento da “sociedade” e pelo interesse dos gestores, fica mais cômodo,

segundo esta moradora, colocar a culpa no favelado como sempre, destacando a violência, o fato dos moradores não pagarem as contas, à falta de segurança.

É mentira isso, a conta de luz de quem tá pagando lá na pista não é maior porque eu não tô pagando. Na verdade, o serviço é muito mal prestado, ele não chega aqui como ele deveria chegar, nem pra me cobrar e eu não posso nem se eu quisesse pagar. Essas falas, pré-feitas assim, esses pré-conceitos, eu acho difíceis de quebrar assim com palavras, porque é uma coisa que tá muito entranhada na cabeça das pessoas. Você consegue talvez não mudar, mas trazer um pouquinho de reflexão quando você começa a mostrar o outro lado, que é a coisa que a gente tenta fazer né, de botar o favelado como protagonista né, de histórias e sempre são histórias legais, histórias positivas, pra tentar mostrar as pessoas aqui como seres humanos, porque enquanto continuar essa divisão “eu não sei de você e você não sabe de mim” só vai se potencializando esse tipo de pensamento. Quando você explica pro cara esse tipo de coisa que pra gente é super simples, mas pra ele não é, talvez não seja suficiente pra mudar, mas pelo menos pra causar uma **centelhinha** de dúvida com certeza vai causar, entendeu? (REVIRANDO O JOGO, 2020, 15:36 min, grifos meu).

Michele informa que os moradores locais interiorizam essa narrativa elitista, porque é “mais fácil pensar assim”, diz também que ninguém deseja ser favelado e, por isso, a maioria das pessoas que consegue ascender socialmente deseja sair de seus territórios de origem, porém os que desejam ficar, ficam por amor, pela construção de seus laços afetivos, suas memórias. A “centelhinha” que diz a moradora é justamente a esperança que é produzida a partir das trocas de experiências no local, sobretudo no campo da cultura e, consequentemente, pelas redes de afetos. É por essa centelha que talvez seja possível romper com os discursos hegemônicos, incendiá-los.

O grupo Sol Sem Dó, que é um grupo de palhaçaria de Duque de Caxias (no filme apresentam-se quatro integrantes do grupo: Jessé Cabral, Luciana Borges, Diogo Olissil e Leticia Lisboa) também aponta essa questão. Na fala de Luciana Borges, há negação da ideia de os moradores de periferia quererem morar onde moram para não pagarem contas, mas porque ali é o único modo de sobreviver disponível, mesmo tendo muitos direitos negados. “Eu acho que precisa ampliar muito essa visão, jogar o holofote em cima disso, mas concordo com o Jessé, nem todo mundo tá afim de fazer esse exercício” (REVIRANDO O JOGO, 2020, 11:45 min). Leticia destaca o espanto das pessoas da cidade do Rio de Janeiro demonstram quando os integrantes do Sol Sem Dó dizem que são da Baixada Fluminense.

Eu acho muito sintomático porque as pessoas só fazem essa pergunta quando elas veem você numa posição de fala, numa posição de igualdade né? Quando você vai conversar, quando você tá no mesmo grupo, tá bebendo ali com a pessoa e não sei o quê e daqui a pouco “Ah não sei o que não sei o quê, você é da onde?” “Caxias!” [Leticia faz um gesto de espanto] Aí gera o espanto. Porque se fosse a camareira, se fosse o porteiro, se fosse não sei o quê, ia ser

normal morar na Baixada, ia ser normal morar na favela. Ninguém ia fazer essa pergunta de espanto, porque a gente sabe que tem milhões de trabalhadores que vem pra cá e fazem esse caminho todo dia, trabalham aqui na cidade do Rio, trabalham em outros lugares. Então eu acho sintomático porque revela que de alguma forma, mesmo que seja nesse inconsciente, a gente ainda tá achando que essas pessoas que fazem esses lugares, elas estão destinadas a esses postos né, mais subalternizados né, a não estar num diálogo em pé de igualdade com você. E aí isso também corresponde muito a essa coisa da violência, do não-lugar, da gente achar que em Caxias, que Baixada Fluminense, na favela, não tem história, não tem memória, não tem cultura, porque a gente não fala disso. As representações também né? Quando o RJTV vai em Caxias, ou vai em Nova Iguaçu, é pra falar do saneamento que não é feito, da rua de barro, das pessoas correndo. Não é que essas coisas não existam e a gente não tenha que falar, não é que na favela a violência não seja pujante como é, mas a questão é por que isso tá assim né? Por que esse abandono? Por que a gente também só fala disso? Não fala de tantas outras coisas que acontecem por lá, tantas outras potências. E eu acho que isso cria sim um imaginário que a gente escuta (REVIRANDO O JOGO, 2020, 12:21 min, grifos meu).

Ela também destaca a importância do “trajeto contrário” que alguns amigos do centro fazem, ao irem à Baixada Fluminense, se permitindo conhecer esses territórios, pois os moradores da periferia se acostumam com o transporte público para chegar ao centro, enquanto os moradores do centro não possuem incentivos e não desejam visitar a periferia, sobretudo por conta das representações pejorativas. Esses destaques que são feitos por Letícia nos revelam a tensão entre discursos: quando um tipo de discurso, o dominante, exclui os dominados, e recebe uma “astúcia” dos mesmos, o dominante se espanta, ele é pego de surpresa; é nessa surpresa que a fratura dos discursos hegemônicos é percebida, e é por essa fratura, essa fissura, que as táticas, ao buscarem friccionar estes discursos, produzem centelhas e por vezes os incendeiam.

Ainda se evidencia que alguns territórios periféricos, quando tornados visíveis, sobretudo pelo planejamento turístico, adquirem recursos, como “segurança” por exemplo, ainda que seja para beneficiar especificamente os turistas. Há ganhos para os moradores, embora o significado de “ser favelado” vai sendo expropriado pela maneira como as atividades turísticas são planejadas, uma entrevistada discute isto ao problematizar a “Favela Pop” e a espetacularização da pobreza. Ou, como Michele, moradora da rocinha, diz “a gente ganha pro lado da tranquilidade, mas perde pro lado do financeiro” (REVIRANDO O JOGO, 2020, 30 min), destacando os processos de gentrificação, que encarece o custo de vida dos moradores locais, o que dificulta que estes moradores permaneçam em seus territórios. Percebe-se, com isso, que a visibilidade de alguns territórios periféricos, mas de outros não, se configura outro tipo de tensão: uma entre os próprios sujeitos locais que disputam visibilidade, que pode ser tanto uma

estratégia dos grupos hegemônicos para desarticular táticas territoriais coletivas, ou tática por onde sujeitos da periferia agem astuciosamente a fim de continuar enfrentando a norma em conjunto.

Ainda sobre essa questão da visibilidade, dois indígenas, o Leandro Zupu'hu Chinao e Samery Sanehy em Nova Iguaçu denunciam as dificuldades que enfrentam tanto dentro do meio artístico-cultural, quanto fora. Leandro aponta que possui capacidade e formação técnica para participar de diversos projetos artísticos-culturais, mas que é sempre excluído principalmente pela reivindicação que ele faz de sua identidade indígena, ele ainda discute a forma como ele recebe os olhares das pessoas quando o observa com seu corpo pintado com os grafismos da cultura a qual pertence. Samery, por sua vez, fala da diferença que ela sente, sobretudo no atendimento de determinadas lojas, quando ela está caracterizada e quando não está, para apontar o quão mal ela ainda se sente em centros urbanos por ser indígena.

A forma como as gestões públicas exercita o poder nos territórios aparece no filme através do processo de vigilância e controle do espaço, onde em alguns locais é possível expressões culturais, em outros não. Pode se perceber que em alguns destes locais, é preciso solicitar à prefeitura para que seja possível a realização de atividades culturais. Ademais, as articulações dos sujeitos que trabalham o campo da cultura com os governos em seus territórios precisam escolher/conhecer momentos políticos propícios, onde a gestão está interessada em aglutinar esforços com as camadas subalternizadas; entretanto, não quer dizer que as conquistas serão mantidas. Como discute um dos participantes do jogo principal do documentário, Felipe Pitanga, vestido com uma camisa escrita “Cinema contra o golpe”.

Estamos indefesos, em impotência, porque nem o que nos é garantido nos é mantido. Vocês sabem que a gente tinha cineclubes fixos, por exemplo, no templo Glauber, e o Templo Glauber acabou esta semana de ser expropriado. Então, sempre foi um território que o INSS sedia, por exemplo, porque era memória de um lugar que tinha todos os pertences históricos de uma figura tão potente que, pelo menos, ele seria reconhecido na teoria ad eternum, que seria o Glauber Rocha, porque ele seria um símbolo do cinema intocável, seja ele ou não, a gente não vai tangenciar a questão da desconstrução do ídolo, o que se deve também. **Mas, a gente pensa que nem ele e até ele está sendo desapropriado.** Então, as coisas dele estão sendo retiradas de casa, nós não temos um cineclubista fixo. **E isso demonstra que o próprio ato de ser cineclubista é um ato de resistência, mesmo fixo ele é itinerante porque ele nunca estará salvo; porque por ser um espaço de resistência oposto ao comercial, ao hegemônico, ao imposto, ele por si só sempre vai poder ser caçado. E por poder ser caçado, somos um indivíduo, somos uma célula de um todo que precisa trabalhar em conjunto porque se não todos serão caçados (...).** Nenhum espaço está a salvo (REVIRANDO O JOGO, 2020,

47:57min, grifos meu)

Na sequência de respostas sobre o fim da escravidão, William Cruz, em Nova Iguaçu, produz uma crítica que contradiz o argumento de que o Estado é ausente nas periferias; o Estado se faz presente, mas é necessário investigar a forma pela qual a instituição se organiza nos territórios periféricos, de maioria negra. O Estado atua de modo repressivo e regulador, no sentido de continuar mantendo uma norma para que sujeitos locais sejam cada vez mais subalternizados. O saneamento básico, ou melhor, a falta dele, é um dos pontos que fundamenta o discurso do entrevistado, pois na concepção de William, não há políticas públicas voltadas ao saneamento. Ele considera a região da Baixada Fluminense uma “senzala moderna”, que possui muitas vezes duas realidades raciais completamente distintas, as quais tornam possível a identificação das condições socioeconômicas de cada território pela categoria de raça. Os brancos, por exemplo, predominam em territórios mais privilegiados, como os centros dos municípios, enquanto não-brancos estão cada vez mais sobrevivendo em territórios periféricos, a periferia da periferia.

Se a periferia é vista como uma senzala moderna, os quilombos ainda existem, mesmo que com outros nomes. A coletividade, demonstrada neste filme, revela como a união de sujeitos de periferia, ou as luzes dançantes dos vaga-lumes que brilham na escuridão, como discutido por Didi-Huberman (2011), são fatores de suma importância para a consolidação de redes afetivas que constituem os sentidos – tanto compreendidos como significados, como direções – de suas territorialidades. Alguns dos resquícios dos grandes números de quilombos na Baixada Fluminense são os terreiros, por exemplo, constantemente tendo que resistir aos ataques promovidos pela intolerância religiosa. Nesse sentido, muitos dos valores filosóficos das religiões de matriz africana estão inscritas na cultura dos sujeitos da Baixada Fluminense, como coletividade e resistência.

Osmar Vinicius, apresenta o rio Estrela em Imbariê, município de Duque de Caxias, que para ele envolve memória e cultura, pois era um lugar de passagem de pessoas e mercadoria para a Corte do Rio de Janeiro, que remonta aos Caminhos do Ouro, assim como Paraty. Mas que pela localização do rio, a memória e a função histórica deste afluente foram esquecidas por conta das representações discursivas que configuram territórios da Baixada. Ele finaliza dizendo que ele mesmo, assim como outros sujeitos, está lutando pela região justamente para fazê-la diferente das representações

hegemônicas, fazê-la plural em sua significância. Como se pode perceber, às vezes, rejeitar as representações da Baixada Fluminense é trazer as representações do Recôncavo da Guanabara⁵, pois quando estes territórios são classificados como “Baixada Fluminense” a narrativa cultural desaparece, como aquelas que atrelam este território aos Caminhos do Ouro, por exemplo, época em que a colonização portuguesa utilizava essa região, devida a importância de sua hidrografia e não havia a posição de subalternidade.

Revirando o jogo apresenta ao longo do filme inúmeros artistas, como poetas, cantores, indígenas, circenses, artistas de rua, os quais muitos deles compõem sua arte na tensão entre o centro e a periferia, sobretudo acerca dos valores subjetivos que são consequências desta relação. As falas que os artistas fazem durante o documentário, aos poucos, constituem diferenças na identidade construída através da forma como as representações hegemônicas configuram os territórios periféricos, e com a Baixada Fluminense não é diferente. A identidade é um dos conceitos que algumas vezes é pensada como se não houvesse fissura, causadas pelas diferenças internas, mesmo com muitos sentidos, as fissuras que essas representações possuem, não impedem a luta contra a imagem hegemônica, que tenta sobrepor/impor.

[...] Não, **eu tenho orgulho de fazer uma diferença**, sendo no local onde eu habito né, ou onde eu nasci, ou pela condição que eu tenho. **Eu tenho orgulho de quem eu sou, não nas características que me colocaram, na nomenclatura que me deram, eu não tenho esse orgulho especificamente.** Eu tenho orgulho daquilo que eu fui formado e da condição que eu tenho, de identidade e isso não vai mudar (REVIRANDO O JOGO, 2020, 1:23:42 min, grifos meu)

Na fala de Carlos Pereira, que tem nanismo, é possível perceber justamente este caminho pela e a partir da diferença. Dessa maneira, as diferenças são processos constantes de “vida-liberdade” (EVARISTO, 2017), assim como combustíveis da diversidade, como os jovens poetas no final do filme apontam. O filme, termina com uma poesia de Conceição Evaristo (2017), chamada Vozes-Mulheres, que é narrada enquanto aparecem diversas imagens que estão relacionadas ao documentário, tais como o teatro, circo, indígenas, cidade e artistas.

No final, os participantes do jogo principal do documentário retiram suas máscaras e apresentam seus nomes e onde moram. A música “BXD Existe” volta a tocar, enquanto aparecem imagens aéreas de áreas naturais e da cidade do RJ, logo depois

⁵ Segundo Silva (2013, p. 53), “Recôncavo está associado ao fato geográfico/social cujo eixo é a própria baía, enquanto a Baixada Fluminense ao olhar político ligado aos usos sociais da região”

apresentam os entrevistados que estavam jogando, como se estes estivessem dentro de cartas com a indicação de “jogadores”, ao mesmo tempo em que as cartas “coringas” aparecem – estas com os entrevistados que não estavam jogando, isto é, os que estavam fora do jogo. O longa-metragem termina sendo capaz de mostrar que tantos os que estavam dentro e os que estavam de fora do jogo puderam trabalhar uma percepção da relação centro-periferia em que eles vivenciam cotidianamente.

1.2. Baixada nunca se rende

O documentário intitulado “#BXD Baixada Nunca Se Rende” de 65 minutos, é fruto da parceria do Centro Mundial para o Desenvolvimento Sustentável (RIO+) ⁶e do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) com o coletivo Baixada Nunca Se Rende, foi dirigido por Juliana Spinola (brasileira) e Christian Tragni (italiano), que são integrantes da produtora Cardamomo Studio, de Portugal, que produziu este documentário, tem a montagem de Clarisse Dworschak, sonorização por Alex Zaparoli e teve como assistente de produção o Wilians Alves, que aparece com o PNUD Rio de Janeiro ao lado de seu nome. Esta produção conta com mais de 127 integrantes, entre pessoas físicas e jurídicas. O documentário tem 11 músicas dos integrantes do coletivo Baixada Nunca Se Rende. No canal do *youtube* do PNUD Brasil, há a sinopse do documentário, nela informa que

“Baixada Nunca Se Rende” é um documentário independente que mostra o potencial da música e das artes para transformação da realidade da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro. O filme mostra como cidadãos, jovens, músicos e artistas se uniram para promover os direitos humanos e o desenvolvimento sustentável em uma das regiões metropolitanas mais violentas do mundo. Dirigido pela documentarista brasileira Juliana Spinola e pelo documentarista italiano Christian Tragni, o filme conta a história do coletivo aberto de músicos chamado Baixada Nunca Se Rende. Produzido em janeiro e fevereiro de 2017 em Belford Roxo, Nova Iguaçu e Duque de Caxias, o filme é parte do projeto piloto “Música para Avançar o Desenvolvimento Sustentável” do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD/Centro RIO+), uma iniciativa inédita que usa a música e arte para traduzir a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável em ações concretas. O projeto piloto do Rio de Janeiro está sendo agora replicado em Moçambique (PNUDBRASIL, 2017).

Em uma reportagem feita pelos discentes da PUC para a TV PUC RIO, Denise Martins, integrante do Projeto Centro Rio+, explica que a parceria entre o Rio+, PNUD e

⁶ O Centro Rio+ (estabelecido em junho de 2013 no Rio de Janeiro, consequência da parceria entre o PNUD e o governo federal) é um legado da Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável (Rio+20) e foi criado para manter o comprometimento com o desenvolvimento sustentável.

Baixada Nunca Se Rende, deu-se a partir de uma conversa informal entre ela e o Eddi MC, quando o informou que trabalhava com as Organização das Nações Unidas e tinha um projeto de levar as discussões sobre sustentabilidade e os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) de uma maneira mais simples para a população, Eddi MC por sua vez contou do coletivo em que participa(va). Esse projeto – designado de “Música para Desenvolvimento Sustentável” – foi de iniciativa do Centro Rio+, que teve como objetivo estudos e integração de questões sociais referentes a Agenda 2030 da ONU composta pelos 17 ODS. Principais ODS que este documentário trabalha são: número 1- Erradicar a pobreza, o 4- Educação de qualidade, 5- Igualdade de gênero e o 11- Cidades e comunidades sustentáveis. Os dois diretores desta produção audiovisual também foram entrevistados pela TV PUC RIO e contaram que procuravam (a partir de pesquisa) a oportunidade de construir mais um longa-metragem sobre algum projeto social interessante, então encontraram o Rio+.

A repercussão dessa produção se deu em várias escalas, como canais de TVs abertas/fechadas, rádio, TVs universitárias e mídias internacionais, tais como a TVT, Globo News, Sputnik e TV PUC RIO após ter sido exibido, pela primeira vez, em 2017 no Cine Odeon (Rio de Janeiro), depois no *Chelsea Film Festival* em Nova York, na sede da ONU, também foi reproduzido em Moçambique, Cazaquistão, Tadjiquistão, Geórgia e China. Na figura 2 está o cartaz da primeira exibição do documentário, ainda no Rio de Janeiro, a região da Baixada Fluminense aparece como composta pelos 13 municípios

Figura 2 – 1º Cartaz de exibição do documentário #BXD Baixada Nunca Se Rende



Fonte: #BXD Baixada Nunca Se Rende, 2017.

As cenas do documentário apresentam aos poucos cada personagem e estes discutem questões acerca de seu território, da sua comunidade artística, da própria construção do documentário e, ao final de cada assunto, apresentam suas músicas – enquanto cantam é comum aparecer cenas filmadas em Duque de Caxias, Nova Iguaçu e Belford Roxo que caracterizam a Baixada Fluminense. A representante da ONU, Layla Saad, fala por 3:53 minutos, o que evidencia o fato de que os integrantes do Baixada Nunca Se Rende puderam expor seus principais posicionamentos. Esporadicamente Layla aparece sozinha sentada, às vezes em pé, em um local com poucas, ou nenhuma pessoa, mas ao ar livre, onde ela narra o papel da organização que ela representa na construção da produção audiovisual, como se quisesse estar no mesmo local do coletivo, mas ainda assim com um posicionamento único, o da ONU, mediando esses sujeitos com os expectadores. Somente ao final da produção que ela aparece sorrindo com os integrantes do coletivo.

O documentário se inicia com paisagens de praias do centro do Rio de Janeiro, depois é filmado de dentro de um carro a passagem pelo túnel Rebouças, favelas vão sendo mostradas pelo carro/cinegrafista que se desloca em direção a Baixada Fluminense e isso dá para perceber por conta das placas que aparecem, até chegar no pórtico de Belford Roxo que tem uma mensagem de boas-vindas, enquanto toca a música “Eu quero plantar” de Naná Amâncio. Esta sequência de imagens evidencia o caminho “inverso” de quem transita da periferia para o centro, ou seja, inicia-se do centro e vai ao encontro das periferias, chegando na Baixada Fluminense, até chegar na cidade de onde este coletivo emergiu (Belford Roxo).

As cenas a seguir são de quatro pessoas (Renata Cobre⁷, Da Ghama⁸, Eddi MC⁹ e Iolly Amancio¹⁰) fazendo discussões em pequenos cortes acerca da exclusão que os editais de cultura impõem aos produtores musicais da Baixada; da dificuldade de possuir equipamentos/ferramentas musicais como instrumentos; da busca de oportunidade de visibilidade, mesmo que não tenham retorno financeiro; e da violência cotidiana que deve ser enfrentada para sobreviver. Estes integrantes não são identificados com seus respectivos nomes nestas cenas, mas em outras aparecem identificados, entretanto o

⁷ Produtora do coletivo Baixada Nunca Se Rende.

⁸ Cantor e compositor, um dos fundadores do grupo Cidade Negra.

⁹ Rapper, jornalista e fundador da banda de rap Nocaute.

¹⁰ Produtora Cultural e cantora da banda Gente.

próximo sujeito que aparece na parte seguinte é apresentado com nome e profissão, Renato Aranha¹¹, cantor, diz que:

A nossa música é uma música de amor a nossa região, sem ser bairrista, né? Então, assim, é.... uma música que tem... que denuncia o que mostra alguns problemas que tem aqui mas que são comuns a qualquer outro lugar do mundo, porque a periferia é sempre uma periferia (BXD NUNCA SE RENDE, 2017, 03:18 min).

Assim que Renato Aranha termina esta fala, ele e Daniel Gazolla¹² cantam juntos a música “Ninguém ficará para trás” da Banda Rota Espiral, cujo refrão é “Os direitos são iguais/ Nada pode valer mais do que você/ Os direitos são iguais/ Lute por seus ideais/ Seja você”. André Leite, sociólogo e pesquisador, em seguida, aparece fazendo uma discussão acerca da relação centro-periferia.

Se a gente tá num lugar de poucas oportunidades, a gente tá tão perto aqui da Região Metropolitana, a gente tá perto aqui do Rio, ali aonde tá a maioria das empresas mas ao mesmo tempo a gente tá muito longe. A passagem é mais cara pra vir pra baixada, o transporte é precário e o empregador, quando você chega lá, ele já pergunta “onde é que cê mora?” “Belford Roxo, São Joao, Nova Iguaçu e tal” ele já sabe que vai ter que te pagar uma passagem mais cara. Obvio que... se há essa diferenciação numa perspectiva de olhar da mídia, da literatura, da música, diferenciando aí o centro e a periferia, obvio que o mercado também faz isso. Eu comecei a fazer as pesquisas e eu encontrei uma musica do Bezerra da Silva que falava “Urubu de Belford Roxo foi dizer lá na polícia que já tá de bico frouxo de comer tanta carniça” (BXD NUNCA SE RENDE, 2017, 05:11min)

Logo depois, Layla Saad, vice-diretora do PNUD Rio de Janeiro vai discutir sobre o fato do Brasil ter retirado mais de 22 milhões de pessoas da pobreza (em 2017), assim como conseguiu diminuir em 80% da desnutrição, entretanto a violência, a degradação ambiental, a pobreza e a violência ainda persistem, sobretudo na Baixada Fluminense. Algumas falas na sequência evidenciam essas características que persistem, como André Leite reaparecendo e apontando o fato de que Belford Roxo já ter sido considerado a cidade mais violenta do mundo pela própria ONU, entre as décadas de 80 e 90; Da Ghama relatando uma vez que foi confundido pela polícia, por ser negro, mas que por sorte os policiais reconheceram que o procurado não era ele. Com isso, Layla aponta, a partir de uma comparação entre Nova York e Nova Iguaçu, que são duas cidades com grande histórico de violência, que a cidade da Baixada Fluminense tem 3 vezes maior a taxa de homicídio mesmo sendo 10 vezes menos populosa que Nova York.

¹¹ Vocalista da banda Rota Espiral, compositor, gestor escolar.

¹² Baixista da banda Rota Espiral.

Quase como uma resposta à vice-diretora do PNUD Rio de Janeiro, Dida Nascimento¹³ discute os motivos da pobreza na Baixada Fluminense, ao fim de sua fala ele apresenta a música que compôs com o Marcelo Yuka¹⁴ “BF Baixada Fluminense”, a qual complementa o seu raciocínio. Nesta música, parte da letra é cantada: “As margens da cidade grande/ Muitas coisas que você olha/ Mas não vê/ Coisas que não vivem/ Onde mora o poder [...] Vejam o que deixaram pra nós/ Na noite um mistério/ Insiste em nos dizer/ Que existe sem como e sem porque/ Na memória cicatriz arquivada”, no fim desta canção é dito que “Não somos sub-raça/ Não somos o crime/ Não somos violência, não!/ BF Baixada Fluminense/ Somos arte, somos arte” (BXD NUNCA SE RENDE, 2017, 08:55min). Dida informava que a Baixada é(ra) pobre sem saneamento e saúde, que a música feita no local e retrata essa realidade

A Baixada Fluminense é muito pobre no sentido do saneamento básico. A gente não tem possibilidades humanas básicas, e... saúde não funciona pras pessoas, nós somos quase 4 bilhões de pessoas aqui na Baixada Fluminense e a gente não consegue ter um bom hospital que atenda a comunidade. Eu acho que a gente precisa trabalhar, porque o que a gente faz de musica aqui é de falar da nossa verdade, então a gente vai estar falando do que se passa aqui, da violência que ela tá a flor da pele por conta do país não estar muito bem e isso aumenta. Não é que as pessoas são má, existe uma falta do poder público para com essas pessoas. O respeito. E pra esse lugar ser melhor é necessário que as pessoas se respeitem (BXD NUNCA SE RENDE, 2017, 08:00min).

Com as falas seguintes da Layla, percebe-se o interesse principal da participação da ONU neste documentário, que é justamente “trabalhar de uma forma criativa e diferente, junto com o setor cultural e musical para poder difundir os princípios e as ideias que estão dentro da Agenda 2030” (BXD NUNCA SE RENDE, 2017, 10:50min), isto é, o desejo de fazer com que as discussões acerca da sustentabilidade na ONU saiam do campo dos especialistas e tenham reais impactos no cotidiano das populações da periferia. Eddi MC, nesse sentido, explica o papel do coletivo Baixada Nunca Se Rende na construção desse documentário, assim como no processo de mediação com a ONU. Enquanto a música “Soul Rio” dele e do Cesar Belieny¹⁵ é reproduzida, Eddi discute que

Esse projeto, o BXD nunca se rende junto com o centro Rio+ focando na sustentabilidade junto com a música, não exige só música, exige também outras coisas, estratégias, é uma parceria. Tem o objetivo de atingir muita gente, começando pela Baixada Fluminense, que tem 4 milhões de pessoas, muitos artistas, muitos trabalhadores. É muito bem-vindo, é um momento muito bem-vindo. Quando a gente, musicalmente, precisava fazer alguma coisa em prol do nosso crescimento profissional, e fazendo alguma coisa que a gente já gosta de fazer que é a música. É o assunto também que a gente gosta

¹³ Cantor, compositor, guitarrista e baterista.

¹⁴ Músico, um dos fundadores da banda O Rappa.

¹⁵ Produtor musical, músico e compositor.

de lidar que é... são questões de igualdade. A sustentabilidade envolve na nossa visão, na minha visão, envolve tudo isso: a igualdade, o acesso ao trabalho, cuidado com o meio ambiente, com as pessoas, é isso. Pra mim é muito gratificante (BXD NUNCA SE RENDE, 2017, 13:50min)

Renata Cobre, que é produtora cultural, explica o CD promocional que o coletivo estava produzindo, para divulgação do documentário, no qual já teriam 6 ou 7 músicas com base nos 5Ps¹⁶ da ONU e que seria divulgado antes do álbum que o Baixada Nunca Se Rende iria produzir. Este álbum teria 17 músicas, cada uma dialogando com um Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, com o copatrocinio da Agência do Bem e da Rede de Organizações do Bem¹⁷. Ela conta que todas as músicas criadas, desde o começo do grupo, já dialogavam com os 17 ODS, não tendo o coletivo trabalho ao incluir a palavra “sustentabilidade”, que antes não era utilizada. Na carta de apresentação e referência da Agência do Bem há a informação que o CD foi produto do edital anual da agência, no caso o “Microprojetos”, de 2016. Além disso, a mesma carta informa que:

Entre outras ações em parceria, em 2018 o coletivo participou do concerto didático “Concertando o Planeta”, realizado pela Orquestra e Coro Nova Sinfonia, grupo sinfônico composto pelos melhores alunos do projeto Escolas de Música e Cidadania, promovido pela Agência do Bem. Na ocasião, foram apresentadas duas músicas orquestradas do CD Baixada Nunca se Rende (Agência do Bem, s/d).

Renato Aranha, ainda no Donana – Centro Cultural localizado em Belford Roxo, onde aconteceu um curso de capacitação sobre as ODS – percebeu que as músicas de sua banda, a Rota Espiral, já falavam sobre os temas das ODS, chegando a concluir que seu nicho musical era “sustentabilidade”, ele também explica os 5Ps, junto de Daniel, que discute o seu entendimento de sustentabilidade:

Sustentabilidade é mais do que só o desejo, é uma necessidade, é meio que um resgate da dignificação social, da própria... existencial, da busca dos seus direitos, do seu espaço, da busca das suas realizações, daquilo que você gostaria de ver não só em você, mas refletido na sociedade como um todo (BXD NUNCA SE RENDE, 2017, 17:35min).

O sociólogo e pesquisador André Leite aprofunda a discussão sobre a importância do diálogo entre a música do Baixada Nunca Se Rende e a ONU, assim como Iolly Amancio vai destacar que na Baixada Fluminense os artistas produzem “cada um no seu cantinho” e, com a integração destes artistas, evidencia o potencial dos trabalhos musicais

¹⁶ paz, prosperidade, parceria, planeta e pessoas.

¹⁷ Organização social de interesse público que tem a missão de promover o desenvolvimento humano visando a cidadania plena das populações de baixa renda. Uma rede que apoia ações de base comunitária

nos territórios periféricos, que já discutiam temas, em suas músicas, relacionados aos 17 ODS. Renato Aranha, entretanto, discute o equilíbrio que suas produções devem alcançar, no sentido de atingirem o público-alvo, com o ritmo, a letra, o gosto popular e o tema cantado. Marrone Recarregue, outro músico compositor, discute o significado do coletivo:

Você tem a musicalidade, suas vertentes, seus segmentos, mas uma linguagem. Então você vai enxergar a linguagem no todo, o coletivo vai tá lá. O coletivo é justamente isso, são pessoas né, com o mesmo objetivo. Cada um na sua singularidade, levando um objetivo, um propósito. Este seria o BXD (BXD NUNCA SE RENDE, 2017, 20:01min).

A história do Centro Cultural Donana começa a ser contada com Dida Nascimento, que é filho da Dona Ana Nascimento (por isso, “Donana”), juntamente com Daniel e Ras Bernardo¹⁸. Eles demonstram como a história dessa mulher, no quintal que mais tarde se tornaria o Centro Cultural, é um exemplo de resistência. Dida conta que ela veio de Pernambuco,

[...] dos anos 60 pra cá, como rezadeira. Eu, pequeno, desenvolvi a capoeira, com nove anos de idade comecei a treinar, e trazia pro quintal também e os amigos que hoje são músicos eram meus alunos de capoeira aqui no quintal também, a maioria deles se tornaram musica por conta da musicalidade da capoeira. Cultura afro e os batuques [...] e a gente teve uma sorte, assim, danada de agregar talentos. Todos passaram por aqui, por esse quintal pra trocar informações e se descobrir músicos, artistas [...] o que é mais curioso é que a gente não foi pra vertente tocar musica de outros autores, a gente já começou fazendo musicas próprias. Então o Centro Cultural Donana, hoje a gente faz uma gestão mais séria, por ser uma instituição organizada. A gente começa a fazer um projeto mais amplo, agregando todos esses valores que a gente já faz e já fazia desde os anos 70 que é incentivar as pessoas a acreditar no seu sonho (BXD NUNCA SE RENDE, 2017, 24min)

Ras Bernardo, em seguida, depois de contar rapidamente como se deu o processo de interesse da mídia internacional com o Centro Cultural Donana, no início de sua carreira com o grupo musical Cidade Negra, ele canta então sua música “Consciência Ecológica”. Esta canção trata da questão ambiental, no sentido de fazer provocações acerca do grande processo de degradação ambiental que atualmente passa o planeta terra. Ao final da parte em que diz que este processo só está acontecendo porque foi o homem quem plantou, pergunta-se em tom provocativo “E o que está plantando? [...] Só a autossustentação do homem e sua conscientização sobre a natureza vai salvar o nosso planeta”.

¹⁸ Cantor de reggae e primeiro vocalista da banda Cidade Negra.

A partir daí os integrantes do documentário iniciam uma discussão sobre a importância da diversidade musical da Baixada Fluminense. André Leite, por exemplo, discute como ela é importante para a história musical brasileira; Renato Aranha chama a atenção que o coletivo BXD Nunca Se Rende é um dos maiores encontros de artistas e movimentos artísticos da Baixada Fluminense e do Brasil(mais de cem artistas); Renata, discute a influência da banda Black Uhuru nas músicas destes territórios e que, inclusive, é possível identificar o ritmo belforroxense a partir dessas influências; Dida, por sua vez, mostra as mesclagens entre os diversos ritmos musicais desde nacionais até internacionais, tais como forró, reggae, xote, maracatu, samba, e, por fim, Layla conclui percebendo a sofisticação musical que o BXD Nunca Se Rende produz. Saulo Lira, que é músico e produtor musical demonstra com seu teclado justamente essas transições musicais e, em seguida, Marrone canta “Arte escondida” para reforçar os argumentos anteriores.

Renato Aranha relata uma conversa que teve com sua mãe, para explicitar as dificuldades que os moradores da Baixada Fluminense têm, sobretudo por conta da desigualdade socioeconômica. Ras Bernardo, nesse sentido, exemplifica mostrando o seu “palacete”, que é a sua casa, local onde ele produz também suas músicas e convive com sua família. Interessante ressaltar que o palacete utilizado para designar sua moradia não tem a ver com características luxuosas, mas afetivas. Neco Trindade¹⁹, outro cantor, afirma que “a Baixada Fluminense, ela trouxe isso pra mim. E a vida também, a vida em si. A vida em si te traz muita criatividade. A vida difícil, a vida árdua te traz criatividade, te traz poesia. E com a poesia fica mais nobre, fica mais real” (BXD NUNCA SE RENDE, 2017, 36:05min), e termina sua fala cantando “Chalalacaia”, música autoral dele que diz “Falam da Baixada sem dela morar [...] Ô Ô Ô Chalalacaia [...] Se a Baixada tem problemas/ Força Baixada [...] A Baixada tem problemas/ Mas existe um paraíso/ A Baixada tem beleza e eu vou te contar”.

Eddi MC demonstra em sua fala, enquanto ele e seu filho cantam músicas de rap, como foi influenciado por históricos personagens da luta negra, como Malcom X, Martin Luther King e os Panteras Negras, até mesmo na escolha do nome do seu filho que se chama Luther e também canta rap. “Tenho amigos que tem filhos que se chamam Malcom, tenho amigo que tem um filho que se chama Martin. E ia fazer um “puta” grupo aí de rap. Com Malcom, com Martin, com Luther e convidar o Dj King que é o cara

¹⁹ Cantor e compositor. Faleceu em novembro de 2021.

bambambã do rap de São Paulo” (BXD NUNCA SE RENDE, 2017, 38:45min). Iolly, ainda pensando através da luta negra contra o racismo, vai discutir os problemas relacionados à lei contra o racismo que existe no Brasil, sobretudo pelo olhar que a população ainda tem dos negros, como ainda sujeitos escravizados. Prachedes Belford, percussionista, recita uma poesia que explicita o problema estrutural do racismo brasileiro.

Roubam as nossas ideias
Até o nosso modo de andar
Trabalham, exploram a nossa cultura
Um meio forte para se lançar
Milhares e milhares de anos e não cansaram de nos explorar
Por isso eu te falo, irmão, nunca deixe de lutar
Eles cantam o Apartheid não o racismo
Porque assim não pode ficar
Chama um negro de irmão
Para muito poder massacrar
Já até causaram briga na tribo para nos separar
Nos passam uma beleza da Europa
Porque a nossa eles querem roubar
Eles estão nos tirando do seio da mãe África
(BXD NUNCA SE RENDE, 2017, 40:30min)

Aprofundando a discussão sobre o racismo, Da Ghama, Renata e Iolly, lembram quando o grupo Cidade Negra começou a ser taxado de radical por ter um álbum intitulado “Negros no poder”, mesmo sendo localizado em um país com maioria negra e tendo poucos representantes, sobretudo políticos negros, passando pelas referências, como Mandela, até a impossibilidade de dissociar o preconceito racial da condição econômica. Aqui, Iolly, apresenta a música “A rede” da Banda Gente que aborda a situação de uma mãe que perde seu filho por ele ter sido atingido por um tiro da polícia, enquanto a rede da varanda de casa, onde ele costumava se deitar, balança vazia e a profunda dor, não só materna, mas social, que se eterniza nas reticências.

E esse meu filho amado já não volta pra casa
Já não deita da rede da varanda de casa
Ele foi confundido com os da vida errada
Foi um homem de farda que lhe deu uma bala
Todo dia eu chego com meu fardo pesado
Vejo a rede vazia, na tristeza me embalo
E a rede balança...
E a rede balança...
(BXD NUNCA SE RENDE, 2017, 44:33min)

Da Ghama ainda insiste nessa discussão evidenciando que não é um problema de alguns, mas de todos. Enquanto isso, Eddi MC, bastante emocionado, relata o fato de ter perdido um amigo rapper e negro, que se iniciou no mundo da música junto dele. Ele se chamava Nino Rap, e segundo Eddi, morreu na rua há 2 anos, lembrando que o

documentário é de 2017, “muito deteriorado por causa... sei lá... por causa da loucura, por causa das ilusões, várias coisas. Tem muito a ver com essa trajetória dos caras que sonha, e vão até o fim, até... vão até a morte” (BXD NUNCA SE RENDE, 2017, 46:42min). O bloco se encerra com a música “Nação Híbrida” de Dida Nascimento, enquanto aparecem várias cenas de Belford Roxo, inclusive de um muro azul sendo pintado o símbolo da ONU.

Misturando todas as nossas diferenças
Esquecendo os males e de onde vem
A procura da virtude totalmente plena
Pra vivermos livres a supremacia do bem

Livres totalmente livres
Sem mazelas, ranços ou desamores
Livres totalmente livres
Andando sempre com sorriso no rosto

Retire o ismo da língua
As sequelas e o atraso também
Somos o fôlego do que ainda respira
Onde o mundo se respinga
Quando hão de saber

Cuida da saliva
Cuida do que beber
Cuida da ferida
E o futuro que ainda vamos ter
Quanto terão de pintar a cara pálida?
Quando seremos uma nação híbrida?
(BXD NUNCA SE RENDE, 2017, 47:44min)

Após a cena do Dida cantando a música, Renato Biguli²⁰ apresenta a última canção, chamada “São Francisco”. No bloco final, iniciado por Layla e passando por quase todos os outros entrevistados, assim como por suas músicas, a pauta são os saberes e conhecimentos construídos pelo coletivo sendo considerados como pequenas plantações, que serão colhidas no futuro a partir da reivindicação de seus direitos, como André faz o uso da metáfora da plantação quando a relaciona com a música “Eu quero plantar” cantada no próprio documentário; Marrone, antes de cantar sua música, diz que o momento em que o coletivo estava, ao produzir o documentário, “está fervilhando. Está no momento de surgir, de explodir, de acontecer. Então esse é o momento” (BXD NUNCA SE RENDE, 2017, 51:01min); Renata ressalva que todos estavam bastante apaixonados pelo coletivo por perceberem o poder que eles podem exercer ao se unirem.

²⁰ Cantor, compositor e percussionista

Renato Aranha mostra a sua preocupação e a do coletivo, sobre a vida das próximas gerações, que seja melhor do que foi as deles e, enquanto ele canta, duas crianças negras fazem o som a partir de um instrumento de Dj; Ras Bernardo alerta o papel da música em tocar as pessoas para que façam a sua parte; Iolly, por sua vez, expõe a sua expectativa com o material que foi produzido neste documentário, ela deseja que a ONU não desapareça com toda a produção e que

realmente faça com que o mundo olhe pra cá, pras áreas periféricas do Brasil. Não olhe só pra garota de Ipanema que desfila na frente da praia, sabe? Que o Rio de Janeiro não é só praia, tem a suas áreas lascadas, tem suas áreas largadas. E que esse olhar venha e que isso seja só um início, que isso possa se desenvolver pra muito além e que a nossa voz seja escutada (BXD NUNCA SE RENDE, 2017, 57:41min)

Este último bloco se encerra com imagens dos integrantes em momentos de confraternização sorrindo, Dida dizendo que é possível melhorar o “nosso lugar, tanto nas nossas habitações quanto aqui [fazendo referência a cabeça, ou seja, a mente], porque aqui que é o mais importante, é o que você pode compor e contribuir pra essa melhora, é o dia-a-dia [que] você tem que trabalhar” (BXD NUNCA SE RENDE, 2017, 58:40min). Enquanto as cenas dos integrantes em confraternização vão sendo mostradas, sobretudo a cena final onde estão todos juntos no palco do Centro Cultural Donana cantando a música “Falar a verdade” do Cidade Negra, cujo refrão é “Ei! Ei! Estamos aí pro que der e vier”, Renato Biguli faz uma brincadeira e canta “B-XD! Estamos aí pro que der e vier” e os outros o acompanha cantando. Nos créditos as cenas continuam, mas de outra forma, agora quem aparece são jovens artistas do Hip-hop que improvisam e expõem suas poesias, ao lado dos 17 ODS.

1.3 Coletivo F.A.L.A

Dentre as produções do coletivo Fábrica de Apoio a Linguagem Artística (conhecido popularmente como coletivo F.A.L.A.) iremos nos ater a três delas, dois eventos virtuais, que ocorreram por causa da pandemia do covid-19, e um que já ocorria antes de maneira presencial. A fim de delinear uma ordem cronológica, iremos iniciar com a descrição do primeiro evento presencial, conhecido como “Rap Free Jazz”, depois os virtuais a “Mostra de Artes”, e por fim o “OFF RAP: Resistência, ativismo e produção”.

Os primeiros registros nas redes sociais do F.A.L.A. vieram do primeiro evento, a ser descrito, em 2015, num sábado (26/09), às 19h, na praça do Galo em Duque de Caxias, Parque Fluminense. Esse registro foi feito somente com uma marcação de evento no *facebook*, mesmo sem fotos, onde 87 pessoas confirmaram presença, a produção se apresentava como:

A F.A.L.A apresenta mais um evento:
 RapFreeJazz!!!!
 O RapFreeJazz tem como proposta trazer banda ao vivo com a rapaziada do Rap que ta sempre presente. Promovendo assim grandes noites de muito Rap, muito Jazz e muitas vibrações boas! (COLETIVO FALA, 2015)

O “mais um evento” significa que outras atividades já eram praticadas, como a tradicional “feira do troca-troca”, que ocorria no Lote XV (bairro na divisa de Belford Roxo com Duque de Caxias), onde a atividade principal era a troca de livros. Ainda no ano de 2015, ocorreu a segunda versão do evento, na mesma praça e também sem fotos, em uma sexta-feira, 4 de dezembro, com um número maior de pessoas confirmando presença (agora 115). Na descrição da edição revelava que essas atividades culturais em praça pública estavam ocorrendo amparadas na recente lei do artista de rua²¹ que havia entrado em vigor no município. Fotos do Rap Free Jazz disponíveis nas redes sociais do F.A.L.A. só passariam a existir a partir de 20 de fevereiro de 2016 (no *Facebook*, quando 178 pessoas marcaram presença), e 24 de março de 2016 (no *instagram*, quando 326 pessoas marcaram presença).

Inicialmente, esse evento tinha como proposta principal a união de artistas independentes e a exibição de diversos segmentos artísticos-culturais, começando principalmente com o rap. Assim, o nome “Rap Free Jazz” teria o Rap e o Jazz compreendidos como a mesclagem de gêneros musicais importantes para a cultura negra (tais como o Hip Hop e o Blues), e o “Free” como a habilidade do *freestyle* que é, grosso modo, o improviso musical e também como a liberdade de estar em seu território produzindo cultura, já que “Free” também tem relação com “Freedom”.

Este evento ocorria sempre a noite, sob forma de ocupação de praças públicas em Duque de Caxias, dessa vez não ocuparam praça do Galo, mas a que está localizada quase em frente a um dos mais importantes CIEPs do município, o CIEP 201 Aarão Steinbruch,

²¹ Esta lei, conhecida como lei do artista de rua é, na verdade, a lei N.º 2.751, de 04 de dezembro de 2015, decretada pelo prefeito Alexandre Cardoso, que tratava de proteger os artistas de ruas quando estes respeitassem uma série de condições da legislação, tais como a gratuidade das apresentações, o trânsito livre e outras.

portanto a praça é conhecida como “pracinha do ciep”. Em uma pesquisa no Google Maps não há sequer a localização marcada desta praça, quem dirá o nome real, mas há uma placa no local que indica o nome dela, “praça Waldemar Martins dos Santos”, como mostra a figura 3. A falta de informação sobre a localização da praça, que é sede de vários eventos do F.A.L.A., destaca a invisibilidade do local onde as atividades culturais acontecem, o que dificulta ao público encontrá-lo.

Pelas inúmeras fotos percebe-se que o público era predominantemente de adolescentes, ainda que aparecessem alguns adultos, como consta na figura 4. Este evento também tinha, como uma das principais atrações, a batalha do conhecimento, que é uma batalha de rima que tem como objetivo a demonstração de conhecimento sobre qualquer tema, como é possível notar na figura 5 em um dos primeiros cartazes que anunciavam o evento.

Figura 3 – Placa da pracinha do CIEP



Fonte: Foto do Autor.

Figura 4 – Um dos primeiros “Rap Free Jazz”.



Fonte: <<https://web.facebook.com/fabricadeapoioalinguagemartistica>>

Figura 5 – Cartaz do Rap Free Jazz de 2016



Fonte: <[instagram.com/coletivofala](https://www.instagram.com/coletivofala)>

Interessante ressaltar que a sigla “BXD”, ao menos a partir do conteúdo visual analisado, não aparecia ainda, mas talvez já fosse falada, ou cantada nas batalhas de rimas. Somente em fotos do ano de 2017, ano também da exibição do documentário “#BXD Baixada Nunca Se Rende”, que a sigla aparece como uma construção de madeira em vermelho, sobre pallets, que davam a sustentação da caixa de remixagem dos Djs que iriam tocar, como mostra a figura 6, onde é possível notar a presença de uma bateria e

objetos de malabares, assim como um painel em branco para grafites, o que significa que outros segmentos artísticos também participariam.

Figura 6 – “BXD”, bateria e malabares em 29 de Junho de 2017.



Fonte: <[instagram.com/coletivofala](https://www.instagram.com/coletivofala)>

Aos poucos, o evento foi ampliando os espaços de participação para que pessoas de diversos segmentos culturais pudessem se inserir, e com isso expandir também o público. A integração do coletivo com este evento na bienal do livro em Duque de Caxias ilustra isto, assim como o “artistando na pracinha”, versão do Rap Free Jazz mais direcionado às crianças. No cartaz, a seguir, mostra o anúncio de 2017, destacando que ocorreria o primeiro encontro de artes com mutirão de grafite no “artistando na pracinha”. Neste evento, que ocorreria na pracinha do Rodo, em Duque de Caxias, na rua Jassuara localizada na Jardim Tupiara (outra divisa de Belford Roxo e Duque de Caxias), além de roda de palhaçaria, danças, músicas, batalhas de mcs, poesias, haveria atividades comuns de ações sociais também ocorreram, como o corte de cabelo gratuito, além de roda de conversa, como mostra a figura 7.

Figura 7 – Artistando na pracinha



Fonte: <instagram.com/coletivofala>

Na descrição do evento no *facebook*, podemos perceber outras atividades, como dança do ventre, brincadeiras, oficinas de dança, banho de mangueira, *slackline*, e destacava que os shows que constavam no cartaz, na verdade eram de MCs da Baixada. Entretanto, ainda outras atividades ocorriam, como o teatro, cinema, como se pode perceber nessa mesma descrição, onde o coletivo F.A.L.A. apresentava o “Artistando na pracinha” como um evento que

[...] acontece há mais de um ano com atividades como pinturas, desenho, música, saídas a sítio, teatro, cinema, conversas sobre os mais variados assuntos com a intenção de mostrar tudo o que o mundo da arte pode proporcionar às nossas crianças e assim, motivá-las a querer um pouco mais desse mundão. Sair desde já da inércia que o "sistema adulto" insiste em nos enquadrar! Contamos com a colaboração de todos vocês, sintam-se a vontade para somar com oficinas, apresentações, brincadeiras, filmes, enfim... o mundo do Artistando na Pracinha é nosso (COLETIVO FALA, 2017)

Entre 2015 e 2019 aconteceram 19 edições do Rap Free Jazz. Também ocorreram a junção deste evento com outros, como com o Artistando na pracinha, Baile Funk Dazamiga, Batalha do Gogó. O Rap Free Jazz também aconteceu com apoio de outras organizações culturais da Baixada, como o JamaiCaxias, The Life Of Baixada (TLOB), Soma, Goméia, Bienal do Livro e na Festa Literária de Duque de Caxias. O último evento foi construído na pracinha do CIEP Aarão Steinbruch como edição especial de fim de ano, em 21 de dezembro de 2019, antes da pandemia de covid-19, contou com 204 pessoas que confirmaram presença, além de 231 interessados em participar no *facebook*.

Na descrição deste último evento, antes da pandemia, nas redes sociais do coletivo F.A.L.A., pode-se perceber que o Rap Free Jazz estava mais organizado, visto que dividido em várias sessões: a) “*pickups*” voltados as Djs que iriam tocar (Dj Aline Brandão, Trix Maia, Dina Groovy, Isa e Moonjay); b) “*pockets brabax show*” seria a sessão onde 3 mulheres iriam cantar, Negra Rê, Afrodite BXD e Eufena; c) “batalha do conhecimento”, centrada na história da Baixada Fluminense “É isso mesmo, os temas serão pontos históricos que temos pela nossa Baixada Fluminense, eventos importante que existe por aqui, fale de tudo que conhece ou já ouviu falar” (COLETIVO FALA, 2019), nesta sessão ocorriam inscrições na hora e pelo menos até antes do evento já haviam 3 nomes, mais alguns outros mcs vencedores de batalhas pela comunidade cultural da BXD, confirmados para “batalhar”, o Docky, Coman e Fampa. Nesta batalha havia uma premiação dupla, uma quantia de 100 reais para o vencedor além de uma tatuagem no valor de 150 reais em um estúdio designado de “Geckos BXD”.

Além dessas sessões, haviam outras, como d) “cineminha”, que tinha como objetivo exibir filmes independentes, como mostra a figura 8; e) “teatro”, tendo a participação de um grupo teatral de 7 pessoas designado de “Desobrigados”; f) “galeria de artes”, exibindo trabalhos fotográficos de Raphael Wolff e Leandro Phinarte, desenhos de João Victor, Artes plásticas de Kaolin e Janine Castello, grafites de Drope, a produção da loja de objetos de magia “Casa da Bruxa”, a artista Iamê, o Brechó Lanatanpa e a lojinha do Barracão (escola de música localizada em Duque de Caxias); g) “quiz cultural”, que seria um questionário liderado por Beatriz Sabino e; h) “cobertura fotográfica”, que seriam os fotógrafos do próprio Rap Free Jazz que estariam cobrindo o evento, sendo eles o Igor Freitas, Luan Gesteira, Raphael Wolff e Leandro Phinarte. O Rap Free Jazz, com isso, foi transformado em um espaço multicultural, multimídia e feira de artes.

Figura 8 – “Cineminha”



Fonte: <instagram.com/coletivofala>

O coletivo F.A.L.A. deixava claro que não era permitido o uso de copos descartáveis, portanto o público deveria levar copo para utilizar no evento para que não produzissem tanto lixo nas praças, e as bebidas eram comercializadas a partir de uma tenda da própria organização, daí parte dos recursos financeiros do coletivo eram conquistados. Na figura 9 estão fotografias deste último evento, tendo o BXD de madeiras vermelhas, crianças, pessoas dançando, fazendo suas apresentações, lendo livros, fotografias destacando o carinho pelos animais, e integrantes de outros coletivos socioculturais como a Juliana Maia e Anderson Maia com sua filha, a Dj Trix Maia, na fotografia que localiza-se no bloco inferior da terceira coluna contando da esquerda para a direita, que fazem parte da “Família Lanatanpa” organização que também busca a transformação sociocultural de jovens a partir do movimento hip hop.

Figura 9 – Último Rap Free Jazz, em 2019.



Fonte: <https://web.facebook.com/media/set/?set=a.2705443182865096&type=3&locale=pt_BR>

Com a pandemia do covid-19, o coletivo paralisou suas atividades presenciais. Em 20 de outubro de 2020, entretanto, foi anunciada a primeira “Mostra de Artes do Coletivo F.A.L.A.”, que seria realizada de forma virtual. Neste edital de nove páginas, escrito de maneira simples e acessível, realizado com um patrocínio de 10 mil reais da Casa Fluminense²², as inscrições poderiam ser feitas até dia 20 de novembro de 2020 (tendo um mês para os artistas se inscreverem) e era apresentado como:

A Mostra busca visibilizar as histórias e também o trabalho desenvolvido pelas pessoas a partir de suas múltiplas narrativas sobre o cotidiano e demais aspectos inerentes à condição humana e social através de suas expressões artísticas. Em um momento de fragilidade social no Brasil e no mundo, onde a periferia grita por socorro, em busca de dignidade para sobreviver, o Coletivo FALA propõe a construção desse espaço criativo.

Desejamos que os participantes se apropriem de suas expressões de forma que contribua com a humanização, identificação e afeto em relação às vivências das pessoas que lutam por uma Baixada Fluminense mais igualitária. Esta proposta tem como referência outros editais e processos seletivos que vêm nos salvando do abandono e nos trazendo à tona o respirar, nos dando esperança e possibilidade nesses tempos sombrios (MOSTRA DE ARTES DO COLETIVO FALA, 2020, p.2).

No cartaz da Mostra de Artes indicava que ela seria da BXD para a BXD, como informa a figura 10, indicando que artistas de fora dos territórios da Baixada Fluminense não poderiam se inscrever no edital do evento.

Figura 10 – MOSTRA DE ARTES DO COLETIVO F.A.L.A.



Fonte: <<https://www.facebook.com/fabricadeapoioalinguagemartistica>>

²² A Casa Fluminense é uma associação civil sem fins lucrativos fundada por ativistas, pesquisadores e cidadãos em 2013, que constrói e monitora de maneira coletiva políticas públicas focadas na redução da desigualdade social, aprofundamento da democracia e no desenvolvimento sustentável (CASA FLUMINENSE, 2021).

Como é representado na figura 10, o público alvo tem um rosto, cor de pele, um microfone na mão, boca em movimento de fala e é uma criança, que tem esta forma não para representar o público infantil, visto que só poderia participar quem tivesse mais de 18 anos, mas o poder exercido pela a autonomia, a transgressão, a criatividade, ou o espírito da criança – se quisermos utilizar termos de Nietzsche (2002, p. 37), quando discute as três transformações do espírito (camelo, leão e a criança – esta última sendo comparada metaforicamente com a “inocência, e o esquecimento, um novo começar, uma roda que gira sobre si, um movimento, uma santa afirmação²³”). 30 artistas poderiam participar em 6 categorias: 1) artes visuais, 2) audiovisual, 3) dança, 4) literatura, 5) música, 6) teatro e circo, as quais teriam 5 projetos selecionados em cada.

Os candidatos tinham que enviar um vídeo de 1:30 min a 7 minutos junto da inscrição, podiam se inscreverem em somente uma modalidade, e ao serem selecionados iriam ganhar 150 reais, além de uma cesta de alimentos da Raiz Orgânica²⁴, como premiação, ou seja, este edital além de buscar atingir a produção cultural local, se relacionava com atividades da agricultura familiar. As propostas consideradas prioridades foram aquelas que atuavam no enfrentamento do racismo, ou atuavam com as pautas LGBTQIA+, preferiam artistas que não tinham grande acesso a financiamento institucional, propostas lideradas por mulheres e idosos(as), lideranças negras e/ou indígenas. No dia 11 de dezembro de 2020 saiu o resultado dos contemplados pelo edital (conforme a tabela 01), e a partir do dia 18 do mesmo mês, o coletivo iniciou a divulgação nas redes sociais a produção de cada artista, fizeram para cada um uma publicação individual com fotos da entrega dos prêmios e a descrição dos premiados.

Tabela 01 – Listagem dos contemplados pelo edital Mostra de Artes do Coletivo

F.A.L.A.

Artes Visuais	
Artista	Descrição
Débora da Silva Castro	Conhecida também como Aqualtune é artista plástica e atualmente faz formação de professores. Foi contemplada com a obra "Monalisa", uma releitura periférica da obra mais famosa do mundo.
Diego C. da Silva	Grafiteiro e tatuador, atualmente é morador das ruas tranquilas de Xerém, mas é “cria” da Vila Ideal, centro de Duque de Caxias.

²³ “Sim; para o jogo da criação, meus irmãos, é preciso uma santa afirmação: o espírito quer agora a sua vontade, o que perdeu o mundo quer alcançar o *seu* mundo” (NIETZSCHE, 2002, p. 37).

²⁴ Raiz Organica Agricultura é uma associação de produtores rurais localizados no assentamento “Terra Prometida” do Movimento Sem Terra, no Amapá, Duque de Caxias.

	Foi contemplado com a obra 'Transições', da qual ele diz "É impossível explicar o pôr do sol para uma pessoa cega, então deixo em aberto para sua interpretação a minha obra".
João Vitor Marques	Foi contemplado com a obra "Pedaços de mim", um pouco sobre o que é o João, como ele desenha e o que ele desenha.
Karine de Souza	Moradora de Nova Iguaçu, é colagista, produtora de moda e design de acessórios. Foi contemplada com a obra: Insurreição - Uma série de colagens analógicas.
Nathália Leite	Artista, produtora cultural, intérprete-criadora e pesquisadora em dança. Foi contemplada com a obra "Obirin - Fluxo Ancestral". Obirin, segundo a autora do vídeo, é uma pesquisa em dança e arte visual, onde busca, através do movimento, o feminino que a habita e a possibilidade de ser água.
Suellen de Arruda	Moradora do Olavo Bilac, Duque de Caxias, é ilustradora e nas horas vagas estudante de designer. Foi contemplada com a obra chamada "Autorretrato". Suellen diz que sua obra está ressignificando sua auto-imagem.
Vitor Senra	Morador do bairro Centenário, Duque de Caxias, é do tipo que não segue uma singularidade artística, ele sempre está em busca de novas expressões, manifestações e espaços. Se vê como um multi-artista, atua, produz, escreve, dirige e performa. Foi contemplado com a obra chamada "Minha rima, meu ritmo são bis" - Um corpo preto se movimenta enquanto se reafirma.
Audiovisual	
Artista	Descrição
Lu Brasil	Moradora da Vila Operária, em Duque de Caxias, grafiteira, videomaker, agente cultural e youtuber do canal 'Diário da Periférica Lu Brasil'. Sua obra "Fim de semana alheatório - imagens e palavras" foi contemplada. Lu diz que essa obra é um auto retrato de quem ela poderia ser durante a quarentena.
Namy Ogawa	"Cria" de Belford Roxo e artista visual. Ela foi contemplada com a obra "Fragmentos de Fé – Feixes do cotidiano." Um curta atravessado pelo olhar pessoal de Namy, um processo próprio de entender o cotidiano através de seu fazer artístico.
Pietra Canle	É "cria" de Nova Iguaçu e trabalha como professora, atriz, cientista, bióloga, artista visual, mímica, coladora de lambe-lambes e performer. Foi contemplada com a obra "Relatos Isolados". "Este trabalho parte da necessidade de apresentar narrativas do nosso cotidiano e da nossa região. Nos ouvir e nos compreender tendo a Baixada enquanto potência, possibilitar a escuta dos nossos e traçar nossas próprias narrativas, somando-se às produções visuais (colagens) que narram esse dia a dia e nosso território de uma outra perspectiva".
Sandro Garcia	É "cria" de Belford Roxo e faz parte do Coletivo Baixada Cine. Foi contemplado com a obra "O Desejo é um Tempo Parado", um curta-metragem produzido a partir de uma foto dentro do contexto da quarentena.
Cineclube Xuxu Com Xis	Contemplado em nome de uma das componentes do Xuxucomxis, estudante de publicidade, operadora de vídeo, atuante no audiovisual independente desde 2012. Sua obra chamada "Descaso" foi contemplada. Essa obra é uma poesia do ilustrador e grafiteiro "DOUGZ" que relata a angústia do pobre, periférico, favelado e negro de todos os lugares do mundo. É um conjunto de ideologias e atitudes ofensivas ao menos favorecidos.
Dança	
Artista	Descrição
Bruno Alarcon	Ator, dançarino contemporâneo e arte educador, é morador da comunidade Parque das Missões, Duque de Caxias. Foi contemplado com a coreografia intitulada 'Saudade do Futuro', movida por inquietações vivenciadas por um isolamento social. Esta obra apresenta uma criação dialogando movimento, voz e espaço.
Jefferson Nascimento dos Santos	Influencer e dançarino. "Cria" do Lote XV, Belford Roxo. Foi contemplado com a obra "Coreografia".
Lais da Silva Branco Pereira	Moradora do bairro Santa Amélia, é dançarina profissional, arte educadora, produtora artística e organizadora de Roda Cultural. Foi contemplada com a obra "Caos" e diz: "Perdida no caos que vive o planeta, resolvi me encontrar na arte que me salva".

Pâmela Georgina de Souza	Dançarina e bailarina clássica, moradora de Vilar dos Teles, São João de Meriti. Foi contemplada com a obra chamada 'Da quarentena à esperança' onde Georgina esteve buscando leveza em meio ao caos.
Gabriela Black Barbie	É dançarina, coreógrafa e mãe. Atualmente moradora de Duque de Caxias, Parque Fluminense. Foi contemplada na categoria dança com a obra "Soco". Uma coreografia inspirada no Dance Hall Jamaicano.
Literatura	
Artista	Descrição
Anedilei	Poeta, atriz, produtora e artista plástica "Cria" de Caxias e Belford Roxo. Foi contemplada na categoria Literatura com a obra: "42". O trabalho é um vídeo poesia que retrata com letras e imagens o cotidiano real e mágico que acontece todo dia na Baixada Fluminense. A brincadeira com o número 42 é uma referência a série de Livros O guia do Mochileiros das Galáxias de Douglas Adams.
Gabriela Pontes Benvindo da Silva	É produtora cultural, escritora, poeta, pesquisadora científica, cineclubista e graduanda em psicologia, moradora de Belford Roxo. Foi contemplada com a obra chamada "Liberdade!", em que uma pessoa questiona um dos seus relacionamentos.
Hera Marques	É poeta e produtora cultural. Moradora de Imbariê. Foi contemplada na categoria Literatura com a obra: "Pele no Alvo", uma poesia que fala sobre as dores que pessoas de pele preta passam no Brasil.
Joyce Kelly Salvador	Moradora do bairro Olavo Bilac, em Duque de Caxias, é uma jovem mulher preta, mãe solo de 2 crianças, ativista, modelo fotográfica, poetisa e na pandemia produziu um canal no YouTube com conteúdos sobre maternidade preta. Foi contemplada com a obra chamada "Uma poesia Marginal". Esta obra contém conteúdo sensível.
Marlon Gonçalves	Poeta, DJ e é de Nova Iguaçu, Morro Agudo. Foi contemplado com a obra chamada "Distanciamento social?". Segundo Marlon "o isolamento social veio através de um vírus, mas esse vírus veio pelos celulares. Não posso falar muito sem dar spoiler, esse trabalho gira totalmente em torno dessa frase e partindo dela eu convido você a refletir junto comigo, pelos olhos do diretor Higor Cabral."
Música	
Artista	Descrição
Adriele Soares	"Cria" do bairro Santo Emília em Belford Roxo. Adriele é cantora e foi contemplada com a obra "Serotonina" que segundo ela é "inspirada em tornar real os sentimentos humanos, dos quais todos temos e que todas as nossas partes, fazem parte de quem nós somos, pontos fracos e fortes que nos compõem".
Anderson Oliveira Maia	É DJ do Lanatanpa, uma roda cultural que acontece no bairro do Pantanal, em Duque de Caxias, onde Maia também reside. Foi contemplado na categoria Música com a obra: "um pequeno set."
Elisete Castro da Silva	Moradora de Morro Agudo, Nova Iguaçu, é Rapper/MC, poetisa, beatmaker, escritora, contista e produtora cultural. Foi contemplada com a obra chamada "Música, ritmo e poesia - a arte que conecta culturas e gerações".
Hanna Hk	Moradora da comunidade Roseiral, integrante do grupo Horizonte Rap, poetisa e responsável por realizar a roda cultural do Roseiral. Foi contemplada com as poesias: "Metade é para o Renan" e "Faça mais e fale menos".
Raul Dias	É músico e produtor musical, morador do Parque Fluminense, Duque de Caxias. Foi contemplado com a música "Sepultado Vivo" que é um desabafo sobre depressão, indústria da loucura, dependência e ansiedade causada pelo sofrimento inerente ao homem, principalmente no padrão de rotina imposto pelo capitalismo e sob a perspectiva de pessoas com psicopatologias.
Teatro e Circo	
Artista	Descrição
Beatriz Simões	"Cria" de São João de Meriti. Atriz, artista visual, estudante de Ciências Sociais pela UFRJ e de teatro pela E.T.E.T Martins Penna. Foi contemplada com a obra "Você já renasceu ou se sente congelada? – Uma cena ritual sobre o renascimento de uma mulher preta."

Alanis Cabral e Jessé Cabral	Jessé (palhaço, ator e escritor) é pai de Alanis. Eles são moradores de Duque de Caxias. Essa dupla foi contemplada com a obra "Enquanto não sai, ensaia!"
Lorre Motta	Atua, canta, dirige e realiza produções independentes. Integra o coletivo Baixada Cine e está em formação pela Escola Técnica Estadual de Teatro Martins Penna. Foi contemplada com a obra: "Saudade Mental".

Elaborado pelo Autor. Fonte: [instagram.com/coletivofala](https://www.instagram.com/coletivofala)

No dia 15 de Janeiro, uma sexta-feira às 20h, foi realizada uma *live*, uma conversa centrada principalmente sobre políticas públicas de cultura na periferia, entre integrantes do coletivo e da Casa Fluminense, que durou 86 minutos e que fez a abertura da Mostra de Artes. Nela, foi exibido um documentário de 25 minutos com alguns artistas selecionados do edital (incluindo o coletivo XuxuComXis) como abertura da *live*, onde relatavam como foi importante a realização deste edital em tempos de pandemia, sobretudo com o retorno financeiro além da possibilidade de aumentar a visibilidade de suas produções e, depois, Wallace Luz, Junior Melo e a Malê (três dos integrantes do coletivo) conversaram com uma representante da Casa Fluminense, a Tati. Nessa conversa foi possível compreender como ocorreu a oportunidade da F.A.L.A. construir este edital.

Malê contou que o coletivo estava mais centrado na distribuição de cestas básicas e, por isso, não estava produzindo culturalmente como fazia antes da pandemia, foi naquele momento que a Casa Fluminense convidou o coletivo para que construísse um projeto cultural, oferecendo 10 mil reais.

Eu não vi o e-mail. O e-mail não chegou, na verdade, assim que ela mandou pra todo mundo. Não chegou pra mim. E aí ela me chamou no whatsapp, a Yasmin Monteiro né, a nossa querida [...] a nossa tutora de projeto e tal. E aí ela falou “Pô Malê, te mandei lá uma parada, vê lá se você acha”. Não encontrei o e-mail, eu sei que quando ela conseguiu mandar o e-mail, que eu abri, era no outro dia. A gente tinha que entregar no outro dia o projeto. (LIVE DE ABERTURA, 2020, 30:48min)

Junior Melo completou:

[...] a gente se inspirou em um especial que foi o Anima Prata, que é um festival de teatro de formas animadas, e eles estavam pedindo uma coisa muito simples pros artistas que estavam participando. Tendo em vista que aqueles artistas, a maioria deles estavam, e aí eu falo por mim mesmo, estavam numa situação muito difícil pra trabalhar [...] E aí a gente finalmente chegou nessa ideia de produzir um festival, né? Uma mostra de arte que pudesse contemplar mais que o rap [...] (LIVE DE ABERTURA, 2020, 32:02 min)

Tati da Casa Fluminense revela que o recurso do edital da Mostra de Artes do coletivo F.A.L.A. vem do Fundo da Casa Fluminense, que é aberto anualmente e visa fomentar de forma direta as organizações formais ou informais que pensam e produzem soluções locais para diminuir a desigualdade social, um dos principais focos, segundo ela, é democratizar o acesso aos recursos para os grupos de periferias que não estão inseridos em políticas públicas governamentais, assim como contribuir com ações que estejam relacionadas às metas da Agenda Rio 2030²⁵. Dentro destas metas está a que visa “Ampliar e territorializar o orçamento para a cultura, qualificar e desburocratizar o uso de espaços públicos, preservar o patrimônio e potencializar a diversidade cultural nas cidades” (AGENDA RIO 2030, 2020, p. 5).

Na conversa que eles realizaram na *live*, fica nítido o fator multiplicador que políticas como essas, que visam financiar a produção local, de quem está “na ponta”, tanto ao articularem agricultura familiar com o campo da cultura, quanto na construção de um edital que seja somente para a região periférica, e na mudança de olhar das pessoas que fazem parte dos territórios destes artistas premiados, ao perceberem que a produção cultural pode fazer sentido, pode ser um caminho para ascensão social. Entretanto, se torna um caminho muito estreito quando outras instituições, como as governamentais, não se articulam com os produtores locais e com associações como a Casa Fluminense, que podem fomentar políticas socioculturais locais.

Dias depois deste encontro entre a Casa Fluminense e o F.A.L.A., exatamente no dia 17 de janeiro, os integrantes do coletivo iniciaram a divulgação dos cronogramas da exibição das artes. Eles construíram, ao todo, quatro cronogramas, cada um com cinco dias consecutivos para que cada dia tivesse uma única apresentação. Assim, entre os dias 18 de janeiro e 12 de fevereiro as produções premiadas foram divulgadas e continuaram sendo exibidas no perfil do *Instagram* do coletivo F.A.L.A., aliás o Jornal O DIA produziu uma matéria justamente sobre a repercussão das publicações que foram feitas nas redes sociais com as produções dos vencedores e do edital, conforme a figura 11.

Figura 11 – Jornal O DIA

²⁵ “A Agenda Rio 2030 reúne um conjunto de políticas públicas articuladas para a região metropolitana do Rio de Janeiro, na busca por justiça econômica, racial, de gênero, e socioambiental. Organizada pela Casa Fluminense, o conteúdo é produzido a partir de processos de escuta coletiva com a rede de parceiros, através de entrevistas, encontros colaborativos e consulta online. Nesta quarta edição, de 2020, trazemos 10 eixos temáticos com 10 propostas em cada um” (CASA FLUMINENSE, 2021, online)



Fonte: <instagram.com/coletivofala>

Não fosse por uma política pública de cultura a nível federal, a Lei Aldir Blanc, os coletivos da BXD provavelmente não teriam oportunidade de concorrer aos editais de cultura em seus municípios. No edital de fomento²⁶, por conta da Aldir Blanc, em Duque de Caxias, por exemplo, o F.A.L.A. pôde construir, depois de ganhar 15 mil reais no CPF de uma única pessoa do coletivo, a segunda edição do “laboratório formativo” para o público que, de alguma forma, se relaciona com o movimento hip hop: o segundo “OFF RAP - Resistência, Ativismo e Produção (edição virtual)” que ocorreu nos dias 17, 18, 24 e 25 de Abril de 2021, conforme a figura 12. A primeira edição desse projeto não consta em nenhuma das redes sociais do coletivo, nem em mecanismos de buscas na internet, pois a primeira vez do evento foi presencial e a F.A.L.A. ainda não publicou os registros de seu acontecimento, como dito nas entrevistas.

Figura 12 – OFF RAP - Resistência, Ativismo e Produção (edição virtual).

²⁶ A modalidade de fomento da Lei Aldir Blanc é contemplada pelo Inciso III e visa fomentar atividades e produções culturais nos municípios, a contrapartida foi a execução de um projeto indicado no edital e o uso do recurso foi indiscriminado.



Fonte: <instagram.com/coletivofala>

Nesta segunda edição do projeto, que ocorreu de forma virtual, o coletivo F.A.L.A. organizou 10 oficinas que ocorreriam em dois finais de semanas consecutivos, estas oficinas estão organizadas conforme a tabela 02. Oito oficinas estão disponíveis no canal do *youtube* do coletivo, cada uma durou entre 1 a 2 horas e meia. Uma única oficina foi feita de forma presencial, que foi a da Lu Brasil com grafites, esta ocorreu dia 3 de julho, diferente das outras que seguiram o cronograma do cartaz exibido pela figura 12 e que estão disponíveis no *youtube*.

Tabela 02 – Oficinas do OFF RAP.

Oficina	Oficineiro(a)	Biografia
Dança	Zulu Gregório	Nascido em Duque de Caxias (RJ), estudante da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) no curso de Bacharelado em dança, onde desenvolve uma pesquisa dentro da dança contemporânea. Atua como interprete criativo na Companhia Gente de Paulo E. Azevedo atualmente com a obra "mÓDIO" recém apresentada na turnê Sesc SP, também desenvolve o estudo e práticas como bboy auto de data desde 2009 e estuda o Dance Hall. Fez alguns workshops para aprimorar suas técnicas, como por exemplo o workshop: styler is power ministrado por Blanka Roc' representante de Mighty Zulu Kingz entre outros, e também tem uma pequena experiência em eventos como a batalha D.C. Kings, onde atuou como idealizador e organizador.
Introdução a discotecagem básica	Dj Tamy	Foi a partir do Hip Hop que ela formou sua identidade. Do piano a percussão, a música está no sangue. Thamyres é DJ, comunicadora e responsável pelo conceito Black Pop Music. Nascida em Ricardo de Albuquerque e criada em Anchieta, há 14 anos apresenta uma mistura

		de música e muita cultura underground. Participou dos projetos REPensando, da CUFA - Central Única das Favelas. Em 2012 ingressou ao Red Bull Favela Beats para aprimorar suas habilidades como DJ e produtora musical.
Graffiti	Lu Brasil	Mestra em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (FEBF/UERJ). Grafiteira, videomaker, Agente Cultural e ministra aulas de graffiti para EJA Manguinhos (EPSJV) e para a Ong Cultura de Paz. Faz parte dos coletivos: Afro Mulheres de Opinião (Amo Crew), Movimenta Caxias, Baixada Graffiti e Baixada Filma. Além disso, é colaboradora do evento Meeting of favela, escreve para o site Lurdinha para os fortes e tem um canal no youtube: Diário da Periférica Lu Brasil
Hip Hop como ferramenta política do povo preto	João Marcos Bigon	Cria de Duque de Caxias e tem 27 anos. É influenciador digital, professor de História, Filosofia e Mestre em Relações Étnico Raciais pelo CEFET-Rj. É pesquisador com foco em Educação, Raça, Decolonilidade, Crítica ao Colonialismo, Descolonização e Identidade Negra.
Corpo, presença e performance	Junior Melo	Morador de Belford Roxo, ator, palhaço, diretor e produtor cultural. Formado pela Fábrica de Atores e Material Artístico e pelo Instituto Eslipe. Atualmente cursa Arte Dramática pela ETET Martins Penna e Música pela Villa Lobos.
História da Baixada Fluminense	Marlucia Santos	É uma das criadoras do Museu Vivo do São Bento e do Centro de Referência Patrimonial e Histórica de Duque de Caxias onde atua como Coordenadora Geral, que concentra os estudos relacionados à Baixada Fluminense. Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Diretora Executiva do Museu Vivo do São Bento. Associada da APPH-Clio (Associação de Associação de Professores-Pesquisadores de História – Clio). Integra o Conselho Deliberativo da ASAMIH (Associação dos Amigos do Instituto Histórico) e o Conselho Editorial da Revista Pílares da História.
Produção cultural: Produções periféricas e faveladas	Wellington de Oliveiras	Produtor e articulador cultural, cria do Caju e fazedor na wdoproducoes. Produz o COLETIVO ARAME FARPADO, com direção de Phellipe Azevedo, produzindo os espetáculos "Arame Farpado" e "Projeto Êxodo". Produz o GRUPO ATIRO, com direção do Wallace Lino, tendo produzido os espetáculos: "Família", "Obedeça", "ANT-Corpo" e "Corpo Minado". Produziu o projeto "Além dos Muros", contemplado pelo Prêmio Itaú UNICEF - Edital Sementes, e realizou a adaptação do espetáculo "Corpo Minado" para a modalidade virtual, produzindo um curta para integrar à programação "5 em cena", do Sesc-RJ. Foi produtor executivo do espetáculo "Hoje não saio daqui" da Cia Marginal, contemplado pelo programa Rumos Itaú Cultural, e eleito como um dos 10 melhores espetáculos de 2019 pelo jornal O Globo.
Poesia marginal e escrita criativa	Mauí	Nascido e criado na Baixada Fluminense, Maui é um Poeta, Cantor, e movimentador Cultural responsável pelo Slam BXD, primeira batalha de poesia periódica da Baixada. Com letras dinâmicas que transitam entre a dura realidade, a rica cultura e o amor do negro favelado, Maui é integrante do coletivo Poetas vivos, coletivo afrocentrado de atuação nacional.
Corpo, presença e performance	Guilherme Costa (GCMBXD)	Guilherme Costa é morador de Duque de Caxias, rapper, compositor, poeta, ator, modelo, diretor, produtor cultural e soldador de estruturas metálicas, formado pelas ruas da Baixada Fluminense e Rio de Janeiro, Coletivo FALA e The Vox Mund School.
Yoga da voz	Alba Lirio	Alba Lirio é carioca, formada em Comunicação Social, em piano e teoria musical, pelo Conservatório Brasileiro de Música, e em

		Educação Vocal, pela The Vox Mundi School of the Voice (Califórnia), sendo colaboradora no aperfeiçoamento da metodologia de ensino adotada por essa escola que dirige no Brasil há 25 anos. É também educadora vocal de atores e grupos teatrais, como Moitará, Teatro do Instante, Studio Stanislavski, Cia. Brasileira de Mysterios e Novidades, Amok, entre outros.
--	--	---

Elaborado pelo autor. Fonte: [instagram.com/coletivofala](https://www.instagram.com/coletivofala)

Estas informações que compõem a tabela 02 são oriundas das publicações que o próprio coletivo F.A.L.A. produziu em seu perfil do *instagram*, entre os dias 15 e 21 de abril de 2021. Estas oficinas visaram inspirar e oferecer ferramentas ou mecanismos mais sofisticados para os produtores culturais do movimento hip hop da Baixada Fluminense. Estes poderiam se inscrever por meio de um formulário no *Google Docs*, até o dia 21 de março, sendo prorrogadas até o dia 23 do mesmo mês. Ao todo, 15 interessados foram selecionados, embora os critérios para essa seleção não tenham sido explicitados (ao menos nas redes sociais). Este formulário ficou disponível do momento em que o coletivo anunciou o projeto até o dia 23.

Como é possível perceber, a partir dos três projetos socioculturais do F.A.L.A., o coletivo funciona de fato como uma fábrica que apoia a linguagem artística local e algumas de suas marcas podem ser vistas, aliás, ao andar pelas ruas de Duque de Caxias, principalmente, como evidencia a figura 13, foto de um grafite de rua realizado por uma das integrantes do coletivo.

Figura 13 – Grafite “Malê” de 2021.



Fonte: Foto do Autor, 2021.

Este grafite, que é nitidamente uma intervenção artística urbana, está localizado em uma grande parede de contenção, que segura um barranco, em frente a uma avenida muito movimentada, a Avenida Leonel de Moura Brizola, perto da entrada do Lote XV que já é município de Belford Roxo. “Na falta de política pública, o Hip Hop tava lá”, e estava desde 2015 com o coletivo F.A.L.A., é uma denúncia da falta de interesse do Estado em construir políticas culturais que possam fomentar a democracia cultural. Ao contrário, por conta desta falta, quem constrói estas políticas, que muitas das vezes se iniciam como ações populares, são os coletivos culturais da BXD, como é o caso da Fábrica de Apoio a Linguagem Artística, o Xuxucomxis e o Baixada Nunca se Rende.

Estes caminhos, que permitiram e se apresentaram na forma de produtos descritos neste capítulo, formam rugosidades que os sujeitos-cupins deixam no espaço-tempo e nas subjetividades (dos subalternos), são registros de suas passagens, rastros de seus túneis criados, as vezes desfeitos ou/e quase apagados por quem não os desejam por perto. Entretanto, sempre podem ser refeitos e retomados, fazem, também, através da construção de espaços para que a mediação aconteça, mesmo que seja para os de dentro (neste caso, os de dentro da BXD), amplificando o exercício do poder destes sujeitos, assim, com mais alguns túneis e o aumento de tamanho da cupinzama poderá ser possível a derrubada, por meio do trabalho coletivo, das estruturas que outrora pareciam tão rígidas e os invisibilizam.

Os sentidos, que podem ser compreendidos como direções produzidas nas (e a partir das) fendas dos túneis são negociados pelas/nas mediações. Nas fissuras, as interseções entre a BXD e os Outros aparecem com mais vivacidade, principalmente por meio das contradições, dos conflitos e das relações de poder (dentro do próprio coletivo e da sua relação com os Outros), o que se ganha e o que pode ser expropriado torna-se fruto da disputa de poder entre os que estão dentro da BXD e os que estão fora. Por enquanto, pode ser percebido como são produzidos estes caminhos, mas para qual direção aponta seus sentidos, para quem (e com quem) se negocia? É o que veremos no próximo capítulo, naquilo que genericamente denominamos de mediações.

Capítulo II

Mediações

Neste capítulo, será investigado, privilegiadamente por meio das entrevistas, como ocorrem os processos de mediação entre cada coletivo e a sociedade, vista aqui através de outros grupos socioculturais, e principalmente/privilegiadamente as instituições públicas (prefeitura, governo do Estado, por exemplo). Os processos de mediação são, em grande medida, importantes para manter diálogos entre as muitas partes, como no caso desta pesquisa, a BXD, e os que se localizam fora deste multiterritório, que muitas vezes não conseguem apreender os códigos que são produzidos por aqueles que a compõem.

Nesse sentido, são necessárias traduções para tornarem inteligíveis estes códigos. Sem a vontade das partes para a construção de diálogo não é possível o exercício da mediação e, mesmo que o diálogo seja estabelecido, é sempre a partir do que o Outro²⁷ consegue compreender que se realiza alguma coisa²⁸ (se é que deseja escutar, pois tantas vezes parece teatralizar a escuta como forma de capturar as ideias, os produtos e os sujeitos), daí esta mediação deve ser analisada de maneira cautelosa. Nada está garantido mesmo que o diálogo, e consequentemente a fala, seja estabelecido. Aqui o “teatro” (THOMPSON, 2001) torna-se cada vez mais nítido, e o ideal sonhado pelos coletivos (tanto no seu aspecto ideológico quanto no sentido da existência de um método justo) é negado. Entretanto, isto não impede que os subalternos construam mecanismos para moverem-se/existirem, ainda que seja na opacidade e no distanciamento do Outro.

Através dos espaços de mediação é possível vislumbrar a atuação destes coletivos, que trabalham em certa opacidade, daí a escolha, neste capítulo, de privilegiar o Estado como o espaço de contato entre a BXD e os Outros.

2.1. Baixada Afeto: XuxuComXis

²⁷ Aqui o “Outro” é considerado como o diferente dos subalternos, pois estes estão em posição de Sujeitos por proporem ideais. Neste caso, são considerados “Outro” os grupos sociais hegemônicos que podem estar em muitos lugares, inclusive dentro da Baixada Fluminense.

²⁸ Pelo menos é o que defende SPIVAK (2010)

Nas periferias, sobretudo na Baixada Fluminense, a relação com o Estado quase sempre não é amistosa, é muito comum que conflitos e desgastes aconteçam, principalmente com grupos da sociedade civil organizada, como coletivos autônomos, por não serem acolhidos, ouvidos e nem atendidos. Em Duque de Caxias, a sociedade civil foi quem contribuiu para a construção de leis culturais, como a Semana do Hip Hop, a Escola de Artes e até o primeiro edital cultural que premiou agentes do campo da cultura local, o prêmio Paullo Ramos (DIAS, 2019). Em Nova Iguaçu, a partir da atuação do cineclube XuxuComXis não é diferente. As entrevistadas informam uma série de dificuldades à construção de um diálogo que possa tornar favorável à sua atuação na região e com relação ao Estado, afirmam que é hostil e por isso querem estar o mais distante possível (prefeitura principalmente).

Eu quero uma distância possível do Estado e da prefeitura. Não tem nenhuma relação amigável entre a gente e a prefeitura [...] Em outras palavras, a gente nunca pediu favor pra prefeitura mas a prefeitura já pediu favor pra gente, é isso. E aí a gente não tá nem aí pra eles.

[...]

Exato, a gente não tem, assim, um diálogo com a prefeitura (Entrevista com as participantes do XuxuComXis concedida em 05/09/2021).

Elas contam que em nove anos de existência do coletivo, somente no período da pandemia foi possível ganharem editais de cultura (tirando o primeiro e único edital que participaram antes da pandemia, que foi concedido na esfera privada, pela Trupe de La Tag, com recursos da CCR em meados de 2019 com o edital “Se essa praça fosse minha”, cujo prêmio foi a participação no evento que levava o nome do edital). Na pandemia foram quatro no total, porque os formatos de inscrição tornaram-se acessíveis.

[...] devido a pandemia eles facilitaram a maneira de se inscrever. Assim, facilitaram o CPF, que a maioria desses editais só podem CNPJ, com empresa. Então, com a pandemia eles facilitaram o CPF, então, por isso que a gente conseguiu porque o cineclube não tem CNPJ e aí foi fácil né? Não teve muitas comprovações de renda, de atuações né, então isso facilitou a nossa entrada. Só por causa disso (Entrevista com as participantes do XuxuComXis concedida em 05/09/2021).

A maioria destes editais, cinco se considerarmos o de 2019, foram conquistados (três deles) no CPF da mesma pessoa que detém os equipamentos do cineclube, o que evidencia a centralidade dela enquanto integrante que exercita o poder, tanto nas disputas internas (como nas tomadas de decisões, embora estas sejam decididas por meio de voto), quanto nas externas (tais como estes editais). A visibilidade é um dos objetivos desses processos de mediações, já que os editais devem ser vistos como espaços de mediação

entre os coletivos e o Estado, entretanto, a posição de “visível” ainda está longe do cineclube XuxuComXis, não só porque são os CPF (as pessoas) que ganham visibilidade, mas porque os editais estão desconectados de políticas de culturas. Elas discorrem sobre os editais conquistados, apontando que ainda não são suficientes para tornarem suas práticas visíveis.

Então, vamos lá, o cineclube existe porque a gente gosta e banca do nosso próprio dinheiro. Então, as visibilidades esse ano todo é da gente. Não só porque a gente ganhou só esses 3 editais, quer dizer que “Oh agora é o cineclube”, jamais. A gente tem uma estrada pela... por trás disso tudo. Deu um posicionamento, assim, exemplo, eu fui roubada e todos os equipamentos do cineclube eram meus, então com esse edital eu consegui comprar uma caixa de som, uma mesa de som, sabe? Consegui colocar um pouco daquilo que eu tinha sido roubado, ainda falta muito, falta um projetor que eu tinha que ter comprado, mas não comprei porque eu investi no clipe. Mas, enfim, é... dizer que é suficiente, não. Nunca será suficiente esses editais (Entrevista com as participantes do XuxuComXis concedida em 05/09/2021).

Completam que:

Exatamente. A gente sempre percebeu isso, desde quando a gente saiu da escola de cinema a gente percebeu que a gente teria dificuldades, né, e a gente ainda tentava, tipo, é... auxílio com as pessoas, falava “Ah como é que faz pra escrever um edital?” porque tem uma forma técnica de fazer isso né, porque a gente percebia que muitas coisas que a gente conseguiu ao longo né da formação na Escola né, e em outros espaços públicos vinham de financiamento né. Então a gente queria saber como é que fazia isso, mas a gente só conseguiu mesmo é... com a experiência da gente ir observando né, e com... a questão da... a questão da covid né, onde a gente chegou num limite e precisava de ajuda. Então, a gente tentou, arriscou e conseguiu, mas a gente sempre teve muita dificuldade, assim, de apoio financeiro dessas questões relacionadas as instituições públicas. A gente não conseguia até por falta de saber técnico. Quando eu fiz essa formação curatorial, muitas pessoas do Brasil todo reclamavam disso né, o quanto segregam a oportunidade pra gente e a verba né, dos editais fica muito na mão de poucas pessoas, sabe? Então, o objetivo dessa formação que eu fiz também foi pra expandir as oportunidades pra quem vive em periferia, pra quem tá trabalhando com o cinema e vive em periferia e precisa conseguir, porque as vezes a nossa única forma de sobrevivência é uma oportunidade dessa, sabe? Que antes, antes outras pessoas garantiam pra gente, né, mas hoje, chegou um tempo onde a gente precisa garantir por nós e pelos outros que caminham com a gente, porque a gente reconhece que a gente alimenta uma rede também. Pessoas precisam né, umas das outras, ainda mais nesse campo periférico (Entrevista com as participantes do XuxuComXis concedida em 05/09/2021).

Até o acesso aos editais é um desafio, visto que por estas falas percebe-se que as integrantes do XuxuComXis têm dificuldade com a técnica que os editais exigem para disputá-los, isto significa que os coletivos de periferias, sobretudo da Baixada Fluminense, estão desvantagens em relação aos outros. Uma das táticas do coletivo é participar de formações, como a “formação curatorial” apresentada na entrevista, as quais

oferecem a oportunidade de expandir o saber técnico, o que faz com que seja menos complicado disputar editais. Com isso, o coletivo busca também ensinar a outros artistas a se inscreverem nestes editais.

Durante a pandemia foram os seguintes editais ganhos:

1. 2020 – Edital estadual: “Cultura presente nas redes” da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro, com o projeto do cineclube XuxuComXis: “Das Ruas às Redes”;
2. 2020 – Edital estadual: “Premiação de técnicos da cultura e economia do cultura presente RJ”, por meio da Lei Aldir Blanc onde foi produzido o projeto “As possibilidades audiovisuais na educação com Pamela Ohnitram”;
3. 2020 – Edital municipal: “Edital de fomento a produção e aquisição de bens e serviços” construído pela Prefeitura de Nova Iguaçu através da Lei Aldir Blanc, onde foi produzido o videoclipe “BXD EXISTE”, e o último;
4. 2021 – Edital municipal: “Prêmio Jota Rodrigues” construído pela Prefeitura de Nova Iguaçu através da Lei Aldir Blanc, onde foi produzida a “Oficina de audiovisual com celular”.

XuxuComXis conquistou somente um edital antes da pandemia, na esfera privada, os demais foram da esfera pública, e aconteceram justamente em período pandêmico, o que evidencia a falta de financiamento cultural, seja pela prefeitura municipal, ou pela esfera estadual/ federal, mostrando que não atingiram com sua divulgação o coletivo XuxuComXis antes de 2020. Vale ressaltar que esses editais oriundos da Lei Aldir Blanc, que é uma lei federal, só foram liberados porque a lei exige que os municípios se organizem para executá-los, ou seja, não é um interesse que vem diretamente da prefeitura municipal.

O produto de todos estes cinco editais destaca a forma como o Xuxu se relaciona com a sua comunidade, principalmente pela realização de oficinas, ratifica a fala de uma das integrantes, quando disse que o desejo é passar o conhecimento para o público que participa das sessões de cineclube. Com o BXD Existe, por exemplo, o coletivo tentou produzir uma outra maneira de olhar para os territórios da Baixada Fluminense. Movimentaram suas redes sociais para interagir com seu público e construíram possibilidades do audiovisual na educação. De fato, sempre constituindo uma relação íntima com o público, ao mesmo passo que com uma certa distância do Estado, parecem

terem desistido de se fazerem ouvidas por este, por enquanto, por conta do não interesse em ouvi-las. O coletivo procura falar entre os de dentro da BXD.

Por passarem nove anos exercendo suas atividades e não tendo oportunidades de participar de editais, principalmente os municipais, o meio que o XuxuComXis tem para conseguir, de alguma maneira, se tornar visível é contar com as redes culturais autônomas da Baixada Fluminense, até porque a necessidade de conquistar visibilidade ainda não está presente. A rede Baixada Literária, por exemplo, “é uma Rede de Leitura que surgiu de uma necessidade da comunidade em desenvolver hábitos de leitura e melhorar a qualidade da leitura e escrita na população dos bairros periféricos do município de Nova Iguaçu” (BAIXADA LITERÁRIA, 2021). Esta rede, é uma das que contribuíram na jornada deste cineclube, tal como o Baixada Filma que será discutido na primeira parte do terceiro capítulo.

Não tendo apoio, às vezes, a gente tava lá fazendo. Pessoas parceiras, como o baixada literária, fortaleceu muito a gente nessa caminhada, a gente não pode deixar de falar do Baixada Literária, que é a Nath que hoje é integrante do cineclube XuxuComXis. Ela vem né, do Baixada Literária, então ela sempre ajudou muito a gente. O próprio Baixada Filma né reconhece, nesse momento, né, de tecer esse manifesto, reconhece a gente também como parte dessa luta audiovisual na Baixada. Então, eu acho que é o seguir caminhando, porque as conexões ao longo dessa caminhada vão fortalecendo a gente né, porque é aquilo, pessoas se reconhecem na nossa luta e veem a nossa paixão por continuar. **A gente quer simplesmente continuar né, porque viver disso a gente não vive. A gente realmente ama, a gente realmente ama fazer isso, a gente quer um dia poder viver disso, então a gente vai seguir caminhando** (Entrevista com as participantes do XuxuComXis concedida em 05/09/2021, grifos meu).

Por um lado, por mais que o alcance deste coletivo tenha sido pequeno, até este momento, dada a dificuldade de acesso aos editais e a sua relação de distância com o Estado, que impede de ter um mínimo de segurança em suas atividades e uso de equipamentos públicos etc. (por não conseguir negociar com a prefeitura estas contrapartidas), ainda é possível construir algum diálogo com outros personagens que integram outras redes culturais autônomas. O material audiovisual do Xuxu consegue chegar em outras partes do estado do Rio de Janeiro por meio dessas redes culturais e outros eventos que dão a oportunidade de exibir seus materiais, como festivais. Elas discutem que sua produção consegue afetar, em alguma medida, aquele que ouve, mas é necessário que este Outro (aqui, o Estado também) esteja interessado em ouvir. Mesmo que não haja o interesse, elas acreditam que alguma “centelha”, para usar o termo de Michelle no Revirando o Jogo (2021), possa ser causada em quem escuta/participa.

Olha, eu acredito que tudo que a gente faz, né, produção, um diálogo, um debate, afeta de alguma forma. Nem que seja pra dar uma reflexão, é... porém a pessoa tem que estar disposta a ver, a escutar, a entender, porque eu acredito o seguinte: porque se você não tá disposto a entender aquilo que o outro tá fazendo, nunca vai te afetar, não vai ter uma reflexão sobre isso. Então, assim, as nossas produções, de uma certa forma, a gente afeta algum público, independente se ele é fora da capital ou dentro do nosso território, a gente afeta porque eles vão ser vistos de alguma forma, nem que seja em alguma frase, de algum depoimento, ou de alguma imagem (Entrevista com as participantes do XuxuComXis concedida em 05/09/2021).

Por outro lado, as imagens hegemônicas da região da Baixada Fluminense dificultam a construção de diálogos com quem (tanto o Estado, quanto os que estão fora da Baixada e os que estão dentro, que operam as imagens) possa intermediar a comunidade da BXD, que percebe, constrói e se relaciona de outra forma com a própria Baixada Fluminense, dentro das muitas existentes. Nesse sentido, as imagens pejorativas consolidam bloqueios, impedindo que os Outros acessem as temporalidades que estão sendo trabalhadas pelos agentes culturais da BXD. Uma entrevistada, por conta disso, diz sentir raiva, por perceber que todo o trabalho que o Xuxu produziu, assim como qualquer outro coletivo que esteja produzindo cultura dentro dessa região, pode ser perdido quando a velha imagem volta a ser reproduzida pela mídia, fortalecendo o regime de representação hegemônico, ao mesmo tempo em que sustentando toda a maquinaria discursiva que cria a ficção do que é a Baixada Fluminense, como se ela ou qualquer outro significante pudesse ter/ser significados fixos.

Ah, então, me dá raiva. O afetar essas imagens me dá raiva, porque a gente luta tanto em mostrar o outro lado que em menos de cinco minutos na tv aberta isso tudo que eu tava lutando, mostrando, o lado bom... é caído. Sai, assim, como se fosse o filme da Disney, né? Eu acho que... mas é uma forma de construção também, né, é uma forma que a gente... eu né, digo, que a gente tem que repensar... que isso existe e tentar relevar e pensar várias outras maneiras de reverter né. Mas, quando as pessoas assistem esses tipos de noticiários, esses tipos de imagens, né, que falam em relação a Baixada, isso pra eles eu acredito que seja normal, porque já vem de anos, não é de agora. Então, assim, a gente que luta pra mostrar o contrário, mas pra eles... “É baixada cara, tem violência. Eu não quero ir pra lá” dá certa hora “fazer o que lá na Baixada?” sabe? Então essas imagens sempre vão perpetuar, e a gente mostrando o inverso a gente sempre vai estar lutando pra mostrar e é isso. Mas, me dá raiva esse tipo de posicionamento, esse tipo de imagem assim, mas eu sei também que isso não acontece só na Baixada, acontece no mundo todo e as vezes é necessário mostrar esse tipo de situações de imagens fortes, né, que acontecem ou de massacres, chacinas ou aqueles 3 meninos também que até hoje não foram achados, né, pra ver se o poder público agiliza a sua vida né, se o poder público tenta trabalhar, porque eles não trabalham, eles fingem que trabalham. Uma investigação que dura 6 meses, 1 ano, sabe? Como o assassinato da Marielle, de periferia, sabe? E aí até hoje não sabe quem foi o mandante, como assim? É surreal, eles não querem trabalhar. Mas, enfim, me deixa muito chateada esse tipo de imagem, sim, mas de vez em quando é essencial e tem que ser mostrado pra ver se o poder público trabalha (Entrevista com as participantes do

XuxuComXis concedida em 05/09/2021).

Completam que:

[...] igual aquele filme “Nunca fui mas me disseram” dá pra ver bastante né o que se pensa sobre... aqui, o nosso território. Mas, nesse mesmo contexto a gente consegue ver o que realmente valoriza e dá voz, aumenta a nossa voz, quando a gente pensa nessas questões, porque tem uma galera do rio que vem pra cá, que cola com a gente. No aniversário da Pam a gente pode ver bastante isso, uma galera que admira o nosso trabalho e nem é daqui da Baixada e que fortalece a gente, sabe? Mesmo que em outro espaço. Então, é bom a gente pensar realmente em quem fortalece, sabe? Mas, eu não queria estar no lugar dessas pessoas que deixam de valorizar a gente simplesmente por causa do que falam sobre o nosso território, porque a gente sabe que isso vem de uma construção da estrutura do Estado né, e que se a gente pudesse, e a gente tenta através da arte, na verdade, lutar contra isso, a gente estaria né, tipo, melhor pra toda a população e a gente tenta isso através da arte (Entrevista com as participantes do XuxuComXis concedida em 05/09/2021).

Por conta desses entraves, a visibilidade do Xuxu, diferente de outros coletivos que ainda serão analisados, é ainda pequena. Sabendo disso, o coletivo não foca em tornar-se visível, mas conseguir partilhar o afeto pelo próprio território, por suas produções e pela utopia de construir outros mundos, outros sujeitos e histórias. Quando se compreende que a BXD não pode falar principalmente com o Estado, e não pode ser vista pelos Outros, a tática para que exista é fazê-la viver dentro de pessoas que puderam notá-la, mesmo sabendo que não há garantia de sua existência e que esse BXD pode se perder, pois está sempre sob tensão, necessitando, portanto, de visibilidade, esta seria então o próprio produto do trabalho, deste afeto.

Olha, vou ser bem sincera. Visibilidade não é o nosso ponto forte e nem o nosso objetivo. Por muito tempo a gente tava... tava na *vibe* de **“Ah vamos aumentar o nosso público, as nossas sessões tem pouca gente”** não sei, enfim. E aí eu caí na real, digo por mim, tá? Não posso dizer pelos outros porque não sei a opinião deles, mas eu acredito que eu, quando eu cai na real de fazer, porque, assim, se eu dependesse do público e da visibilidade, o cineclube já tinha acabado no segundo ano. Hoje não, eu faço, e a gente faz com alguns porque a gente quer se reunir, porque a gente quer passar um ideal que não nos foi dado, nos foi negado, sabe? Audiovisual não se encontra em qualquer esquina e ainda na Baixada Fluminense. [...] Então, assim, visibilidade, deixando bem claro, não é o nosso ponto, não é o nosso objetivo, **a gente faz por prazer, a gente faz porque a gente sabe que tem muita gente que não tem acesso**, e esse não ter acesso me quebra. Me quebra muito, porque isso deveria ser acessível para todos, para todos, e não ser restrito (Entrevista com as participantes do XuxuComXis concedida em 05/09/2021).

Completam que:

É sobre o encontro né entre as pessoas e a conexão pra além dessa ideia de formação de público, de... a gente nunca se importou muito com isso. A nossa ideia era realmente realizar as nossas sessões a partir do cinema porque acaba

que é uma paixão, igual eu falei antes. Então, a gente vai realizando é... tentando tocar né... tipo assim, tentando tocar no sentido de tocar a gente e quem sabe né através do nosso transbordar, tocar o outro. Mas, a gente não tem essa ideia de ter muita visibilidade assim, se tiver, legal né, tipo, é reconhecimento por tanta luta e isso deixa a gente feliz. É admiração partilhada, igual quando a gente vai em festivais a gente sente muito isso, caramba, a gente sente isso em relação aos outros, os outros em relação a gente, as sessões de cineclube também, nas ruas a gente encontra os amigos, é isso, é uma partilha de afeto mais do que uma formação de público (Entrevista com as participantes do XuxuComXis concedida em 05/09/2021).

Como se pode perceber através dessas falas, a visibilidade não é um dos objetivos deste coletivo, pois a oportunidade de tornar-se visível é através da conquista de editais e estes ainda são incipientes da forma como se organizam. O coletivo atualmente está focado em sobreviver por meio deles. O grande problema que se configura, entretanto, é que a grande maioria destes processos seletivos vem do Estado, e no caso dos governos municipais localizados na Baixada Fluminense, parece não ter a política de lançar editais culturais, reforçando a maquinaria discursiva que continua construindo as mesmas imagens que isolam os coletivos autônomos, como o Xuxu e tantos outros.

Por um lado, a polifonia destes coletivos que compõem o que nós estamos designando de BXD ou comunidade BXD fazem suas táticas inturgescerem. Por outro, as estratégias, como as políticas de ausências, que não deixam de ser ações, compõem formas de silenciar toda esta polifonia dos sujeitos-cupins quando organizados coletivamente. As ausências são produzidas pelo Estado seja pela negação ou pela criação de obstáculos, que para os coletivos pequenos tornam-se intransponíveis. A região da Baixada Fluminense, e tudo que ela significa, também é resultado dessa lógica que acaba por impossibilitar a fala dos sujeitos que ali vivem.

Como o XuxuComXis não deseja (ou não consegue) se relacionar com o Estado, o coletivo tenta manter suas atividades com a população residente na Baixada Fluminense de forma autônoma. Um dos motivos desta dificuldade é a utilização dos instrumentos de cooptação do Estado quando propõe os editais através de CPF. Somente na pandemia que o coletivo conseguiu conquistá-los e, ainda assim, no CPF de uma única pessoa, o que mostra o interesse do Estado nos integrantes e não nos coletivos. Ainda assim, tudo que foi conquistado pelo coletivo teve o objetivo de atrair moradores da Baixada Fluminense para compor esta camada da BXD.

Assim, a astúcia deste coletivo vai sendo construída silenciosamente, aos poucos trazendo mais pessoas das múltiplas camadas das Baixadas Fluminenses para dentro da

BXD, e paradoxalmente essas pequenas ações são capazes de produzir ecos nos ouvidos daqueles que desejam escutar. O afeto pelo território talvez seja capaz de mudar o formato do coração desses sujeitos que ali vivem, para o formato de um chuchu, mas nesse caso com “xis”, o mesmo de B-Xis-D. Por isso, não há tanto interesse em ser visível para todos, os de dentro já são o bastante, uma vez que a visibilidade pode trazer cooptação ao Outro (tanto aos de fora quanto aos de dentro – neste caso, como operadores da ratificação das imagens que tanto querem desconstruir).

Se o subalterno não é capaz de falar, segundo Spivak (2010), porque há uma série de obstáculos institucionais e subjetivos que isolam a sua fala, ou subverte-a por meio de expropriações e traduções de sentidos, ainda assim continua falando, mas para quem fala? Para os de dentro? No caso do XuxuComXis, a única maneira de fazer com que a sua fala exista, é corroborando com que os de dentro sejam tocados por suas táticas, de maneira afetiva, para que incorporem outros discursos e possam designar seus territórios a partir também de outros modos, mas referenciados no amor pela BXD ou por outras camadas existentes na Baixada Fluminense, evitando sua saída do território (BF) como materialização de ascensão social, como as integrantes aprenderam na já inativa Escola Livre de Cinema. Nesse caso, o amor ainda pode ser capaz de tornar visível aos de fora o que “é” a BXD?

2.2. (E)levar o nome da Baixada Fluminense: Baixada Nunca se Rende

No caso do coletivo Baixada Nunca Se Rende, diferente dos outros pesquisados, a visibilidade para os artistas da Baixada Fluminense é um dos desejos mais cobiçados, pois por meio dela os integrantes acreditam ter retornos financeiros, reconhecimento midiático nacional e internacionalmente para que, com isto, possam (e)levar o nome da Baixada Fluminense a outros níveis. Por este coletivo ser constituído, atualmente, por quatro artistas que são de Belford Roxo, a sua relação com o poder público é mínima, sobretudo com a Prefeitura municipal, porém o mesmo não ocorre quando se relacionam com outras organizações, como as não governamentais, como é o caso do Instituto Ekloos²⁹, ou com as empresas privadas, como o Oi Futuro, por exemplo.

²⁹ “O Instituto Ekloos é uma organização sem fins lucrativos, fundada em 2007. Apoiamos o desenvolvimento e a inovação de iniciativas de impacto social, promovendo a inclusão social”. Disponível em: <<https://www.ekloos.org>> Acesso em 19/03/2022

Segundo os entrevistados, somente depois da Lei Aldir Blanc que eles perceberam ações da Prefeitura, no sentido de apoio à cultura, por intermédio de editais públicos em Belford Roxo. Destacam que, antes disto, a Casa de Cultura Municipal estava em péssimas condições e não existia tantos produtores culturais dentro deste equipamento, o que fez com que ao longo da aplicação desta lei federal estreitasse a relação entre a Prefeitura e os produtores culturais, mesmo que isto acarretasse outros conflitos internos, como foi no caso do repasse financeiro para os premiados nos editais.

Óh, municipal, aqui em Belford Roxo, a comunicação é bem complicada né. Agora, como eu te falei, depois da Lei Aldir Blanc que as coisas estão se movimentando mais. Mas, até bem pouco tempo atrás, a casa de cultura de Belford Roxo ficava lá, tudo vazio, tudo caindo aos pedaços e tal, mas agora com a Lei Aldir Blanc e os projetos sendo colocados em pratica, então, os fazedores de artes estão mais dentro da casa de cultura (Entrevista com os participantes do Baixada Nunca se Rende concedida em 04/02/2022).

A rejeição de projetos, reformulação de editais e o repasse dos recursos foram questões que demonstraram a dificuldade operacional do município na execução da Lei Aldir Blanc, que também foi atravessada por conflitos entre os produtores culturais e a prefeitura, fazendo com que os recursos só fossem repassados em janeiro de 2022. O edital de projeto³⁰, por exemplo, que é proveniente do Inciso III³¹ da lei, foi refeito três vezes, exigindo várias tentativas de todos os coletivos, inclusive do Baixada Nunca se Rende, ainda assim foram reprovados. Por esta situação, o coletivo optou por somente disputar o edital de premiação³².

Entrevistador: Vocês lembram mais ou menos qual foi o período que eles liberaram o dinheiro?

Primeiro a responder: Ah foi um mês atrás [...]

Entrevistador: E vocês conseguiram quais editais dentro da Aldir Blanc?

Primeiro a responder: [...] a gente só se inscreveu em premiação, porque a gente tinha se inscrito já em projetos. Esse edital, aqui, ele foi feito e refeito 3 vezes. Abriu o primeiro concurso aí invalidaram, abriu o segundo concurso, invalidaram, mas isso só por erro deles mesmos, e pela terceira vez, em dois anos. E a gente desistiu de colocar projetos porque nos primeiros projetos foram reprovados não só nossos, mas das outras pessoas, porque... nós, no começo, nós ate conseguimos uma parceria da IFRJ que se ofereceu pra junto da secretaria de cultura aplicar o edital baseado nas leis, mas eles não quiseram, fizeram cheio de... foi só problemão. Foi muita briga, muita indisposição (Entrevista com os participantes do Baixada Nunca se Rende concedida em

³⁰ O objetivo era contratar artistas individuais, grupos de artistas locais, formais ou informais, empresas privadas com ou sem fins lucrativos, tendo o seu projeto relacionado diretamente com a área cultural.

³¹ No Inciso III, o município deveria construir editais culturais que tivessem como finalidade a produção de atividades artísticas e culturais que pudessem ser transmitidas pela internet/redes sociais (BRASIL,2020).

³² O objetivo era premiar até 250 iniciativas culturais, coletivos, espaços e instituições culturais que desenvolvessem atividades relacionadas com os temas propostos no edital.

04/02/2022).

Segundo as entrevistas, há mais de um ano, o coletivo discute com o governo do Estado do RJ construir alguns pontos de referências culturais no município de Belford Roxo. É a tentativa de fazer com que o Reggae seja considerado patrimônio imaterial municipal com a criação do marco zero no bairro Piam, lugar onde muitos artistas locais iniciaram e está o Centro Cultural Donana, que é uma referência cultural do município.

E com o Estado, a gente agora está tentando trazer... conseguir fazer o Reggae de Belford Roxo virar patrimônio imaterial e criar o marco zero na Piam, né, porque o bairro da Piam é um bairro onde se concentrou muito o movimento musical por ter o Donana, né, então, em volta do Donana muitas coisas aconteceram, várias bandas nasceram, várias aproximadamente dessas bandas que a gente falou e tal. Então, a gente tá tentando transformar o reggae em patrimônio imaterial e isso é com o governo do Estado (Entrevista com os participantes do Baixada Nunca se Rende concedida em 04/02/2022).

Para detalhar a criação deste marco zero, um dos entrevistados conta que existia um festival que ocorria no final da rua Aguapeí, no Piam, que participavam aproximadamente duas mil pessoas, mostrando que naquele território havia e há histórias e culturas diversas, os entrevistados comparam esta iniciativa ao Candeal e ao Pelourinho, bairros históricos de Salvador. Outra questão chave é a construção de uma calçada da fama, para destacar os artistas que estiveram na Baixada, como é o caso do músico jamaicano Jimmy Cliff, ou viveram na região, como é o caso do Seu Jorge, de integrantes da banda Cidade Negra e de tantos outros. Os entrevistados exemplificam que desejam grafitar os rostos dos artistas nas paredes das ruas do bairro Piam.

[...] além da calçada e da placa ali do marco zero, tentando trazer o Jimmy Cliff que a nossa intenção é trazer o Jimmy Cliff, porque o Jimmy Cliff já esteve na Baixada num período distante, lá atrás, lá no passado. E a gente também tá querendo... a gente quer grafitar nas paredes, nos muros, o rosto, né, o rosto da galera, por exemplo, Cidade Negra, Cidade Negra numa ponta, Ras Bernardo, na outra ponta, uma galera toda e o Tony Garrido, Negril, Nocaute, Cabeça de Nego, Renata Cobre, essa galera, que faz girar a cultura na Baixada. Especificamente em Belford Roxo (Entrevista com os participantes do Baixada Nunca se Rende concedida em 04/02/2022).

Entretanto, o projeto deste marco zero é produto de um diálogo que eles mantêm com um contato que trabalha na Biblioteca Nacional e isto mostra que não há relação institucional, e que se for materializado, será uma ação pontual do Estado.

A gente tem um parceiro que trabalha lá dentro da secretaria... na biblioteca nacional né, junto a secretaria de cultura, a secretaria do Estado. E ele já conhece o movimento daqui há muito tempo e a gente já vinha falando sobre a necessidade de criar um... colocar no calendário esse movimento, né. Então,

ele começou a se articular pra gente lá, pra poder... então, ele tá agendando pra trazer uma equipe técnica, pra olhar o local, pra eles avaliarem, não é nada certo né, eles vão vir pra estudar. Eles estão estudando essa história e vão estudar o local, né, mas essa história já tá dando mais de um ano já (Entrevista com os participantes do Baixada Nunca se Rende concedida em 04/02/2022).

É interessante perceber que a movimentação deste coletivo para alcançar a visibilidade desejada se dá por alianças com o governo do estado do Rio de Janeiro, e por táticas relacionadas a prefeitura de Belford Roxo, sobretudo no sentido de se organizarem com outros coletivos municipais para que os recursos fossem entregues. Entretanto, ainda não há garantias que suas ações coletivas tanto as impulsionadas pelos editais da Aldir Blanc, quanto por estas tentativas de dialogar com o governo estadual, sejam possibilidades reais para dar continuidade ao trabalho cultural já desenvolvido. Este marco zero será realizado com êxito se for elaborado pensando na região da Baixada Fluminense de maneira integrada, até porque o Centro Cultural Donana não se relaciona simplesmente com o município o qual está localizado. A pergunta que fica é: será que com a construção deste marco zero, de maneira isolada, sem se articular com outros municípios, ou outros campos do conhecimento como o do turismo, da mobilidade urbana, da educação, da segurança pública será de fato um avanço, ou tornar-se-á um ponto cultural esquecido ao longo do tempo?

Fora da esfera governamental, o Baixada Nunca se Rende foi selecionado através de um edital de impulsionamento³³ do Instituto Ekloos em parceria com o Oi Futuro, para participar de mentorias que buscavam acelerar projetos voltados a cultura e economia criativa, o que fez com que desenvolvesse a atuação desse coletivo cultural e a carreira de seus artistas.

[...] o impulso lá foi muito bacana porque, tipo assim, impulsionou várias bandas daqui da área de Belford Roxo e vários artistas também. E eu sou um dos contemplados, desse impulsionamento do BXD, inclusive, se eu não me engano, daqui uns dois ou... daqui a dois meses vai sair uma música chamada Reggae Astral que, inclusive, foi gravado através do BXD, pelo impulsionamento que o BXD me proporcionou e proporcionou aos outros artistas. Uma parte da música foi gravada lá e do vídeo também, lá no Oi Labsônica (Entrevista com os participantes do Baixada Nunca se Rende concedida em 04/02/2022).

³³ Nesta modalidade de editais, é obrigatório aos selecionados a participação em um programa de profissionalização, por meio de mentorias e capacitações online. Segundo o site do Instituto Ekloos “O objetivo do edital é impulsionar negócios de impacto social, organizações da sociedade civil, grupos e coletivos da área cultural, para que possam se desenvolver, estruturar/aperfeiçoar seus processos de gestão e ampliar o seu impacto social” (EKLOOS, 2022).

Para conquistar este edital, segundo os entrevistados, o grupo por ainda estar tentando criar o seu CNPJ, disputou a partir dos CPFs de cada integrante, não tendo uma pessoa fixa, mas tendo duas pessoas com as que mais revezam os CPFs. Já tentaram disputar editais com CNPJ de amigos que possuíam empresas, mas neste único caso o coletivo não foi selecionado. Eles acreditam que por meio desses projetos de impulsionamento oferecidos por empresas privadas como o Oi Futuro e o Instituto Ekloos (que é uma Ong), o coletivo poderia alcançar autonomia e visibilidade. Portanto, estão se organizando também para conseguir dar visibilidade as suas produções. Acreditam que com a existência do CNPJ, poderão tornar-se uma editora, criar o Selo Musical BXD e garantir a produção de um programa próprio na rádio 94 FM, Roquette Pinto.

A impossibilidade de concretizar suas ações dentro das esferas governamentais, faz com que os integrantes do Baixada Nunca se Rende façam jus ao nome do coletivo, buscando não se renderem e continuarem buscando outros caminhos para tornar o sonho de uma Baixada mais visível, reconhecida por sua potencialidade artística e cultural, uma realidade concreta. Mas, o caminho que parece surtir mais efeitos é a partir da seleção de editais temáticos, que tem como objetivo impulsionar justamente projetos e artistas que apresentam as mesmas dificuldades que eles, no caso do edital do Instituto Ekloos em parceria com a Oi Futuro, são editais da iniciativa privada que não buscam selecionar projetos de uma determinada região, como é no caso dos editais da Aldir Blanc, exigindo que a execução seja municipal.

Assim, os editais contemplados pelo coletivo foram:

1. 2018 – Edital privado: “Edital Impulso” (Parceria entre o Oi Futuro e Instituto Ekloos) que capacitou os integrantes para gerir o coletivo e;
2. 2020 – Edital municipal: “Edital de premiação (Inciso III)” – Dois do coletivo contemplados no valor de R\$8.400,00 cada, que utilizaram o recurso para resolver problemas familiares.

Outros caminhos que os integrantes do “Baixada Nunca se Rende” procuraram para não se render foi a capacitação, através da participação de cursos, mas para isto, eles precisavam receber apoio financeiro, de agentes culturais que desejassem patrocinar projetos de capacitação de produção cultural, como foi explicitado na entrevista.

Entrevistador: [...] o que que vocês precisam fazer pro coletivo ter visibilidade?

Primeiro a responder: [...] Injeção de grana mesmo pra a gente poder, assim, é... buscar tutoriais profissionais... por exemplo, o Eddi é da comunicação, mas

como ele mesmo disse ele não tem essa especialização em redes sociais. A gente vem fazendo cursos, né, tem esse curso da Fundação, da Rio Music Academy, tudo com bolsa para o BXD. [...]

É um curso premiado, um dos cursos principais da América Latina, e agora as aulas estão sendo online né. Mas, sim, a gente consegue esses impulsionamentos, né, pra a gente poder amadurecer e formar mesmo um coletivo como a gente quer, né, pra que realmente ter ações, né (Entrevista com os participantes do Baixada Nunca se Rende concedida em 04/02/2022)

Uma organização internacional que atuou diretamente com o coletivo, não pela forma de editais, mas pelo contato informal, foi a ONU pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), inclusive tendo relação direta com a oficialização da criação do Baixada Nunca se Rende, como destacado no capítulo anterior. Porém, a organização, depois do vínculo que foi construído para a produção do documentário principal deste coletivo, não fez outros projetos, nem os apoiou, e mesmo durante o estabelecimento do vínculo, a ONU não se manteve coerente com seus princípios, como destaca um dos entrevistados citando um exemplo.

Eles não queriam pagar cachê, aí no final das contas a gente conseguiu 500 reais simbólico pra cada artista. Não queriam dar transporte, na hora do show não queriam dar alimentação. Dentro do Teatro Odeon, dentro do cinema Odeon a gente ainda teve que se articular, show rolando, e a gente ali se articulando pra eles colocarem alimentação, quer dizer... se fosse... eu fico... eu me pergunto se fosse um músico da Zona Sul, sei lá, ele ia chegar lá ele ia ter problema de não ter uma comida, um lanche pro músico que chegou cedo pra passagem de som, que ia ficar até o horário da noite né, aí no final das contas eles tiveram que ir no McDonalds comprar lanche pra todo mundo, mas se eles... e eu que fiquei ali pra articular, falei com um funcionário, com outro... sabe qual foi o argumento que eu consegui pra que eles pagassem a alimentação? Foi assim **“engraçado porque uma organização do tamanho da ONU que luta pelo direito das pessoas, que busca... que tem aí os 17 ODS, objetivos do desenvolvimento sustentável, acha que músico da Baixada, o músico proletário tem quem vir pra cá tocar de graça e sem alimentação? Como que é isso? Os músicos da Baixada vão tocar de graça pra ONU, vão ficar sem comer?”** aí foi que eles compraram o lanche (Entrevista com os participantes do Baixada Nunca se Rende concedida em 04/02/2022).

Segundo os entrevistados, o coletivo ainda mantém contato com o núcleo da ONU e o Centro Rio+ (foi extinto antes do governo Bolsonaro), ambos localizados no centro da cidade do Rio de Janeiro, com pelo menos alguns dos antigos funcionários deste núcleo, sobretudo com o antigo coordenador. Na entrevista ficou nítido que a parceria da ONU com o coletivo não se deu de maneira continuada, a exibição do documentário aconteceu em torno de 13 países como em Moçambique e Estados Unidos, cinemas nacionais como no Teatro Odeon, participação em alguns Shows como foi no aniversário da ONU na Fundação Progresso. Além disso, a Organização não investiu financeiramente

na produção do documentário, foi uma relação frutífera para as partes envolvidas, como o coletivo Baixada Nunca se Rende, o PNUD, Centro Rio+ e os dois documentaristas que possuem uma empresa própria, a Cardamomo Studio, que, inclusive, foi de onde surgiu o interesse para a criação de um documentário nesta temática – que, neste caso, foi o filme do coletivo – para que, logo depois, a ONU indicasse o coletivo, como se explica a seguir.

Então, eles tinham uma verba deles, particular deles que eles queriam fazer algum documentário ligado a algum grupo de algum país em desenvolvimento. Aí a ONU sugeriu a gente, mas a ONU não entrou com um real. Pra não dizer que a ONU nunca deu alguma grana, ela pagou pela apresentação musical, 500 reais pra cada musico, demorou bastante, deu trabalho pra pagar, entendeu? É... Então, assim, não foi nenhuma padroeira não (Entrevista com os participantes do Baixada Nunca se Rende concedida em 04/02/2022).

A relação foi frutífera naquele momento, mas ao que pode ser percebido as frutas caíram no chão e o solo não continuou sendo nutrido para que as sementes das frutas pudessem gerar novas arborizações. Não existiu continuidade por parte de um dos órgãos mundiais mais importantes e até hoje, mesmo o documentário sendo de 2017, o coletivo busca gerar novas frutas, germinar novas ideias e se consolidar tanto como referência cultural da Baixada Fluminense, quanto no mercado artístico. Um pequeno detalhe acusa a profundidade dessas consequências: os outros coletivos, o FALA e o XuxuComXis, nunca ouviram falar do Baixada Nunca se Rende, mesmo com o impacto internacional que o coletivo teve e mesmo com um impacto nos mecanismos de pesquisa de internet, como no Google.

Quando é pesquisado “BXD Nunca se Rende” ou “Baixada Nunca se Rende”, aparecem uma série de notícias do campo cultural da Baixada Fluminense, os rastros que este coletivo deixou são tantos que atualmente quando se pesquisa estes nomes pode-se ter disponíveis por volta de 8 páginas de pesquisa no Google, o que destaca uma enorme quantidade de notícias nacionais e internacionais, e nenhuma delas está relacionada às imagens de violência, pobreza e descaso público, mas a cultura, arte e projetos de impactos sociais. Reduzindo o item pesquisado e deixando simplesmente “BXD” é possível notar outros coletivos e notícias também não relacionadas as imagens hegemônicas da Baixada Fluminense, na seção de imagens são inúmeras as formas de inserção da sigla, mas ao voltar a pesquisar o nome inteiro da região, as mesmas antigas imagens retornam.

[...] já buscou a hashtag BXD nunca se rende e Baixada nunca se rende?

Então, quando você jogar você vai ver que sai inúmeras matérias e nada de

crime, então isso daí já é um ganho né [...] no google. Bota #BXDNuncaserende e Baixada Nunca se rende, porque os dois vão pra lugares diferentes, um pouco [...] Muita matéria, muita matéria de jornal. A gente já tem mais de 50 matérias no Brasil, fora do Brasil né. Então, a gente acha que é um coletivo que ainda é relativamente novo, com um potencial de crescer. Teve essa relação com a ONU, né, que foi feito o documentário e lançado os Cds das músicas, né, pra avançar na sustentabilidade (Entrevista com os participantes do Baixada Nunca se Rende concedida em 04/02/2022).

Entretanto, na entrevista, os integrantes afirmaram perceber que suas produções e participações impactam o público do município do Rio de Janeiro e até fora do estado, como é o caso de um integrante que diz

[...] eu faço parte do coletivo BXD e também canto num dos maiores blocos do Brasil, que é o Monobloco. Então, eu estou representando, eu indo cantar na favela lá no Monobloco eu também estou representando o coletivo no qual eu faço parte. Por exemplo, vou pra São Paulo, vou pra Campinas, fui na Jamaica, fui no Uruguai, sei lá, fui em um monte... fui na Argentina. Eu estou me representando e representando o coletivo dentro do bloco que é bastante conhecido e relevante (Entrevista com os participantes do Baixada Nunca se Rende concedida em 04/02/2022)

Mas, as imagens negativas da Baixada Fluminense ainda desgastam as mediações que o coletivo tenta fazer, incluindo o interesse das empresas privadas em investir nos territórios da região.

Voltando lá naquele papo dos investimentos, eu acho que por isso, talvez, também, os empresários de antigamente não, assim “vou botar dinheiro numa cidade onde só tem mais mortes, e não tem a... a economia não gira?” eu acho que hoje em dia o pensamento tá até totalmente diferente. Fica até mais fácil de se arrumar patrocínio com esses empresários da Baixada e fora da Baixada também. Mas, a violência sempre causa um impacto negativo né, num sentido geral (Entrevista com os participantes do Baixada Nunca se Rende concedida em 04/02/2022).

Uma das táticas é a propaganda para atração dos potenciais investidores, como discute um dos entrevistados. A divulgação de artistas da BXD, a publicidade que fazem em suas redes sociais e a participação na rádio Roquette Pinto são exemplos dessas tentativas de alcançar os empresários.

a propaganda é a alma do negócio né, quem não é visto não é lembrado. Então, por exemplo, vou falar de uma rede bastante conhecida, a rede globo. Se você ligar na Rede Globo agora toda hora passa praticamente o mesmo comercial, porque eles querem que você consuma o produto. Então, se quem não é visto não é lembrado, é... quem não é visto não é lembrado, o BXD também quer uma parte do bolo e ser bem visto até pra atrair também os empresários pra botar uma grana aqui pra a gente impulsionar outras pessoas, entendeu? (Entrevista com os participantes do Baixada Nunca se Rende concedida em 04/02/2022).

Como exposto no primeiro parágrafo deste subitem, a visibilidade se torna, no caso deste coletivo, o desejo mais cobiçado por parte dos integrantes. É a parte do bolo que, por enquanto, não se sabe ao certo quem vai comer, mas que ao menos a ONU pôde ter comido boa parte. No decorrer desta seção fica evidente que ações do Baixada Nunca se Rende estão direcionadas para participar de processos de mediações, seja a nível municipal, estadual, por meio de organizações não-governamentais nacionais ou organizações internacionais. Talvez, aqui, seja facilitado o trabalho que o mercado deseja, sobretudo em relação a possibilitar a expropriação dos sentidos – isto é, fazendo com que os produto(re)s da BXD atendam aos interesses do capital e não de seus territórios – seja das músicas autorais, dos coletivos culturais e outros artistas independentes.

Uma das questões centrais para pensar, a partir da experiência dos componentes deste coletivo, é até que ponto esses artistas independentes conseguem viver da sua produção nos seus territórios? Inúmeros casos de artistas como o Seu Jorge, Ludmilla, Bruna Marquezine que também saíram desta periferia alcançaram sucesso no mercado internacional, mas quase não são lembrados quando o assunto é Baixada Fluminense. Será que o preço é esquecer, se desligar, apagar da memória que são desta periferia? Será que os que não cortaram o cordão umbilical nunca poderão ser vistos e lembrados? Por qual riacho corre o fluxo do destino dos que são visíveis na Baixada Fluminense? Quando este destino pode tornar-se um lugar³⁴?

A mediação que este coletivo faz não é focada na pouca relação que seus integrantes têm com o Estado e talvez nem com a comunidade da BXD, mas com o mercado e o terceiro setor, principalmente os que se localizam no centro do RJ e outras partes do mundo, isto é, fora da região da Baixada Fluminense. Deve-se destacar que nem todos os coletivos da BXD conhecem o Baixada Nunca se Rende, e talvez eles sejam mais conhecidos pelos de fora da região.

Cabe ressaltar que o Baixada Nunca se Rende é um coletivo que teve a participação de mais de 100 artistas no início, atualmente são apenas quatro. Pôde ser visto em torno de 13 países, não se desligou de sua causa, tampouco de seus territórios. Como mensurar a profundidade do trauma nos sujeitos que compõem os territórios desta região que, por conta das imagens negativas construídas historicamente pela elite,

³⁴ O lugar aqui é compreendido como “experiência de uma localidade específica com algum grau de enraizamento, com conexão com a vida diária, mesmo que sua identidade seja construída e nunca fixa” (ESCOBAR, 2005, p. 69).

sobretudo a grande mídia, fazem reproduzir até na ONU uma mecânica que os trata de forma desumanizada? Não é possível negociar que na Baixada, ou melhor, na BXD, pode existir vida além de mortes?

2.3. Com quem se F.A.L.A?

O contexto o qual está inserido o Coletivo F.A.L.A., no que tange estes processos de mediações, faz com que antes de haver o desejo por ser visível, tenha o desafio de ainda se fazer existir, assim como Xuxu, mas de forma diferente, visto que os integrantes do coletivo estão em contato com grupos de extermínios, isto é, a milícia, que os colocam em risco de vida, por serem vistos pelos milicianos como grupo ilegal. A constante possibilidade de deixar de existir (física e materialmente) é agravada pela má gestão de da prefeitura de Duque de Caxias, conivente em muitos aspectos com estes grupos. Os entrevistados discutem a ineficiência das representações políticas do município.

[...] a gente teve pouquíssimas relações diretamente com o Estado, porque, assim, o Estado, na nossa área, ele é representado por milicianos, no caso agora é a nível de Brasil isso né, mas aqui o Estado sempre foi representado por uma galera que não nos representava. Então, a todo momento a gente sempre teve uma aversão mesmo a falar com os representantes, os vereadores locais são pessoas que não nos representam, que votam contra a melhoria de educação, são pessoas que não propõem investimento na cultura (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 27/01/2022).

Além de apontarem que para a secretaria de cultura construir o primeiro edital de cultura, o “Prêmio Emergencial Paullo Ramos”, tinha esse nome por homenagear um dos mais importantes pintores que falecera no início da pandemia do coronavírus, a sociedade civil teve que lutar por mais de seis anos para que o recurso do Fundo Municipal de Cultura fosse utilizado. Na realidade, o dinheiro deste Fundo Municipal passou a ser acumulado a partir do primeiro Plano Diretor Urbanístico de Duque de Caxias, de 2015, e este primeiro edital de cultura foi finalmente divulgado em 2020 (logo, esta luta durou cinco anos, o que ainda é bastante tempo) com muita pressão da Sociedade Civil³⁵.

A gente tem uma prefeitura em Caxias, principalmente, em Belford Roxo nem tem esse Fundo [Municipal de Cultura], mas Caxias lutou a beça, a Sociedade Civil com o Conselho [Municipal de Políticas Culturais] lutou a beça pra ter um Fundo de Cultura de Caxias que arrecadasse 1% do orçamento da cidade,

³⁵ Para saber mais sobre a luta da sociedade civil em pressionar a SMCT de Duque de Caxias e finalmente divulgar o primeiro edital de cultura da cidade, acessar monografia DIAS (2019). Disponível em <https://www.academia.edu/42049744/GESTÃO_CULTURAL_NA_BAIXADA_FLUMINENSE_UMA_ANÁLISE_DAS_POLÍTICAS_PÚBLICAS_NO_MUNICÍPIO_DE_DUQUE_DE_CAXIAS_RJ> Acesso em 20/03/2022.

e os caras prenderam por mais de 6 anos se eu não me engano, então, a relação que a gente tem é sempre o pior esperado, é sempre uma coisa bem distante (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 27/01/2022).

Entretanto, a partir de um exemplo específico, os entrevistados relatam como foram as poucas vezes que conseguiram, de alguma forma, ter uma relação com o Estado antes de 2020, período em que iniciou a divulgação de editais.

[...] as poucas vezes que a gente teve uma relação mais próxima com o Estado foi quando teve o... quando a gente esteve com um stand do Rap Free Jazz dentro do... a gente teve com um evento do Rap Free Jazz dentro de um stand da secretaria, né? [Perguntando para o outro entrevistado]

Corregedoria de Cultura do Estado [O outro entrevistado respondendo]

Isso. Essa foi a, que eu tô lembrando aqui né, uma das coisas que a gente se aproximou, que teve mais próximo de tá envolvido com o Estado, tendo o Estado como representante e a gente representando o Estado e mesmo assim foi caótico, porque quando a gente começou a apresentar o que a gente tinha de cultura, o que a gente produzia e tudo mais, eles olharam e mandaram a gente abaixar o som, porque teve as meninas do Sarau das Minas em que as minas cantam Funk a capela [...] A gente foi oprimido mesmo a ponto de mandarem a gente parar a apresentação, o Dj quando o Dj tocou musicas que não tinham, não era porque tinham palavrão, era porque relatava a violência dentro das favelas, tinha musica de galera de Belford roxo, tinha musica da galera de outras favelas do Rio, e aí os representantes do Estado que ali estavam pediram pra a gente simplesmente não tocar aquelas musicas (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 27/01/2022).

A sensação que se tinha nesta relação com a prefeitura municipal era a de confronto, o “nós contra eles”. Portanto, o coletivo F.A.L.A. optava por desistir do diálogo por perceber que não havia espaço para suas falas.

Antes da lei do edital Paullo Ramos sei lá, era aquela coisa né, de sentar lá na sala do secretário e conversar sobre o projeto e ver se rola aquela grana que tá debaixo da cadeira dele. Mas, a gente nunca foi, eu nem sabia como me apresentar nesse lugar, sabe, então eu sempre prezei por não ir mesmo (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 27/01/2022).

A única possibilidade de construir diálogos foi com a Biblioteca Municipal Leonel Brizola, no período de gestão do Antônio Carlos Oliveira, diretor da Biblioteca, mas porque este gestor tinha um posicionamento ideológico próximo ao do coletivo, pertencendo ao Partido dos Trabalhadores. Eles discutiram também, nas entrevistas, que já solicitaram alguns documentos como o alvará do coletivo, ou a estrutura da Prefeitura para realizar suas ações, mas não tiveram suas solicitações aceitas.

O apoio mais próximo do Estado que a gente tinha, né, nessa época era da

biblioteca municipal, da biblioteca municipal de Caxias, que a gente fazia as coisas lá dentro.

A gente já solicitou estrutura da prefeitura, solicitamos alvará, mas não, a gente tinha que fazer tudo na ilegalidade porque nada conseguia acompanhar a nossa demanda. Então, ou a gente esperava e ficava pedindo seis meses por favor, ou a gente fazia as coisas, então a gente sempre optou por fazer e não esperar, e quando aconteceu foi por conta da pandemia né, por conta das manifestações explicitando os problemas da pandemia, se não fossem essas manifestações nem isso, porque eles não conseguem enxergar as pessoas morrendo, as pessoas sofrendo, não conseguem ver a fome do alto das cadeiras deles (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 27/01/2022).

Como se pode perceber era impossível negociar com a Prefeitura, o coletivo era obrigado a continuar ocupando as ruas sem apoio do Estado. A única mudança que ocorreu durante a pandemia, após o ano de 2020, foi a elaboração de editais culturais em Duque de Caxias, sobretudo advindos da Lei Aldir Blanc, que foi por onde não somente o coletivo FALA, mas também outros, conseguiram estabelecer uma relação que pudesse gerar consequências positivas através do Estado, a partir dos recursos financeiros advindos das premiações. Por isso, como foi expresso nas entrevistas, os integrantes do coletivo não poderiam esperar o Estado o apoio para que pudessem concretizar suas ações, buscaram se relacionar com outros grupos e, com isso, acessar outros tipos de editais fora da esfera governamental.

Atualmente, ainda há outros exemplos que demonstram a dificuldade que inúmeros coletivos culturais de Duque de Caxias enfrentam para dialogar com o Estado, ou para dialogar dentro dos espaços concedidos por ele, como foi o caso mais recente, o da IX Conferência Municipal de Cultura, que aconteceria no dia 19 de março de 2022. Nesta conferência, que ocorre anualmente com a finalidade de principalmente eleger representantes para cadeiras do Conselho Municipal de Política Cultural, mas que também é um espaço para a apresentação de grupos artísticos-culturais, pela primeira vez teve que ser adiada pela ausência do Regimento, documento que organiza o encontro, de responsabilidade governamental para dar andamento às eleições. Depois do evento ter iniciado e o público já ter sido credenciado, na parte da manhã, para as votações que aconteceriam na parte da tarde; o Coletivo F.A.L.A. como outros grupos/ organizações socioculturais, foram completamente desrespeitados pela falta do regimento, o que suspendeu o evento e a eleição, demonstra a forma como o município trata as políticas públicas de cultura e os produtores culturais locais.

E por não confiarem, mas continuarem esperando pela continuidade de suas ações, a Fábrica de Apoio a Linguagem Artística construiu articulações com outros grupos e instituições não governamentais. A Instituição Apadrinhe um sorriso, o Gomeia Galpão Criativo, o Movimenta Caxias, o Enraizados, Festival de Artes de Imbariê, a Família Lanatanpa, Raiz Orgânica, Barracão, Museu Vivo do São Bento e tantas outras que puderam estabelecer vínculos, o que evidencia que a F.A.L.A. se relaciona com grupos predominantemente de Duque de Caxias. A Casa Fluminense é uma destas outras instituições, mas que está localizada no centro do Rio de Janeiro e a responsável pelo financiamento do evento virtual “Mostra de Artes do coletivo F.A.L.A.”

[...] a gente teve também uma conexão com uma outra instituição que é a Casa Fluminense, que foi também quem deu a possibilidade da gente fazer a Mostra de Artes do ano passado, foi um curso em que a gente fez... curso de políticas públicas [...]

E aí a gente... nesse edital, foram editais que não foi aberto ao público todo, foi mais direcionado as pessoas que eles já tinham mapeado e que fizessem o curso de políticas públicas que eles aplicam, acho que tá na decima ou na decima primeira turma já, a gente fez parte da turma de 2019 e aí a gente foi contemplado diretamente, assim, foram coletivos pautados já, escolhidos, e aí desses escolhidos que eles tinham, acho que 15 iam entrar, a gente mandava o projeto e só 15 entrariam, aí a gente foi um dos 15 que entrariam mas é isso, não foi aberto pra um público não [...] (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 27/01/2022).

A Casa Fluminense é um exemplo de instituição do município do Rio de Janeiro que se comunica com periferias de outras cidades do estado. Por meio do curso de políticas públicas que é oferecido, o coletivo F.A.L.A. através de dois de seus integrantes pôde construir laços com a instituição e ser convidado a participar do edital para grupos específicos (15 grupos) que foi por onde foi possível executar a Mostra de Artes. Um destes integrantes não pertence somente ao coletivo, mas em outras organizações também como na instituição Nós em Movimento, que atua em diferentes eixos na região, como a educação, o desenvolvimento territorial, a fé, o movimento negro e a cultura, como é explicado nas entrevistas.

A gente tem uma relação com uma instituição chamada Nós em movimento, que tem eixos, que tem diferentes eixos envolvendo ela. Tem o eixo de educação, tem o eixo de desenvolvimento territorial, tem o eixo de fé, o eixo de movimento negro, e desde 2020 pra cá eu entrei pra ser representante do eixo cultural [...] O Nós em Movimento ele capta de outras instituições que de fato tem grana, e partidos, e quem mais quiser dar dinheiro, e distribui entre os movimentos [...] (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 27/01/2022).

Vale ressaltar que o coletivo não se relaciona diretamente com o Nós em Movimento, até porque não houve consenso entre seus integrantes, pela falta de interesse de alinhamento político-representativo, mas um dos componentes do grupo, o que fez com que mesmo sem se desligar da F.A.L.A. o integrante pudesse participar de projetos através da Nós em Movimento, como é o caso do “Artivismo BXD” e do “Movimenta Caxias”. Estes dois projetos, que estão ligados diretamente ao eixo cultural e o eixo de desenvolvimento territorial, respectivamente, estão em diálogo com o coletivo por conta deste integrante.

[...] o eixo de educação ele é representado pelo Mais Nós, o eixo de desenvolvimento territorial é representado pelo Movimenta Caxias, o eixo de fé é representado pelo o Esperançar, o eixo de negritude pelo MNU, Movimento Negro Unificado, e o eixo de cultura pelo Artivismo BXD. Essas coisas podem mudar, entendeu, podem ter vários outros movimentos culturais dentro do Nós em Movimento, mas por enquanto são esses os movimentos que provém dessa instituição, e indiretamente ou diretamente estão ligadas a partidos também [...] (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 27/01/2022).

Um dos entrevistados discute que o não alinhamento político é justificado por ser uma postura consensuada desde o início do coletivo e que, visto não existir político que pudesse representar os interesses da F.A.L.A., eles preferiam não se alinharem. Atualmente existe uma figura política que é o Wesley Teixeira (do PSol) que está à frente do Movimenta Caxias e, portanto, está em constante diálogo tanto com esse integrante, quanto diretamente com o coletivo F.A.L.A.

[...] aqui a gente tá num território que se eu abro o palco pra um vereador de esquerda, os outros ou vão impedir o evento de acontecer, ou vão querer o palco e eu não vou me sentir confortável de abrir o microfone pra esses políticos daqui que a gente sabe quem é, de quem a gente tá falando. [...]

Hoje a gente tá mais aberto porque existe esse lugar, né, eu vou dizer, eu vou falar o nome do Wesley porque ele carrega a candidatura principal da galera, assim, da nossa galera. No começo, a pessoa que convidou a gente pra militância partidária, política, foi o Wesley e foi com o Wesley que a gente teve essa primeira conversa que nunca mais foi debatida. Então, hoje a gente confia mais nesse posicionamento, mas antes era muito inseguro, não que hoje seja 100 por cento seguro, porque a gente sabe aonde tá né, território hostilizado (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 27/01/2022).

Essa dinâmica de participar de outras organizações por mais que seja uma tática de alianças que possa parecer como interessante, não deixou de causar fissuras no próprio coletivo, mas não tão profundas a ponto de expulsar alguém. O coletivo conseguiu se

adaptar e, com isso, os integrantes pensam em aprofundar essas ligações de maneira oficial.

a gente teve coisa dentro que poderia desestabilizar, mas eu acho que a gente funcionou muito bem assim, a gente conseguiu tirar, algumas situações estavam atrapalhando. Hoje a gente ainda tá passando por uma situação, assim, semelhante e a gente tem que tomar uma decisão muito... de uma responsabilidade agora. Mas, eu acho que o racha mesmo é só uma ruptura com as coisas que estão nos limitando, eu acho que essa é a principal coisa que acontece. Mas, é isso, as políticas partidárias vão sempre existir e não tem como a gente fugir disso, mas enquanto a gente não se sente seguro é difícil a gente interagir com isso, né? A nossa cultura, então, nos afasta muito disso, a nossa cultura, assim, territorial (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 27/01/2022).

O medo é um sentimento constante para quem trabalha com as culturas nos territórios da Baixada Fluminense, a sensação de estar sempre vigiado por grupos de extermínios, principalmente pelo fato da cultura ser um espaço de questionamento e de poder, faz com que as lideranças culturais tenham que se mover com muito cuidado. As táticas dos cupins se fazem necessárias para que eles não sejam vistos em suas movimentações e, ao mesmo tempo, tenham que estar sempre visíveis para outros que estão nas mesmas situações, ou confrontando-os continuamente de maneira integrada. A cupinzama vai sendo formada por diversos cupins em seus diferentes cupinzeiros, assim como as diversas funções são distribuídas de maneira orgânica e as diversas táticas para construir suas proteções. Os partidos políticos, sobretudo de esquerda, são essenciais nesse processo para dar principalmente a sensação de segurança que a milícia e a Polícia Militar principalmente nestes territórios retiram.

As ações não funcionam se pensadas e tomadas sozinhas, é preciso (co)ligações com outros coletivos/organizações. A conquista dos editais revela mais uma dessas táticas, a F.A.L.A. não se concentra em um CPF somente, mas tenta vários projetos em diferentes CPFs dos integrantes do coletivo para conquistar mais recursos, ou ter algum contemplado, já que não possuem CNPJ, como é dito nas entrevistas quando perguntados se eles utilizam o CPF de alguém específico.

Na verdade, varia, porque normalmente a gente se envolve com coisas diferentes, ou a gente entra com propostas variadas então a gente não definiu uma pessoa específica pra inscrever. A gente sempre entra com mais de uma proposta pra a melhor ser contemplada né (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 27/01/2022).

O primeiro edital conquistado foi através do Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania – o Cultura Viva (nível federal), que fez com que o coletivo fosse

certificado enquanto um Ponto de Cultura em 2017, mas não enviou recursos. Logo depois, eles conquistaram o edital do Dia da Música³⁶, que é um concurso cultural privado onde concorrem os grupos e artistas do Brasil inteiro, com este edital a F.A.L.A. conseguiu ser financiada para fazer com que a feira do troca-troca, que acontece próximo a rodoviária do Lote XV (divisa de Belford Roxo com Duque de Caxias), fosse palco do Dia da Música. A partir do ano de 2020 eles conquistaram o edital Cultura Presente nas Redes (nível Estadual), o Prêmio Emergencial Paullo Ramos (nível municipal) e alguns integrantes da F.A.L.A. conquistaram todos os editais provenientes da lei federal Aldir Blanc, oriundos de dois incisos: o II³⁷, que é o edital principal; e o inciso III, que abarcava a modalidade de fomento e de premiações.

Os editais ganhos a partir de 2020 foram todos por conta da pandemia do coronavírus, inclusive o primeiro edital cultural do município de Duque de Caxias, que deveria ter sido divulgado antes e quando foi, teve o caráter de emergência tanto por demorar cinco anos para ser construído, quanto por conta da pandemia. Os editais privados, como ocorreram nos três casos, evidenciam uma maior concorrência, visto que os coletivos tiveram que disputar com todo o Brasil.

Assim, os editais em que a F.A.L.A. foi contemplada foram:

1. 2017 – Edital federal: “Cultura Viva” – Tornou o coletivo ponto de cultura;
2. 2017 – Edital privado: “Dia da Música” – Permitiu o financiamento para executar a feira do troca-troca no Lote XV”;
3. 2020 – Edital municipal: Edital Emergencial Paullo Ramos – Dois do coletivo foram contemplados de forma individual no valor de R\$1.200,00 cada, nas áreas de “música” e “rádio difusão e novas mídias”, fazendo uma apresentação musical e um evento virtual “Morro de Rock online”;
4. 2021 – Edital municipal: “Inciso II” – Um único participante do coletivo contemplado no valor de R\$9.000,00, que foi dividido entre os integrantes e

³⁶ “O Dia da Música é o maior festival de música em rede do Brasil. Em três edições, o festival não só abrigou shows de talentosos novos artistas como deu visibilidade aos locais onde se pode assistir música ao vivo promovendo centenas de shows em mais de 50 cidades de 22 estados brasileiros”. Disponível em: <<https://www.diadamusica.com.br/festival>> Acesso em 21 de março de 2022.

³⁷ Neste, os contemplados deveriam demonstrar a utilização de todo o recurso na prestação de contas, sendo passível de devolução do dinheiro que sobrasse, além de ter que executar atividades gratuitas prioritariamente “aos alunos de escolas públicas ou de atividades em espaços públicos de sua comunidade, [...] em cooperação e planejamento definido com o ente federativo responsável pela gestão pública de cultura do local” (BRASIL, 2020).

realizada uma apresentação de colagem nas praças públicas;

5. 2021 – Edital municipal: “Edital de fomento (Inciso III)” – Seis do coletivo foram contemplados de forma individualizada, nos valores de R\$3.000,00, R\$5.000, R\$ 5.000 R\$3.000,00, R\$5.000,00, R\$15.000,00, totalizando R\$36.000,00, por onde os integrantes construíram um curso de fotografia, um livro em quadrinho, um *workshop* de DJ, uma performance sobre o papel da arte e cultura no combate a violência, um ensaio aberto de rap na pracinha do CIEP 201 e o OFF Rap: Resistência, ativismo e produção, e;
6. 2021 – Edital privado: “Edital da Casa Fluminense” – Onde o coletivo construiu a Mostra de Artes do Coletivo F.A.L.A. (edição virtual).

As conquistas dos editais, até aqui, sobretudo da Aldir Blanc, foram capazes de oferecer mais recursos para a produção de suas atividades, visto que a seleção se enquadra no que o poder público deseja financiar. No entanto, assim como os outros coletivos, no caso da F.A.L.A., estes editais ainda não são suficientes para garantirem visibilidade, o mais próximo que eles chegam é fortalecer o apoio do seu público que sempre é o mesmo.

[...] algumas pessoas vão chegando através das nossas ocupações e aí a gente cria um público, é o nosso público que vê. Quando a gente ganha o edital, é o nosso público que acompanha as nossas ações, é... não sei. Eu acho que a nossa permanência depende de agregar todos esses trabalhos, sabe, mas o que os editais nos proporciona é fazer ações específicas né, as mesmas ações que a gente faz sem grana com um pouco mais de recursos né, um pouco... crescer um pouco as ações pontuais, são muito pontuais (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 27/01/2022).

Mesmo a matéria do Jornal O Dia do dia 26/01/2021, que divulgava a Mostra de Artes, discutia a pauta da visibilidade e a tentativa de patrocinar publicações em redes sociais não foram suficientes para alcançar outros públicos da periferia. Consequências dessas tentativas de alcançar visibilidade, o coletivo almeja dar, antes, um maior suporte a toda cadeia produtiva que se relaciona com ele.

Jornal O Dia, olha só, até o menino acompanha mais do que a gente. Saiu no jornal... a gente foi olhando por essa perspectiva de visibilidade, né, e aí teve algumas publicações que a gente... algumas não, teve uma publicação que a gente promoveu pra chegar em mais pessoas e aí também chegou uma galera através dessa divulgação. Mas, assim, nada... nada tão... nada tão... muito expressivo. Mas, eu acredito que muito pelo o que a gente quer manter [...]

Então, eu acho que essa visibilidade foi pros nossos mesmo, pra a gente não deixar de estar ativa porque não tinha evento presencial, sabe, acho que foi muito nesse sentido assim, não teve uma grande projeção acho que por a gente não focar mais nisso mesmo [...] mas a gente tava mais querendo dar mais cestas do Raiz Orgânica para os artistas, sabe, a gente tava mais querendo dar

ajuda de custa pra galera que já estava nos vendo [...] (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 27/01/2022)

Muito diferentemente do coletivo BXD Nunca se Rende, as táticas da F.A.L.A. para manterem suas atividades são afetar suas redes, construir vínculos com outras organizações, trabalhar seus territórios e distribuir as conquistas com eles, já que ser visível pode ser um complicador do desenvolvimento das suas atividades, ao mesmo tempo uma posição confortável para os integrantes do coletivo, sobretudo por produzirem em bairros controlados pela milícia. Portanto, aqui, o desejo de não ser visível, não significa que eles repudiam a visibilidade, mas que ela não é uma possibilidade prioritária e de certa forma o protegem. Com as ações que buscam fortalecer seus vínculos, o coletivo consegue ir atuando em outros municípios da periferia e atingindo outros públicos, majoritariamente periferias e não lugares centrais, como o Rio de Janeiro.

eu acho que a gente consegue afetar as pessoas em Caxias e em Belford Roxo principalmente, a gente dialoga com outras pessoas da Baixada, mas no Rio de Janeiro é mais difícil. [...] essas pessoas que se acostumaram com o rolê na Baixada, frequentaram bastante a feira do troca, por exemplo, e convidaram a gente pro escritório, que é um evento que acontece, que é um espaço que acontece no centro do Rio, convidaram a gente pra Jam Session, que é o evento que acontece no Estácio, na Lapa, então assim, algumas pessoas que tão acostumadas com esse rolê de baixada. Alguns amigos do Rio da Unirio que tem o Teatro de operações vieram fazer ações aqui, no Amapá a gente fez uma vivência Teatral e participaram de algumas ações assim com a gente, enquanto estivemos trabalhando juntos, mas... é isso. Atrações da Zona Norte, alguns eventos trouxemos pessoas pra cantar e a gente criou alguns laços com alguns pontos da Zona Norte [...] algumas coisas a gente fez na Pavuna, com a galera da Pavuna, mas... é... mas a gente afeta mais isso: Belford Roxo, Caxias e alguns outros lugares assim dentro da Baixada (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 27/01/2022).

Estas mediações construídas, que nesta pesquisa estão sendo comparadas aos tuneis dos cupins, vão influenciando outras organizações a produzirem atividades parecidas a partir da referência da Fábrica de Apoio a Linguagem Artística. Outras localidades periféricas vão movimentando a cultura de outros territórios sob a influência da comunidade BXD, como explicitam na entrevista.

[...]tiveram pessoas que eu soube que vieram até aqui através de amigos que sempre falavam, e saíram daqui prontos pra fazerem movimentos em seus bairros, em suas favelas, o que me impressionou... é isso, a gente sempre foi muito pra lá pra ver tudo e quando eles vieram aqui eles viram coisas que muito pelo fato do subconsciente subestimar a gente de tipo “caraca mas esse movimento brabo acontece aqui? Quero fazer isso lá no meu bairro” tipo assim: se aqui na Baixada é possível fazer um negócio desse, lá no Meier, aonde eu moro, é super possível. Eu vi algumas situações assim acontecendo, ou pessoas que de certa forma saíram daqui e foram morar nas favelas da Zona Norte, ou em algum lugar da Zona Oeste, elas foram afetadas por serem

moradoras daqui e aí meio que carregaram o que tinha de bom aqui, não carregaram só aquele estigma, enfim, de violência, e sim de uma cultura muito rica [...] é mais fácil a gente ir pra lá, achar alguma coisa interessante lá, querer trazer pra cá do que o contrário, né, mas ainda assim eu posso dizer que de certa forma a gente afeta sim, querendo eles ou não. (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 27/01/2022)

Os integrantes do F. A. L.A contaram que houve um evento no SESC de Copacabana com um nome muito similar a um dos eventos do coletivo, o Rap Free Jazz, apontando para uma possível cópia, visto que o deslocamento dos cariocas para participarem de produções culturais da BXD é difícil de ocorrer, na maioria das vezes, são os coletivos da BXD que saem das periferias.

[...] eu acho que afetou o Sesc de Copacabana que fez um evento... acho que era “Hip Hop Free Jazz” um negócio assim.
 Pô tá vendo, como é que não afeta [...]? Sério... o SESC de Copacabana fez um evento chamado “Free Jazz”?? “Jazz Free”?? “Rap Free”?? “Free Rap”??
 Botou duas palavras [O segundo entrevistado responde o primeiro]
 Free Jazz Hip Hop, um negócio assim [O primeiro responde]
 Seria uma apropriação cultural? [O entrevistador pergunta]
 Porra. Ainda?! Ossada [Respondem]
 (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 27/01/2022).

Com esses deslocamentos os coletivos correm o risco de verem suas produções copiadas, como foi este caso do SESC de Copacabana que criou um Rap Free Jazz da capital. O maior desafio para a participação dos Outros é a mobilidade, mas quando conseguem chegar, eles se surpreendem com o potencial cultural existente, é preciso convencer que vale a pena “correr o risco” de chegar até as periferias.

[...] o que dificulta é isso, é o chegar né. Tipo assim, tem uma aversão pra “chegar”, a gente... tipo, a gente sabe né, qual é a fama e tal, então tem muito disso assim, as pessoas as vezes porque as mães ficam preocupadas ou porque a própria pessoa não quer se colocar em risco, assim, ela acha que ela vai estar em risco vindo pra cá, só de vir pra cá e, tipo, muitas delas nem vem. E quando vem tem essa surpresa boa, que a gente tem essa grande mania feia de surpreendê-los pro bem, porque há essa subestimação né, então, tipo... foi como eu falei, tipo, igual os meninos que vieram do Méier né, eu usei o exemplo deles porque aonde eles me veem ele começa a falar pra todo mundo do evento. Então, tipo, tem essa coisa... já vem com o olhar negativo, então, tipo, quando vem né, já vem com o olhar negativo e aí tem esse efeito reverso, mas a dificuldade é de chegar mesmo, mas por conta de todo estereótipo as vezes a pessoa não quer nem dar uma chance, não faz questão porque não é interessante pra ela quebrar isso ali, né, ela tem que... tem que muitas pessoas falarem bem daquilo ali pra elas se colocarem, como eu falo, [usando aspas] se colocarem em risco, valer o risco delas virem pra cá [...] (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 27/01/2022).

Na internet isso também pode ser percebido, como mostram as entrevistas.

[...] olhando por uma perspectiva de internet, uma coisa virtual, quando a gente diz que o foco é na Baixada Fluminense, aí tipo assim “tá bom, então se é baixada fluminense, pra que que eu vou seguir?” sabe? “Pra que que eu vou querer saber de vocês?” assim... Tem que chegar a partir de alguém que traga um olhar já certo pra essa pessoa que esteja disponível, porque eu acho que só a pessoa abrir, aleatório, chegou ali abriu e viu que é uma coisa que acontece na Baixada Fluminense, não é interessante pra elas saber, porque ou parece que é sempre uma coisa voltada pra combater a miséria diretamente, sabe, ou campanhas de solidariedade... não que isso seja ruim, mas as vezes as pessoas por enxergarem o território como vulnerável, como miserável, já cria esse estigma, tipo “não deve ser uma coisa tão interessante assim” [...] (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 27/01/2022).

Um dos entrevistados discute que quando saem da Baixada Fluminense e acessam outras periferias, como o Vidigal e a Maré, eles se sentem parte, pois há similaridade.

[...]dependendo da onde a gente vai, de territórios de favelas como o Vidigal, como Maré, as favelas que tem um investimento maior né, tem uma movimentação bem grande culturalmente falando, quando a gente chega nesses territórios, eu já vejo que é diferente, assim, parece que somos mais próximos deles do que alguém que mora no asfalto da própria cidade, sabe, é isso, assim, e aí eu acho que o olhar é diferente já pra um certo grupo de favela que tá envolvido em cultura, já tem um olhar maneiro, assim, melhor do que alguém que vem da cidade, que mora no asfalto (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 27/01/2022)

Um dos entrevistados pensa que isso se dá por conta do movimento Hip Hop que atravessa e une as produções culturais da F.A.L.A. e das favelas do Rio de Janeiro.

Eu acho que... o Hip Hop consegue fazer essa troca muito bem, assim. Até porque a Baixada sempre foi o palco dos bailes funks mais famosos do Rio de Janeiro, tô falando do Pilar, Pantanal, Gogó da Ema, Barro Vermelho e década de noventa, então o baile funk era na Baixada. E aí a galera do Hip Hop que vem desse lugar já, não diretamente, mas tá conectada com a cultura do baile funk consegue tá presente, por isso que o Rap Free Jazz movimenta muito as pessoas assim. De fato, talvez essa imagem da violência seja formada pra criminalizar a galera que tava presente nos bailes funks, a gente já vê isso em alguns documentários e na nossa própria história a gente vê isso acontecer. Então, a imagem da violência foi construída né, através da... através não, com o intuito de criminalização desse povo [...] Então, não que essa imagem cause a vinda dessas pessoas, mas essas pessoas comparecem porque elas entendem a origem dessa imagem (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 27/01/2022)

Nestes meandros das múltiplas Baixadas Fluminenses tudo pareça difícil e de fato é, principalmente no que confere a existência e resistência desses coletivos socioculturais, visto que o processo para se tornar visível aos Outros ainda é algo muito distante, entretanto, os “micro-resultados” deixados nos territórios e nas subjetividades de quem se relaciona com os produtos destes sujeitos-cupins, talvez mais do que os outros dois coletivos pesquisados, mostram ser de alguma maneira um caminho possível para quem

participa ou em algum momento participou do coletivo. A F.A.L.A tem permitido formar profissões, principalmente no campo da arte e cultura, que garante a sobrevivência, mesmo dos que se desligam do coletivo

[...] Eu acho que o que sustenta é a gente saber que, tipo, falando de detalhes, né, por exemplo, um dos garotos que a gente perturbava pra expor hoje é tatuador, que é o Mata. A Beatriz Sabino que é uma menina aqui que tipo... é do coletivo e desenhava de marolinha, hoje tá tatuando também, é tatuadora. Encontram profissões, encontram seus lugares ao sol [...] isso sustenta com que a gente não pare, sabe, os resultados micro... os micro-resultados da coisa sustentam a gente pra continuar enquanto coletivo. Mas, eu ainda acho que a gente precisa mesmo é se sustentar falando financeiramente, sabe, de tipo, eu acho que a gente pode sim chegar nesse momento, e se a gente não tiver... se a gente continuar com, sei lá quantos a gente deve ter, 2 mil seguidores, mas a gente continuar... mas a gente ter um sustento financeiro e não precisar ficar batendo cabeça, procurando outros empregos e etc e tal, isso é o auge, sabe, isso é eu acho que o ideal que a gente precisa [...] (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 27/01/2022).

A Fábrica de Apoio a Linguagem Artística faz mediação, portanto, com sua comunidade, com o terceiro setor, como a Casa Fluminense e com o Estado – este sendo representado tanto a partir dos editais públicos (Aldir Blanc e Paullo Ramos), como a figura política de uma única pessoa, o Wesley Teixeira (Psol). Como se pode perceber, este coletivo é o que mais se relaciona com os Outros e tenta, assim, por todos os meios necessários, falar. Incentivam mais pessoas a falarem utilizando a F.A.L.A. como amplificadora dessas vozes, do mesmo modo de quando estavam surgindo e colocaram aquela caixa de som na praça do Galo (trataremos disto no próximo capítulo).

Embora este capítulo tenha privilegiado a relação do Estado com os coletivos, de forma a ter esta mediação como eixo, isto fez com que os outros pontos de mediações tenham aparecido de maneira conjunta, mesmo sem tanto aprofundamento. Cada coletivo, como foi apresentado, constrói suas mediações de modos distintos. Por isso, cada um apresentou uma maior articulação com determinado ponto (exceto a F.A.L.A. que tenta falar com todos), tais como: a comunidade local, o mercado, o terceiro setor, (etc.).

O XuxuComXis foca sua atuação dentro da comunidade com uma camada da BXD, o Baixada Nunca se Rende constrói suas mediações principalmente com o mercado e terceiro setor, e o Coletivo F.A.L.A. tenta se articular com quem puder ouvir de algum modo a BXD. Embora cada um tenha uma ação diferente, todos no ano de 2020 tiveram contato com o Estado, principalmente por conta da Lei Aldir Blanc, e mesmo assim isto não foi suficiente para conquistar a visibilidade que um coletivo tanto deseja (o Baixada Nunca se Rende). Entretanto, por mais que pareçam muito distintos na forma de suas

mediações, todos os coletivos buscam de alguma maneira fazer com que a BXD seja uma possibilidade de vida para os que vivem na periferia.

Nesse sentido, o dinheiro é uma das peças fundamentais para esta sobrevivência dos três coletivos pesquisados, todos se movem a fim de conquistarem espaços no mercado de trabalho e, com isso, terem a possibilidade de trabalharem (n)os seus territórios de maneira conjunta, não somente com os integrantes de cada coletivo, mas com outras organizações que lutam por uma BXD, mesmo que de modos diferentes e por mediações distintas. As imagens negativas da Baixada Fluminense dificultam cada vez mais o florescimento deste jardim rico em diversidade, como se estas imagens lançassem lama sobre um solo fértil, criando uma superfície embrejada, tal como era nos tempos de Hildebrando de Goes (SILVA, 2019), que a cada momento é surpreendido com o nascimento de diferentes flores tais como as do lírio-do-brejo. Essas imagens dificultam aqueles que estão de fora, assim como os de dentro da Baixada Fluminense, a perceberem as muitas camadas desta região, a BXD é uma delas.

É nítido que estes coletivos estão sempre em movimento, e por estarem nesta condição, falam sempre o que é possível e com quem podem, embora haja obstáculos, visto que nem todos estão aptos ou querem escutar. No caso da F.A.L.A., a prefeitura, se nega a dialogar, diferente de organizações próximas ou atores políticos que abrem espaços para o campo da cultura. De uma forma ou de outra, falar não é uma tarefa fácil, visto que demanda uma série de táticas. Falar, nestes casos, é antes de tudo, um ato político que busca estabelecer vínculos, redes, sobretudo afetivas entre os que dialogam. Sobre a Baixada Fluminense se fala negativamente, mas o que é dito sob(re) a BXD? O que se sussurra pelos de baixo?

Capítulo III

Falas

Este capítulo tem como objetivo central analisar as maquinarias discursivas construídas a partir das falas e práticas dos coletivos que são objeto desta pesquisa, para compreender como estes discursos interagem (ou não) com o discurso hegemônico, aquele referente às imagens pejorativas da Baixada. Como sujeitos-cupins que são, estes coletivos percorrem diversos caminhos que fissuram as representações que petrificam seus territórios em um sentido universal. Os túneis e as infiltrações feitas, tal como fazem os cupins de concreto, vão aos poucos fissurando, abrindo fendas, fragilizando o *status quo*. Neste sentido, seus cupinzeiros podem ser pensados como transmodernos, tal como proposto por Dussel (2016), visto que suas estruturas não são rígidas como as hegemônicas, são flexíveis por serem feitas da mesma terra em que se pisa, e mudam conforme o tempo e as relações afetivas.

A Baixada Fluminense e a BXD, antes de serem contradições, são composições que se entrelaçam e conformam os territórios. A BXD é, portanto, uma das camadas possíveis das muitas Baixadas Fluminenses, além de abreviar o nome da região em questão, a BXD ao mesmo torna mais complexo o seu sentido, ao não se separar das imagens hegemônicas, visto que é atravessada pelas representações das mesmas. O direcionamento aqui, ou o enquadramento que os coletivos culturais da BXD propõem, é para o campo cultural, onde há (co)ligações interculturais com outros coletivos que trabalham os territórios e a cultura local como antes de tudo, uma possibilidade de vida.

3.1 Difundindo o inverso: XuxuComXis

Difusão é o principal sentido das práticas que o cineclube XuxuComXis produz nos espaços por onde territorializam suas táticas, e assim constituem novos territórios amplificando suas falas. Não fazem simplesmente o inverso do que constam nas normas existentes nos discursos hegemônicos quando produz subjetividade nos subalternos, mas difundem, compartilham, entrelaçam pessoas com seus modos de fazer, para que tão logo possam continuar o trabalho da difusão destas novas subjetividades, disputando palavras

e sentidos por meio de seus códigos. O inverso, nesse sentido, vem para fissurar as maquinarias discursivas e produzir outros textos, versos, poesias...

As integrantes do coletivo entrevistadas participaram da oficina “Cineclubismo e outras paixões” ofertada na Escola Livre de Cinema, atualmente desativada devido a falta de recursos. O XuxuComXis itinerante é o que restou dela – no bairro de Austin, em uma rua histórica de feira e apresentações artísticas conhecida como “rua do chuchu”, elas são fundadoras do cineclube XuxuComXis. A oficina foi realizada por membros do cineclube Mate com Angu e contou com participações de membros do cineclube Buraco de Getúlio, o primeiro coletivo tem o nome da escola que servia mate com angu como merenda na cidade de Duque de Caxias, e o segundo refere-se ao túnel que existe sob a linha do trem no centro de Nova Iguaçu. Ambos os cineclubes são importantes grupos que compõem o movimento cineclubista da BXD, ao mesmo tempo em que possuem importantes integrantes do campo cultural da BXD, como o Heraldo HB, Bion, Bia Pimenta, Adriana Carneiro de Souza (Drica), Osmar Paulino e outros.

Uma das entrevistadas mora em Nova Iguaçu, é cineclubista, estudante de publicidade e propaganda, é diretora, montadora e se diz “meio artista”. Já a outra, é moradora de Austin, também em Nova Iguaçu também cineclubista, cursa história na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Instituto Multidisciplinar) e, atualmente, trabalha com designer, em um projeto voltado para a produção de artes. As duas não só se conheceram, como conheceram também o cineclubismo, justamente nessa oficina da Escola Livre de Cinema em Austin.

Elas contam que um desafio foi dado aos integrantes daquela oficina, a de constituir um cineclube naquela localidade, pois nela havia muita dificuldade dos moradores em acessar atividades relacionadas ao campo da cultura, como o cinema. Dentro da Escola Livre de Cinema, houve uma votação com os próprios integrantes que decidiram, assim como a tradição dos cineclubes de Duque de Caxias e Nova Iguaçu em nomear seus coletivos a partir de alguma característica local, nomear este coletivo como XuxuComXis, em referência a histórica rua do chuchu, em Austin. Elas, juntas com outros participantes da oficina, iniciaram o planejamento deste cineclube em 2012, em 2013 começaram as exibições e em 2014 tornaram-se itinerante, como conta uma das entrevistadas:

É... em 2012, a gente teve a ideia e já tava sendo um planejamento né, acho que tudo na vida é um planejamento, onde a gente coloca tudo em prática, né? Então a gente teve essa conversa, então, com essa ministração do próprio

cinelube Mate com Angu, a gente veio se planejando, fazendo, vendo artes, redes sociais, enfim, né. E aí, mas, ele se fez mesmo, exibições afincou, em 2013, no segundo semestre de 2013. E aí em 2014 que a gente teve mais o nosso ponto auge, né, que eu vou dizer assim, que a gente retomou e percebeu que a gente não precisava de um espaço físico e também a gente percebeu também que ali não era um espaço que a gente queria. A gente queria atingir outras áreas, outras pessoas, outras... ir além. Porque a gente sabia que ali era um pouco, a gente sabe que é um pouco inacessível né, pra algumas pessoas, que a gente já estava no subúrbio da periferia da periferia. E, mas, mesmo assim, aquilo já não era mais suficiente, então a gente, assim, a gente não queria que eles vivessem até a gente e sim a gente ir até eles. Então, por isso que hoje a gente virou, em 2014, também no segundo semestre, viramos itinerante, fizemos a nossa primeira sessão na rua em Queimados, que aí a gente percebeu que ali era o nosso lugar, né, ser itinerante, levar esse conteúdo, esse audiovisual, porque tem muita gente que ainda não entrou numa sala de cinema e a gente sabe muito bem que existe (Entrevista com as participantes do XuxuComXis concedida em 05/09/2021)

Nesse processo de formação do XuxuComXis, inicialmente, o coletivo era constituído por toda turma da oficina “cinelubismo e outras paixões” oferecida na Escola Livre de Cinema, mas, com o passar do tempo, o grupo foi se fragmentando, tendo a Pamela, Isabella e Kath como integrantes. Quando o Xuxu se tornou itinerante, Adelaide e Luana entraram. Atualmente, a composição, conforme a entrevista, do cineclube é formada por Isabella, Pamela, Natalia, Vania, Taís e a Renata, mas as que atuam mais diretamente são Natalia, Isabella e Pamela. Como é possível perceber, a formação atual é totalmente composta por mulheres, elas se posicionam como não exclusivamente de mulheres, mas abertas a outras pessoas que queiram integrar o coletivo.

Uma das propostas do XuxuComXis são trabalhar a ideia de “cinema fora do eixo”, que busca debater não somente o filme que será exibido, mas o processo de construção da cinematografia, com o objetivo de ensinar e entender de maneira coletiva, com os que participam do debate oferecido nas sessões, a possibilidade da elaboração de um material audiovisual. Essa proposta é direcionada a fazer, sobretudo, o inverso do que as salas de cinema comumente fazem, que é exibir filmes comerciais, onde o objetivo é lotar as salas e lucrar sobre a exibição destes filmes, que muitas das vezes custa alto acessar esses conteúdos, ao mesmo tempo em que as produções audiovisuais dos produtores culturais da comunidade BXD não possuem visibilidade nestas salas. Assim o objetivo da “sala” além do lucro é transformar o sujeito que assiste em espectador. Em Nova Iguaçu, por exemplo, existem 2 grandes salas de cinema em shoppings, onde nunca foi passado um filme local. Como discutem as duas entrevistadas:

[...] a gente tem também um grande problema muito sério que é os conteúdos a ser exibidos nessas salas de cinema comerciais, né, que não são qualquer tipo de filmes que aparentemente se encontram, e aí **a gente percorre também a**

um dos nossos objetivos, através do nosso cineclube, exibir filmes que não sejam é... filmes... normais, vamos dizer assim, filmes que sempre vão estar aí na cabeça, na televisão aberta, a gente leva documentários, coisa que documentários a gente não encontra na Baixada Fluminense em salas de cinema, que é um verdadeiro equívoco né, que a gente sabe que a gente tem público pra isso, e muitos alegam que a gente não tem público pra lotar uma sala de cinema comercial. E é uma grande mentira, isso porque eles não querem que o nosso público, e o nosso dever, é nosso direito né de querer que esse tipo de conteúdo seja transpassado, seja compartilhado. E isso eles querem uma manipulação, né, aquelas cordinhas que ficam [A entrevistada ficou fazendo sinal de marionete com as mãos]? Eles querem isso, só que a gente faz o inverso e a gente mostra sempre nas nossas sessões o inverso. E é por isso que a gente também tomou essa atitude, porque dentro de uma sala a gente ficava restrita a várias outras coisas, e fora a gente faz o que der bem na telha, se mandar a gente presa, a gente vai e vai sair, mas a gente vai exibir aquilo (Entrevista com as participantes do XuxuComXis concedida em 05/09/2021, grifos meu).

Completam que:

[...] é uma ideia de cinema fora do eixo. A gente tá tipo numa outra perspectiva, é... e a gente vai partilhando, sabe, essas possibilidades com as outras pessoas, porque as vezes fica muito na ideia de que cinema é só aquele de hollywood né? E ensinaram pra gente que não é, então a gente tá partilhando esse poder com as outras pessoas também porque chega uma época que o Xuxu ele passa a atuar também como oficina né, então a gente passa a partilhar o conhecimento que vem da gente e que partilharam com a gente também, sobre a história do cinema na Baixada (Entrevista com as participantes do XuxuComXis concedida em 05/09/2021, grifos meu).

Como se pode perceber, os filmes exibidos neste cineclube não compõem o discurso hegemônico, normativo. Além de exibirem outros modelos de filmes, como documentários, o objetivo com essas exibições é totalmente outro, sendo uma imersão na produção audiovisual de modo a compreender o saber-fazer daquele material, além de mostrar outras cenas, outras narrativas, outros sujeitos e outras imagens que não estão presente nas normas. Portanto, essas sessões de exibições, assim como as oficinas, são táticas (CERTEAU, 2014) que promovem astúcias para enfrentar o discurso do que é a região da Baixada Fluminense, mas enfrentar também o discurso do cinema comercial. Uma destas astúcias é ampliar o exercício do poder que estes sujeitos-cupins constroem por suas táticas, a partir do ensino a outras pessoas.

Alguns dos filmes locais que são exibidos por este cineclube foram listados a partir da entrevista e da análise das redes sociais, e são: “Corpo é meu”, “Poesia segunda pele”, “Mente aberta”, “Amazônia do Sudeste”, “Cineclubismo na BF”, “Encurtando” entre outros. Eles são exibidos por diversos meios, como pela concessão de espaços públicos, como foi no evento “Papo Arte Baixada” que ocorreu na UFRJ em 2019, ou

em praças, centros culturais e até em trens e metrô como mostra as figuras 14 e 15. Algumas vezes, o público assistia os filmes em pé, outras vezes os integrantes do cineclube levavam pufes, tapetes para assistirem sentados. Sempre foi necessário pedir autorização à prefeitura para as exibições nas ruas, sobretudo para ter acesso a segurança e pontos de energia, mesmo que o acesso a esses dois elementos não fosse totalmente habilitado pela prefeitura. As integrantes optam por produzir suas sessões ao menos de 3 a 4 vezes por ano, por não terem tantos recursos financeiros para custear suas despesas, e as reuniões das integrantes são realizadas sempre quando estão prestes a produzir uma nova sessão ou uma nova produção audiovisual, embora elas já não se reúnam há 7 meses em função da pandemia.

Figura 14 – Cineclube XuxuComXis nas ruas



Fonte: [instagram.com/comxis](https://www.instagram.com/comxis)

Figura 15 – Cineclube XuxuComXis no metrô



Fonte: [instagram.com/comxis](https://www.instagram.com/comxis)

Com base nas entrevistas, durante a pandemia do Covid-19, o coletivo teve uma diminuição nas suas sessões ao atuar de forma remota, principalmente depois que tiveram o projetor roubado. Os equipamentos que são utilizados nas exhibições – tais como projetor e tela – são de uma única integrante, o que faz com que ela seja primordial na práxis do cineclube. Todas as decisões, logo, passam por esta integrante por deter os equipamentos e, com isso, nos conflitos internos – entre as integrantes que, por mais que sejam amigas, não estão isentas de disputar pautas, como os temas das mostras de cinema, há relações de poder. Como discute uma das integrantes:

Ela detém né, esse... **esse centro por ser a dona dos equipamentos todos**, ela sempre investiu mais, ela sempre teve uma condição econômica assim de investimento mesmo, coisa que a gente não tinha, que eu não tenho até hoje. [...] Ela sempre, tipo, teve apoio também dos pais, dos irmãos, de todo mundo, assim, pra comprar câmera, comprar projetor, depois ela arrumou esse trabalho bonzão pra projetar shows, internacional até... no rock in rio. Então, ela foi investindo sabe? Então ela sempre ficou nesse lugar mesmo de ser a produtora, de ser a executiva e de ser a roteirista, porque... agora que tá sendo diferente, porque chegou um tempo que a gente teve que ter uma conversa, né? Porque um coletivo, ele é... coletivo. **Isso é uma questão de amadurecimento também que a gente foi passando, porque... como que a gente se formou? O que que se tornou? Né... qual o perfil de cada uma? Porque eu tenho essa pegada política muito forte, sabe? Durante muito tempo a Pam não**

aceitou, não aceitava a ideia de feminismo por exemplo. E eu to fazendo uma pesquisa sobre produção audiovisual em relação a história e gênero, sabe? Porque eu acredito na produção feminina aqui na baixada e quero falar um pouco sobre isso até dentro do Xuxu. Então, foi uma coisa que eu fui batendo muito também, sabe? Foi bem difícil, bem complexo. E as outras meninas entraram agora há pouco, eu não tenho muito contato assim, sabe? E são coisas que a gente tem que questionar enquanto coletivo... tem que se reunir (Entrevista com as participantes do XuxuComXis concedida em 06/10/2021, grifos meu).

Assim como esse coletivo é formado por mulheres que também consolidam amizades, outros coletivos da BXD também se estruturam a partir da construção dessa forma de afeto. Souza (2021) discute por meio das entrevistas que fez com três agentes culturais que integram outros movimentos cineclubista na Baixada, como o Heraldo HB, Bia Pimenta e a Dani, que esses “afetos revolucionários”, mesmo atravessados de relações de poder como acontece em outras relações sociais, insurgem em conjunto e como as práticas trabalhadas deixaram marcas tanto nas subjetividades, como no tempo e no espaço, construindo rugosidades.

Santos dirá que as rugosidades são formas herdadas e estão “à espera, prontas para eventualmente exercer funções, ainda que limitadas por sua própria estrutura. O trabalho já feito se impõe sobre o trabalho a fazer. A atual repartição territorial do trabalho repousa sobre as divisões territoriais dos trabalhos anteriores”. (SANTOS, 2006, p. 92). As rugosidades, nesse sentido, compreendidas através da Escola Livre de Cinema, podem ser percebidas como caminhos que necessitam de continuidade para dar fundamentação ao discurso desses sujeitos-cupins, por isso as integrantes do XuxuComXis dizem buscar passar a frente o conhecimento adquirido nas oficinas realizadas por aqueles outros sujeitos e, por tornarem-se itinerante, constroem em outros locais outros caminhos de terra, como fazem os cupins, sempre por meio do que elas colheram do aprendizado com os mais velhos.

Ao praticarem suas falas, ou seja, construírem seus discursos, o XuxuComXis atua consequentemente de maneira direta na grande maquinaria discursiva que delimita com imagens, e sempre negativas, os sentidos imóveis para a Baixada Fluminense. Mas, atua de maneira inversa, joga, de maneira tensionada, com os discursos hegemônicos através do campo cultural, que não pode ser compreendido sem a relação afetiva. Por atuarem assim, atravessam as imagens hegemônicas e de maneira coletiva constroem outros sentidos, outras narrativas, discursos, mundos, enfim, territórios a partir da paixão por suas produções, por seus amigos, por suas histórias e memórias. Como indica o nome da

oficina, “e outras paixões”, o que move o coletivo é justamente o desejo de continuar atuando nessa maneira, não é por acaso que elas mesmas começaram a também produzir filmes.

[...] quando a gente se tornou itinerante, a gente foi pras ruas, a gente também sentiu a necessidade de produzir. A gente começou a produzir. [...] É... a gente tá se dedicando também a ser uma produtora né, produzir, criar oficinas e seguir tanto nessa área de produção audiovisual como também educativo, sabe? Porque eu vejo o cineclubismo como um movimento político, a gente nasceu no cineclubismo, sabe? A gente carrega muito isso. Eu tô me formando na área da educação, a Pam é uma comunicadora visual, sabe? Então, eu acho que agrega muito, muito no que nós somos. A Nath também é uma produtora audiovisual formada em Publicidade também, a Renata que também é integrante estuda a Baixada Fluminense e o cinema na Baixada Fluminense, ela tá num doutorado em Portugal. A Vania é apaixonada pela produção audiovisual na Baixada, então... a gente vê que o cineclubismo carrega muito de nós né, essa guerrilha de produção artística feminina... [Falha na internet] E é isso [risadas], é a nossa paixão... É realmente né, **quando a gente olha o nome até da oficina que começou, “Cineclubismo e outras paixões” a gente vê que carrega isso até hoje.** É muito significativo (Entrevista com as participantes do XuxuComXis concedida em 05/09/2021, grifos meu)

Uma das entrevistadas repetiu uma frase algumas vezes na entrevista, “Cinema não é uma coisa que você encontra em qualquer esquina” para sempre aludir a elitização do cinema, no sentido de que em locais na periferia as atividades relacionadas ao cinema, sobretudo à produção dele, são cada vez menos propagadas. Com isso, ela percebe que muitos moradores da Baixada Fluminense são empurrados a consumir atividades culturais fora dos territórios de origem, principalmente na metrópole Rio de Janeiro. Ao contrário, o XuxuComXis atua para que os moradores da Baixada possam continuar em seus territórios participando de atividades culturais, como o cinema. Assim, é possível conceber a política deste coletivo voltada à ideia de democracia cultural, quando busca-se cultivar “por baixo” outras formas e modelos de manifestações culturais, e não consumir a cultura hegemônica, como sugere as políticas voltadas para a democratização da cultura. As justificativas para essa maneira de politizar suas práticas estão sempre relacionadas com as suas próprias experiências como sujeitos de periferia, como, por exemplo, a (in)acessibilidade para conseguir participar de um edital, como uma das integrantes discute.

A gente tenta o máximo formar essa galera que tá nesse território e... **pra não precisar ir para o centro né, pra capital, pra encontrar isso lá, então, a gente acha isso muito importante, essa formação, essa difusão né do conhecimento do cinema. Porque o cinema não é uma coisa que você encontra em qualquer esquina, né?** A gente sabe que o cinema é muito elitizado ainda até hoje. Mas, assim, é... eu já fui até meio chamada atenção, meio assim, meio criticada “Ah você fala muito somente do cinema” eu sei

exatamente que outras áreas também são criticadas e são algumas outras mais elitistas, mas acredito, com a minha posição né, na área que eu atuo, eu tenho mais propriedade de dizer que é uma coisa mais elitista sim. E quando a gente faz esse tipo de formação para esse público, independente de sua faixa etária, de gênero, orientação sexual, **a gente quer passar mais que o básico. A gente não quer mostrar somente como ligar uma câmera não, a gente quer mostrar como é a paixão de fazer um roteiro, como é um planejamento disso.** Porque não nos foi passado antes como participar de um edital, sabe? Foi difícil conseguir conhecimento aqui pra participar de um edital, não é fácil (Entrevista com as participantes do XuxuComXis concedida em 05/09/2021, grifos meu).

Esses modos de fazer propostos por este cineclube refletem a dificuldade que os artistas da BXD enfrentam para alcançar visibilidade. Uma das entrevistadas debate que muitas das vezes não é sabido que nestes territórios há profissionais qualificados para produzir o audiovisual e, portanto, o Xuxu busca difundir, fazendo de maneira inversa, a produção destes não somente para que sejam reconhecidos em seus locais, mas para que seja possível a produção de uma memória. A falta de memória, que pode ser consequência do esquecimento, assim como a falta de promoção da cultura local. A ausência é uma das principais características dos discursos hegemônicos da Baixada Fluminense, fazendo com que as produções trabalhadas coletivamente sejam desconhecidas e ditas inexistentes, assim como os cineastas e outros artistas independentes da Baixada. As entrevistadas discutem que:

As vezes você pode ser bom pra caramba, de vários seguimentos, de vários sentidos ali, do seu profissionalismo, da sua dedicação, a sua qualidade, o seu equipamento, porém se você não for amigo de fulano, ou filho de diretor, você não é chamado. **A pessoa não sabe nem que você existe, sabe? E isso a gente tenta quebrar [...] 90% de filmes exibidos pelo cineclube XuxuComXis é de cineastas independentes da Baixada Fluminense, porque a gente tem uma grande potência de profissionais de qualidade que produzem e produzem muito bem feito [...] o importante pra gente é difundir o conhecimento e o material produzido por cada cineasta porque aí sim temos uma reflexão desse cineasta e um reconhecimento deles, porque o enaltecer a si mesmo, a memória do nosso território, é a memória que a gente vai carregar dos, já carregamos dos nossos ancestrais que hoje a gente tem que retificar e dizer que a cada dia, a cada momento, ganhamos uma batalha, então é isso. Então, o cineclube hoje em dia é uma difusão. E, sim, é uma janela pra essas pessoas que querem exibir e não tem onde exibir,** porque a gente sabe muito bem que curta-metragem não é exibido em qualquer lugar e em qualquer momento. É raramente em festivais que aceitem esse tipo de conteúdo a ser produzido aqui na baixada, porque tem linguagens que... festivais que... **“Não, isso aí pra mim não é cinema”** (Entrevista com as participantes do XuxuComXis concedida em 05/09/2021, grifos meu)

Completam que:

Eu queria só complementar mais uma coisa que a Pam falou porque essa questão da gente se valorizar aqui é algo muito, muito... valioso né? **Porque eu acho que é uma coisa que faz a gente permanecer em coletivo, que é a**

gente se reconhecer um no outro, a gente se reconhecer nas questões de produção e é... isso marca muito na produção audiovisual da Baixada. Eu percebo quando a gente vai nos festivais esse abraço coletivo (Entrevista com as participantes do XuxuComXis concedida em 05/09/2021, grifos meu).

Reconhecer os próprios produtores locais pode ser um dos primeiros passos para fazer com que a força coletiva aumente e, assim, seja possível acreditar não em uma Baixada Fluminense, mas em uma BXD, que é uma das camadas das (im)possíveis Baixadas Fluminenses. O afeto por viver onde se vive torna-se fundamental, por meio do abraço coletivo entre os subalternos, para dar continuidade à produção de seus discursos e, conseqüentemente, suas práticas culturais. Entretanto, os resquícios de uma maquinaria discursiva da Baixada Fluminense impactam diretamente no desabrochar da BXD. Como elas discutem na entrevista, esses pontos que se são grafados de maneira pejorativa em seus territórios são também reais. A violência, a pobreza, o descaso público estão presentes, mas estão em outros locais, em outras regiões, até mesmo nos mais centrais, como no Rio de Janeiro ou outras grandes cidades.

Isso são imaginários né, imaginários reais, que a gente possa dizer. O que eu posso dizer, quando a gente faz um recorte Baixada, mazelas, discriminação, violência, trafico, milícia... **tudo de ruim é Baixada Fluminense, tudo de ruim é Zona Oeste... Tudo de ruim é tudo o que é fora da capital, não é verdade? Tudo de ruim é manchete que acontece no Meia Hora, ou nas grandes mídias que a gente conhece muito bem que é as tvs abertas né que colocam.** Porém, isso não acontece só na Baixada, não só na Zona Oeste, isso acontece no mundo todo. Porém, o enfoque que se dá aqui é um enfoque de muitos anos né, a gente foi uma cidade dormitório, hoje em dia não somos mais cidade dormitório [...] Hoje em dia a gente não tem mais cidade dormitório, porque temos movimentos com isso. **Fazemos aqui produções fortes, independente que seja somente da cultura, independente de qualquer tipo de outra área a gente encontra.** Então, hoje em dia não se tem cidade dormitório. **A gente não precisa mais sair daqui pra ver alguma coisa na capital, Zona Sul, enfim.** E quando há esses tipos de mazelas, que a gente encontra muito ainda isso, mas eu acredito que com as nossas proliferações, os nossos intuitos, com as nossas bandeiras levantadas, os nossos próprios filmes, esse cenário está sendo mudado, tá? **Então, através das nossas produções, a gente vê o enaltecimento de varias coisas, enaltecimento do nosso território [...]** Então a gente tem filmes falando sobre isso, hoje a gente tem, eu fico muito feliz pela mudança política de **olhar pros artistas e a cultura do nosso território** (Entrevista com as participantes do XuxuComXis concedida em 05/09/2021, grifos meu).

Essa mudança de olhar dos artistas residentes na região da Baixada Fluminense e integrantes da comunidade BXD é paulatina, que só vem sendo possível por conta da ruptura que os coletivos, como os do movimento cineclubista e de outras redes promovem, apesar da falta de vontade política governamental e midiática, estão contribuindo nos deslocamentos dos sentidos da Baixada Fluminense. Estes sujeitos-

cupins precisam construir seus próprios sentidos, por meio de suas produções autônomas, vinculá-las as suas redes, sobretudo as afetivas, que buscam em múltiplas dimensões escalares amplificar suas vozes, contribuindo para a consolidação de imagens que compõem uma tipologia discursiva dos subalternos, buscando, dessa maneira, mostrar as muitas camadas que integram as múltiplas Baixadas Fluminenses.

Difundir, mais do que fazer o inverso, nesse sentido, é buscar romper com os discursos hegemônicos que configuram modelos de *habitus* que, principalmente, deslocam os sujeitos de seus territórios para outros ditos “melhores”, por conta de tantas imagens que são (re)produzidas cotidianamente e que classificam a região como inabitável. Na Baixada Fluminense, a autoestima individual e coletiva não pode existir, assim como o amor por onde se mora, visto que essas características são atravessadas pelas imagens hegemônicas e elas são condições que imobilizam também as subjetividades dos sujeitos que ali pertencem, porque muitas vezes estão ali em função das condições objetivas, como desemprego, falta de educação, etc. Por isso, estes sujeitos reproduzem cotidianamente e sustentam esses discursos hegemônicos que os fazem pensar que eles mesmos não possuem valor (simbólico, cultural, histórico), sobretudo por viverem em territórios que são classificados como “Baixada Fluminense”. A inserção da história da região nas escolas e universidades poderia integrar mais a comunidade. A importância da autoestima coletiva é também um dos pontos que foi debatido na entrevista.

[...] desde o momento que as nossas políticas públicas deixam de lado esse tipo de seguimento, é dizer assim pra você que mora aqui na baixada, que viveu, nasceu e cresceu o que? “Cara, cresce, trabalha e cai fora daqui” e não... isso aqui é nosso, cada coisa que você paga de imposto você tem que reivindicar. Então, quando se tem um acontecimento que aconteceu dos três meninos de Belford Roxo, né, que até hoje não foi solucionado o caso, isso é uma injustiça. E que **você vê numa mídia que fica metralhando 24 horas varias coisas que a Baixada é perigosa**, que a Baixada é aquilo, cade o suspeito? Como assim? Tacam fogo na delegacia e não acham os culpados, sabe? Aquilo só massacrando, massacrando, massacrando, cadê as coisas boas? As coisas boas ninguém mostra, ninguém dá o valor. Mas, isso a gente tem... **é uma luta diária**, como a luta do racismo é uma luta diária, como a luta de melhores condições é diária, como a luta do saneamento básico na sua porta de casa é uma luta diária, sabe? [...]Tudo isso é uma forma de mal planejamento de um governo, de cidade, sabe? De não... de ter isso também nas próprias escolas, **quantas vezes você estudou história de Nova Iguaçu no ensino médio, no ensino fundamental, ou até mesmo numa faculdade e falar “vamos falar agora” né, quem estuda história, exemplo, não sei como que é na rural, as vezes eles falam, alguns outros não, mas muita gente amigos meus historiadores e professores não sabem a história de Nova Iguaçu, ou não conhece nada referente de em Imbariê, uma das passagens do rio ali, foi passagem do ouro de Minas Gerais a Paraty pra chegar aqui, e aí? Sabe que em Nova Iguaçu foi a cidade perfume? Sabe que a gente foi**

um dos grandes exportadores de laranja? Isso ninguém fala, mas falar que matou um, milícia tá mandando fechar comercio, que tem mais dois mortos ai na porta da tua casa, pô isso é direto. Ou melhor, “Cara como você conseguiu chegar aqui na Unirio? Você veio como? Você é da Baixada? Onde fica isso?” então é sem noção, e aí a gente fala “Não da mesma forma que você conseguiu chegar aqui. De ônibus? De Carro? Não importa eu consegui”. Então, assim, são estereótipos que a gente já tá cansado (Entrevista com as participantes do XuxuComXis concedida em 05/09/2021, grifos meu).

Por isso, durante as entrevistas, foi considerado o cineclubes como além de um movimento político, uma família que busca ao mesmo tempo, formar-se de uma outra maneira, juntar as famílias dos próprios produtores de modo a incluí-las no movimento cineclubista. As entrevistadas apontaram que suas práticas não são realizadas em favor da cidade, mas são feitas por conta do afeto entre os próprios integrantes que gostam de se reunir e produzir de maneira coletiva com os que costumam participar das sessões do cineclubes. Isto não significa que a cidade é rejeitada por eles, mas que o modelo de cidade imposto não os servem e nem os permitem servir aos outros com suas produções culturais. Essa família, como elas apontam, integra também outros coletivos como o Festival de Artes de Imbariê (FAIM), organizado principalmente por Osmar Paulino, que também pratica a atividade cineclubista com o “Imbariê nos Trilhos”. Além de ter atividades artístico-culturais, os integrantes do FAIM contribuíram com a entrega de cestas básicas para a comunidade local no período da pandemia do Covid-19. As produções não são exclusivamente provenientes dos cineclubes, existem outros grupos que produzem outras atividades. Neste sentido, é comum que os grupos ajam sem muito esperar pelo poder governamental, o que acabam por tensionar as imagens hegemônicas da Baixada.

[...] mas **a gente tenta revogar isso com os nossos filmes, com os nossos diálogos, com as nossas formações, e encontrar pessoas também que querem modificar esse sentido, e querem modificar essas falas. E quando vão a algum lugar não tem medo de falar “Ah eu vim de Nova Iguaçu” não, eu vim de Nova Iguaçu quer você queira ou não e tem lugares muito bom e você tem que fazer o reverso** [...] Então, a Baixada Fluminense, esses artistas, esses coletivos, nós fazemos para proliferar e modificar esse cenário, é uma luta diária, como eu tenho amigos lá em Imbariê que é o Osmar Paulino, que tem o cineclubes [Imbariê] nos trilhos [...] e ele entrega cestas básicas pra comunidade dele que na pandemia o governo tinha que fazer isso e não fez, sabe? É ridículo a gente saber disso que eles têm condições de fazer qualquer tipo mas não querem tirar do próprio bolso do governo, falam que não tem, ta em gasto, ta superfaturado, ou quando eu chego numa praça e eu quero fazer uma exibição eu peço autorização [...] ou um banheiro químico, que varias vezes eu pedi e paguei taxas, que não era pra mim ser cobrada uma taxa. Cobravam uma taxa pra mim e eu pagava e o banheiro químico não chegava. [...] É uma injustiça. É uma realidade completamente diferenciada. E isso a gente luta. Então, assim, eu não sou amiga de governo não sou amiga de nada [...] Porque **a gente não faz pela nossa cidade, a gente faz pela a gente,** porque a gente gosta de reunir e mostrar a informação porque sem informação

a gente não derruba essas pessoas (Entrevista com as participantes do XuxuComXis concedida em 05/09/2021, grifos meu).

Completam que:

É porque o XuxuComXis ele tem essa característica de, tipo assim, de ter vaquinha sabe? É... a gente se reconhece pra além do movimento, se tornou uma família né, amizade. Depois as famílias se tornaram muito próxima mesmo, e... nessa união, eu reconheço real que o cineclube ele é um movimento político, a gente meio que se uniu nesse viés de ação de guerrilha mesmo e se tornou uma família. E tá tudo na vaquinha, sabe? Tipo... cada um dá o que tem, da forma que pode e vai resistindo, vai exibindo, vai produzindo [...] o que dá animo da gente seguir, real, é esse tecer coletivo, essa produção artística, sabe? Que eu reconheço muito e me dá orgulho de pertencer a esse movimento, a esse território, porque eu faço parte dessa história e cada um, cada uma que tá aqui também faz, sabe? **Então, eu quero investir na produção de sentido através das artes porque é se reconhecer. E acaba que muitas pessoas não tem essa oportunidade, então, através da educação... hoje podendo atuar numa educação aqui na Baixada Fluminense, eu quero aplicar isso, sabe, porque eu tive oportunidade. E eu tenho certeza que outras pessoas também poderão dessa oportunidade, através do cinema, do cineclubismo e da educação pública.** (Entrevista com as participantes do XuxuComXis concedida em 05/09/2021, grifos meu).

Sem esperança nos “poderosos” para concretizar seus desejos, as integrantes do Xuxu buscam educar o público que participa de suas atividades, mas por meio de um tipo específico de educação. O cineclube do XuxuComXis é um desses modelos que propagam a educação não formal (Gohn, 2015), como vários outros projetos de transformação sociocultural existentes por meio da comunidade da BXD, como as batalhas de rap da Família Lanatanpa³⁸, os eventos da Associação de Mulheres de Atitude e Compromisso Social (AMAC)³⁹, o memorial “BXD Resiste” criado pela Iniciativa Direito a Memória e Justiça Racial (IDMJR)⁴⁰ e outros.

Portanto, a educação não-formal aqui é percebida como um dos pilares para um processo educativo que, a partir de suas intenções e condições, tem como objetivo, por intermédio das atividades das sessões do Xuxu, com a exibição de filmes, o debate, a produção do filme, o reconhecimento dos artistas locais e etc., construir tanto nos moradores locais, quanto nos que estão fora da região da Baixada Fluminense (como no filme revirando o jogo), um tipo de saber crítico que não reproduz as mesmas representações hegemônicas, mas que as ultrapassam. Conforme Hall (2016) o regime de

³⁸ A Família Lanatanpa é um projeto de transformação sociocultural o qual tem Juliana Maia e Anderson Maia como os principais idealizadores, e que atua por meio do movimento hip hop sobretudo na praça do Morro do Sossego, localizado no bairro do Pantanal em Duque de Caxias.

³⁹ A AMAC é uma ONG liderada por Nil Santos, que busca atender e transformar a vida de mulheres, e suas famílias, que sofreram violência doméstica, também localizado em Duque de Caxias.

⁴⁰ A IDMJR é uma organização independente que atua com ações de enfrentamento à violência de Estado e debater Segurança Pública na Baixada Fluminense a partir da centralidade do racismo.

representação é uma incessante repetição de imagens e narrativas que compõem um discurso que é utilizado, muitas das vezes pela mídia, como um dispositivo para ativar o significado de determinado significante, por isso grande parte do imaginário de quem está fora da Baixada Fluminense relaciona diretamente esta região com todas as imagens negativas que são reproduzidas na grande mídia. As práticas, nesse sentido, do Xuxu, sobretudo a partir da produção de seus próprios filmes e videoclipes, como mostramos no primeiro capítulo, é mais uma das táticas para enfrentar as estratégias hegemônicas, tais como as ausências de políticas públicas que poderiam auxiliar as ações do coletivo, o que consequentemente contribui para os silenciamentos.

Uma das entrevistadas discute que, em conjunto ou não com o XuxuComXis, ela dialoga diretamente com tais representações hegemônicas, sempre as colocando em tensão, em um movimento de tecer outras maneiras de representar o seu território.

porque é uma parada que a gente carrega, Marlon, já reparei isso. Por exemplo, eu dava aula no mais casas né, no mais casas da inovação e por mais que fosse a Isabella ali eu levava o cineclube XuxuComXis. Porque eu ia dar uma aula de fotografia, **eu levava o que a gente construiu do cineclube ao longo desses anos, então eu dava aula a partir da nossa contribuição de imagens, entende? Então, é... e a partir disso, eu ia influenciando outras pessoas né, nesse tecer de ideias territoriais né, então eu percebo que isso tá nas oficinas que a gente dá, isso tá nos filmes que a gente faz, isso tá... numa roda de conversa que a gente tá entre amigos igual semana passada na casa da Pam, cara, isso tá em vários lugares se a gente parar pra pensar essa condição de representação. Tá nas fotografias que eu faço também** (Entrevista com as participantes do XuxuComXis concedida em 05/09/2021, grifos meu).

Assim, o coletivo cineclubista tem a necessidade de atuar para além do que o Estado delimita como Baixada Fluminense, atingindo até outras periferias como a Rocinha, periferias da Zona Oeste e da Zona Norte, para que cada vez mais a polifonia destes sujeitos-cupins seja amplificada de maneira conjunta. Para tanto, elas fizeram parte da construção de um manifesto designado como “Manifesto A Baixada Filma” do grupo “Baixada Filma”, cujo logotipo contém o “BXD” mas com a letra “D” invertida, na necessidade de buscar políticas públicas que possam dar aportes financeiros a estes sujeitos que trabalham com audiovisual na BXD.

Figura 16 – Baixada Filma



Fonte: <https://www.baixadafilma.com.br>

Duas das produções coletivas do Baixada Filma são o Manifesto “A Baixada Filma” e a exposição “#BXDFILMA por Elas”, esta última sendo uma exposição de filmes elaborados por mulheres da BXD no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, no Rio de Janeiro. Já o Manifesto, assinado por mais de 40 grupos, incluindo o XuxuComXis que ajudou a elaborar o mesmo, o Mate com Angu e a desativada Escola Livre de Cinema, emerge da consciência de que esta região há tempo possui um alto potencial audiovisual no país (MANIFESTO A BAIXADA FILMA, 2019), mas que não recebe incentivos financeiros para o desenvolvimento dos grupos e, consequentemente, de suas produções. Como reivindicam

É preciso territorializar os orçamentos do Audiovisual, no Estado e na União. Recolhe-se muito imposto por aqui e o retorno? Praticamente zero. É preciso um diálogo franco do MinC, da Ancine, da Sav. das Secretarias de Cultura com quem está na ponta do processo, no front pesado do fazer cultural, **sem os tapinhas-nas-costas e as promessas vazias que são o mais do mesmo. É preciso que haja Políticas Públicas concretas** que dêem conta dessa potência – redefinindo a noção de investimento e de formação, garantindo os direitos dessa população que filma, produz, difunde, pensa e faz viva a identidade cinematográfica da Baixada Fluminense. **Esse é o recado franco e direto a quem tem canetas na mão e espaços nos jornais e gabinetes: queremos ações concretas já. O Rio de Janeiro é mais que a cidade do Rio de Janeiro. A Baixada filma.** (MANIFESTO A BAIXADA FILMA, 2019, grifos meu)

A denúncia de que o estado do Rio de Janeiro é mais do que a cidade do Rio de Janeiro evidencia a segregação que atinge a região da Baixada Fluminense, fazendo com que ela não seja conhecida da maneira como os sujeitos-cupins a constroem, isto é, através da fala dos que ali vivem, o espaço-tempo vivido, dos múltiplos territórios que compõem esta região. A produção de filmes nada mais é do que produção de novas imagens e sobretudo de novas narrativas a partir de um território, que prevalecem imagens que

promovem um apagão, quando todas as luzes estão piscando, como alertas por todas as partes, por que ninguém é capaz de ver?

3.2. A Baixada não se rende nunca

Marcelo Fontes do Nascimento Viana de Santa Ana, músico que viveu até seus 53 anos, conhecido como Marcelo Yuka, compositor de uma das bandas mais importantes do Brasil, de Reggae, a banda O Rappa, foi o criador desta frase que titula este subcapítulo. Esta frase foi tão impactante quando foi dita que marcou os integrantes do coletivo Baixada Nunca se Rende que quiseram, então, resumi-la e juntar com o “BXD”.

Eu também peguei exatamente essa sigla do BXD, [...] juntei com o Nunca se Rende, que o Marcelo Yuka tinha dado a deixa e aí criou o nome “BXD Nunca se Rende”, “Baixada Nunca se Rende” (Entrevista com os participantes do Baixada Nunca se Rende concedida em 04/02/2022).

Mas, a Baixada não se rende ao quê? Ou para quem? Segundo os entrevistados, a Baixada, ou melhor, os artistas desta região se rendem para bastante coisas, visto que percebem, muitas das vezes, ser necessário afastar-se de suas produções artístico-culturais para trabalhar no mercado formal, mesmo que seja em uma profissão que não esteja de acordo com seus interesses, já que não são amparados pelas políticas culturais locais, principalmente, que possam garantir sua existência por meio da arte.

Então, poxa, nunca se rende... se rende pra muita coisa, porque ninguém é de ferro né, tem hora que né, as coisas ficam mais difíceis. Mas, no geral, nunca se rende pra tantas dificuldades diárias, né. Tipo, a pessoa tem que trabalhar lá no centro da cidade, ela tem que pegar três conduções, mas ela vai seguir a meta dela, ela precisa fazer um evento cultural no seu município, mas não tem menor apoio das políticas culturais [...] (Entrevista com os participantes do Baixada Nunca se Rende concedida em 04/02/2022)

Entretanto, boa parte destes artistas, sobretudo quando se movimentam coletivamente, nunca se rendem, ou seja, não desistem de tentar um caminho para se sustentar com suas artes. Não se rendem, pois resistem com seus modos de fazer, insistem na potencialidade de trabalhar no campo da cultura, insistem na possibilidade de falar. São guerreiros, portanto, porque não se cansam de lutar uma batalha, talvez já vencida há bastante tempo. Lutam por seus sonhos, por acreditarem na coletividade, nos territórios onde habitam e, por conseguinte, constroem um mundo que ora parece possível e ora impossível.

Ela não se rende nunca pra qualquer sistema de... indústria musical, qualquer gravadora, mídia. A Baixada não se rende nunca porque é feita de guerreiros,

de lutadores, de sonhadores, de pensadores que, por conta, de preconceitos, por conta de uma hierarquização social não tem o seu... as vezes não tem as mesmas oportunidades que um artista de Barra da Tijuca, de Zona Sul, de centro de São Paulo. Não tem um estúdio de qualidade ali do lado, não tem um produtor, uma produtora musical ali do lado, não tem uma escola de negócios que vai te ensinar os negócios da música. Mas, tá sempre tocando o seu violão, sempre compondo, sempre gravando a sua faixa, fazendo o seu videoclipe, de uma forma ou de outra, e mostrando o seu trabalho ali em grupos de whatsapp... A baixada eu penso assim (Entrevista com os participantes do Baixada Nunca se Rende concedida em 04/02/2022).

Alguns destes artistas já possuem bastante anos de carreira, mas outros são jovens, alguns conseguem contratos com gravadoras, outros nem com tantos anos de carreira conseguem. Para evitar possíveis fracassos, tão comuns entre os artistas da Baixada, o coletivo tem vontade de colocar o Marcelo Yuka como o patrono do Baixada Nunca se Rende, pensam em fazer isto assim que criarem um estatuto, mas para isto precisam de um CNPJ.

[...] eu sou um artista que tem 30 anos de carreira, o Biguli exatamente a mesma coisa, a maioria das pessoas que a gente conhece lá tem isso ou mais tempo de carreira, chegando ou não chegando ao mainstream, chegando ou não chegando a alguma gravadora, o pessoal tá lá fazendo o seu trabalho da maneira como consegue. Então, pra nós, isso, é o nunca se rende que o Marcelo Yuka colocou, e juntamos, assim, e criamos o BXD. A gente até... queria fazer uma homenagem, colocar o Marcelo Yuka como o Presidente, uma figura, um patrono mas isso ainda não foi decidido, até porque o coletivo não tem um Estatuto, né, não é um CNPJ, ele não é formalizado (Entrevista com os participantes do Baixada Nunca se Rende concedida em 04/02/2022).

Por não lutarem sozinhos, um deles iniciou um movimento pela rede social no Facebook, a fim de encontrar outros artistas residentes na Baixada Fluminense. Criou-se, então, um grupo que aos poucos está juntando diversas pessoas, até que uma reunião foi marcada no Centro Cultural Donana, em Belford Roxo, em meados do ano de 2016.

[...] começou um movimento pela internet, pelo Messenger também de juntar as pessoas, artistas da Baixada, pra pensarem em algum tipo de proposta que visse exatamente a questão da sustentabilidade da cultura, ou seja, que a gente pudesse estar incentivando a juventude a fazer arte, assim como nós fomos incentivados pelos artistas como Cidade Negra, como KMD-5, enfim, pra que a gente fizesse a nossa arte. O [nome ocultado] tinha esse interesse, criou um grupo aí pelo Messenger e marcou uma reunião no Centro Cultural Donana (Entrevista com os participantes do Baixada Nunca se Rende concedida em 04/02/2022).

Como já dito, a ligação entre o coletivo com o PNUD se deu de maneira informal, visto que foi que um dos participantes que uniu o grupo que estava se formando no *Facebook* com uma colega de turma que procurava um grupo para trabalhar com a ONU

Essa colega me perguntou, na mesma época que o Gui tava chamando o pessoal pro Donana, se eu conhecia um coletivo de artistas interessados em fazer essa parceria e eu falei que sim, porque tava se formando esse coletivo

de artista. Então, eu fiz essa ponte. Os artistas do lado de cá procurando alguma proposta de trabalho pra sustentabilidade cultural da região, e a ONU procurando um coletivo pra trabalhar e a ponte fui eu (Entrevista com os participantes do Baixada Nunca se Rende concedida em 04/02/2022).

Com este vínculo estabelecido, o coletivo começou a ganhar forma e ter suas reuniões no Centro Cultural Donana, tendo como foco principal a “sustentabilidade do músico na Baixada”. Demasiadamente importante destacar que o sentido de “sustentabilidade” para o Baixada Nunca se Rende é sustentar a atividade dos artistas, de modo que eles se sustentem com o dinheiro de suas produções.

A sustentabilidade tá no sustento, tá no... na questão de receber pelo seu trabalho. Você produz arte, você produz musica, você mostra pra sociedade que é possível viver daquela musica e você, talvez, incentive outras pessoas a também ingressarem no sistema pra poder renovar sempre aquele portfolio de artistas. Uma vez que a gente entende que se você não mostra, ou então se você mostra pra sociedade que o seu trabalho não tem rendimento, não te dá grana, talvez a chance de incentivar novos artistas seja menor (Entrevista com os participantes do Baixada Nunca se Rende concedida em 04/02/2022).

Nesse sentido, a sustentabilidade para os integrantes é importante porque com ela, as pessoas que estão ao redor, como os familiares, os amigos, podem se sentir incentivados a também tentar seguir suas jornadas profissionais por meio da arte e cultura. Entretanto, as suas músicas, como demonstradas no primeiro capítulo (Caminhos), abordam temas que se relacionam com diversas correntes teóricas que discutem a questão da sustentabilidade, pois o objetivo fundamental para a ONU era divulgar as 17 ODS e não o sustento dos artistas.

Trazendo pro nosso lado musical e artístico, se eu não consigo mostrar pro meu filho, pro meu amigo, que a minha profissão tem sustentabilidade, ou seja, que eu consigo me manter, né, com aquele trabalho, ele não vai se incentivar, e a sustentabilidade está nisso, de você se manter pra que você incentive outras pessoas também a trabalharem naquela arte, naquele ramo, porque elas vão ter uma oportunidade de se sustentar com o próprio trabalho, que é a musica, no caso, que hoje em dia é muito difícil (Entrevista com os participantes do Baixada Nunca se Rende concedida em 04/02/2022).

Eles destacam que a visibilidade negativa da Baixada Fluminense, como de outras periferias, é um desafio a ser superado, e essa “estratégia” de se conectarem aos interesses da ONU era visto como um passo importante neste desafio. A ONU que, nos anos 80, avalizou que Belford Roxo era a cidade mais violenta do mundo, agora em 2017 estava alinhada com um grupo cultural do mesmo município para tentar ultrapassar essa imagem e divulgar as ODS.

Essa questão da visibilidade negativa é um problema né, porque a mídia quando ela cria um personagem, dificilmente ela quer tirar, por exemplo,

favela é local de violência, local de periculosidade, assim a Baixada também é vista, local de pobreza, de periculosidade, visto aí essa declaração que você deu no início sobre a ONU nos anos 80 né. Então, com essa estratégia, com essa proposta a gente juntou com a questão da ONU de querer dar visibilidade as ODS. Então, aqueles artistas que estavam lá, eu expliquei o que eram os objetivos e a gente começou a traçar propostas juntos (Entrevista com os participantes do Baixada Nunca se Rende concedida em 04/02/2022).

Como dito nas entrevistas, o coletivo Baixada Nunca se Rende, o qual iniciou-se com mais de 100 artistas, atualmente somente quatro ficaram. Isto não significa necessariamente que todos os outros artistas desistiram de suas carreiras, mas que desistiram do coletivo, mesmo que ainda alguns continuam se relacionando, tiveram outras demandas e o Baixada Nunca se Rende não teve mais a mesma relação que tinham com a ONU. Da mesma forma que acontece com os cupins alados, que saem em revoada afim de copular e, assim, construir um novo cupinzeiro, nem todos conseguem formar seus casais, copular e sustentar uma nova colônia. Durante este processo, algumas armadilhas atraem dezenas deles, como a iluminação artificial das casas modernas, que os hipnotizam, os prendem e consequentemente os matam. Isto significa que a revoada enfrenta grandes riscos, que neste caso não garante a sobrevivência de todos, aliás, são poucos os que depois de pousarem e perderem suas asas, conseguem sustentar uma nova colônia, um novo coletivo, um novo processo.

Não é possível saber, ao certo, até que ponto estes quatro integrantes são: a) estes cupins alados que sobreviveram da grande revoada, o que fez com que conseguissem sustentar uma nova colônia com, pelo menos, quatro sujeitos-cupins, ou b) eles, na verdade, são os que não participaram da revoada, ficaram sempre no núcleo do cupinzeiro enquanto os outros tentaram construir outras colônias. No primeiro caso, o coletivo pode ser compreendido enquanto “A Baixada que não se rendeu”, pois foram os sobreviventes; no segundo, a permanência dos quatro integrantes significa que de fato eles podem ser considerados enquanto “A Baixada que nunca se rende”, porque sequer a saída dos outros fizeram com que esses quatro desfizessem o coletivo. As perguntas que ficam: Aonde estão os outros que voaram? Será que existem, ao menos, rastros de suas asas? Construíram uma nova colônia?

A certeza é que estes quatro são os que não se renderam por nada, até agora, e que ainda vivem o drama de uma possível rendição. As entrevistas apontam que este “núcleo diretor” do coletivo sempre foi pequeno, comparado a quantidade de pessoas. Enquanto

os resultados estavam sendo positivos, sobretudo por conta do apoio da ONU, ao menos na divulgação, foi mais fácil agregar outros integrantes, como um entrevistado discute.

[...] a gente começou em 2016 e aí naturalmente foi se tornando um núcleo duro, um núcleo diretor, que se reunia com o pessoal da ONU, que organizava as ações né... que tomavam um pouco mais a frente dessa organização. Esse núcleo duro chegou a ter onze, doze pessoas né, um fazia rede social, outra fazia produção, outro fazia direção musical, mas aí foi se reduzindo e aí todo mundo necessitado em... acho que todo mundo precisa de resultado né. Então, enquanto tava gerando os resultados positivos, documentários, show no Cine Odeon, foi mais fácil de agregar. Hoje ficaram quatro, quatro pessoas que estão aí nesse núcleo duro (Entrevista com os participantes do Baixada Nunca se Rende concedida em 04/02/2022).

Outro entrevistado aponta que os quatro integrantes concentraram as responsabilidades porque percebiam que nem todos estavam tão compromissados, o que fazia com que o BXD Nunca se Rende, a cada produção, tivesse em seu núcleo outras pessoas integradas, mas sempre contando com os quatro principais.

Mas, desde o começo a realidade é que sempre foi mais concentrado em nos quatro mesmo, entendeu? Com colaboradores, mas... assim, o compromisso maior... foi rolando uma peneira natural, não que a gente tenha excluído, mas é por conta de que você vai vendo quem não tá dando mais o feedback na resposta pras ações, a gente vai buscando essas parcerias. Mas, a cada produção o núcleo não é só a gente, entendeu? (Entrevista com os participantes do Baixada Nunca se Rende concedida em 04/02/2022).

O coletivo, ou seja, estes quatro sujeitos que permaneceram, buscam com suas atividades, que sempre têm a música como centro, dialogar com as representações hegemônicas da Baixada Fluminense, como apontam as entrevistas. A principal atividade que o coletivo estava produzindo, quando esta pesquisa estava sendo feita, é a coluna na rádio Roquette Pinto (Figura 17) semanalmente as sextas-feiras, a qual eles buscam acessar artistas para que contem suas histórias e cantem suas músicas.

Figura 17 – Coluna Baixada Nunca se rende



Fonte: [instagram.com/bxdnuncaserende](https://www.instagram.com/bxdnuncaserende)

Por isso, esta atividade na rádio é sob demanda, como explicam. Além disso, esta participação é trabalho voluntário e o coletivo não pode receber patrocínio, por ser uma rádio do governo do estado, mas explicam que existe uma brecha para que possam ter um único “apoiador cultural” e que os auxiliem financeiramente.

a gente tá mais sob demanda. Como a gente tá com bastante foco na coluna da Roquette Pinto, na rádio, que é uma coisa semanal, nós quatro produzimos, mas a gente tá sempre acessando os artistas pra contar as suas histórias, pra mandar as histórias pra a gente. Não adianta estar a gente como organizador e não ter o artista pra divulgar, então, tá sendo meio que sob demanda [...]
Lá a gente não pode ter um patrocínio. Mas, a gente pode ter um apoio com patrocínio, com nome de apoio cultural. É uma rádio do governo, a gente não pode receber patrocínio, mas eles abriram essa brecha porque pra que a gente possa receber um apoiador cultural, mesmo que financeiro, e só pode ter uma única chamada, entendeu? Então, a gente vai ver como conseguir gerar renda com o programa. Tem os frutos do programa, né, a vitrine que o programa vai dar, mas a gente precisa fazer também uma grana, ali, mensal, né, porque dá trabalho inaugurar o programa, é pesquisa, é deslocamento (Entrevista com os participantes do Baixada Nunca se Rende concedida em 04/02/2022).

Nesse sentido, uma das táticas para tentar atingir o público de todo do estado, visto que a coluna que eles administram na rádio toca em todos os municípios do Rio de Janeiro, é tentar trazer parte da história da música da Baixada Fluminense. Eles trazem

músicas, portanto, de artistas que já tiveram alguma relação com esta região ou que vieram dela.

[...] o coletivo dialoga com essas representações de violência, descaso e tal... eu acho que tentando... a gente tem aqui, um programa, uma coluna na rádio Roquette Pinto, onde a gente divulga as pautas positivas da música na baixada, a gente tenta mudar, ou trazer uma visão artística da Baixada, divulgando o trabalho de músicos da Baixada, ou seja... o Jimmy Cliff, que é um artista internacional, esteve na Baixada Fluminense, as pessoas não sabem; o Tim Maia, né, que é um artista de reconhecimento nacional, fez um dos maiores sucessos dele na Baixada Fluminense, foram os discos da Cultura Racional, foram feitos em Belford Roxo; o Cidade Negra, que é conhecido nacionalmente, é da Baixada Fluminense; o Seu Jorge, que é um artista internacional, é mundial, da Baixada Fluminense (Entrevista com os participantes do Baixada Nunca se Rende concedida em 04/02/2022).

Com as histórias destes músicos sendo contadas, mais as suas produções artísticas, o coletivo busca mostrar para todo o estado, essencialmente, as características positivas de seus territórios – produzem, ao mesmo passo em que registram, memórias que enfrentam o sistêmico apagamento histórico das mesmas –, pois estas quase sempre são esquecidas nos noticiários da grande mídia, o que influencia diretamente na forma como os olhares sobre a Baixada Fluminense se darão. O poder exercido por este coletivo, neste sentido, então, é direcionado para que a camada da BXD, especificamente no que compete a relação dos músicos com esta, seja cada vez mais visível e reconhecida positivamente por sua potencialidade. Um dos entrevistados busca comparar as periferias, tornando nítidas as similaridades entre elas, no sentido de que o centro é sempre privilegiado sobretudo por ser o local em que se (com)centra o poder hegemônico, ao contrário dos periféricos, que são pintados como o recipiente do mal, da desumanidade, ou seja, daquilo que está sempre em um nível abaixo, na Baixada.

Então, a gente dialoga dessa forma, trazendo visibilidade pra pauta positiva, pra o que é positivo, em contraponto a grande mídia que dá destaque ao que é negativo. O que é violento é na baixada, o que é pobre é na baixada e assim vai, e se você for levar pro âmbito internacional, o que é pobre tá na África, o que é violento tá na África. As periferias parecem que tem um papel social de tirar a carga negativa, a carga né, de quem tá no topo: “Ah, violência é lá na favela, pobreza é lá na Baixada, aqui onde eu tô tá suave” e nós, que estamos aqui, né, sofrendo com essa pressão midiática, governamental, a gente tem que fazer alguma coisa, e a forma que o coletivo escolheu foi a música (Entrevista com os participantes do Baixada Nunca se Rende concedida em 04/02/2022).

Antes do Baixada Nunca se Rende participar desta coluna na rádio, o coletivo conseguiu estabelecer uma parceria com esta mesma rádio e a organização musical de nível internacional “Playing for change” (Tocando pela mudança), como exhibe a figura 18. No site desta organização informa que o “Playing For Change foi criado para inspirar

e conectar o mundo através da música. A ideia deste projeto surgiu de uma crença comum de que a música tem o poder de quebrar fronteiras e superar distâncias entre as pessoas”⁴¹.

Figura 18 – Playing for Change



Fonte: Extra, 2018. Disponível em <<https://extra.globo.com/noticias/rio/nilopolis-recebe-edicao-do-evento-internacional-playing-for-change-neste-sabado-23064590.html>> Acesso em 25 de março de 2022.

Este evento que acontece em várias partes do mundo, tal como aconteceu em Niterói e no município do Rio de Janeiro, aconteceu em Nilópolis, cidade da Baixada, especificamente no Galpão 252, em 2018, como apontam as entrevistas.

Jorge Luís Moreno, que é um radialista, ele era meio que o embaixador desse movimento global aqui no Rio de Janeiro. A partir disso a gente também colocou o BXD em parceria com esse coletivo, e aí a gente também teve participação da radio Roquette Pinto, com o programa Play for Change, e esse movimento realiza uma vez por ano o Play for Change Day, né, que é uma data, é... vamos dizer, pra chamar atenção mesmo do movimento em diversas cidades do mundo. E aí a gente trouxe esse evento pra Baixada Fluminense, em 2018 (Entrevista com os participantes do Baixada Nunca se Rende concedida em 04/02/2022).

Outra atividade do coletivo que evidencia a forma como os discursos do BXD Nunca se Rende são construídos é a tática deliberada para conseguir adentrar ao Rock in Rio (RiR). O coletivo pensou em uma banda, a “Banda BXD”, que seria composta por diversos artistas da BXD, de diversos municípios e com diversos tipos de estilos musicais. Mesmo que eles, da última vez, não tenham tido êxito com esta tática e não entraram para

⁴¹ Disponível em: <<https://www.playingforchange.com/pt/about>> Acesso em: 25 de março de 2022.

o RiR, os integrantes explicitaram que vão continuar tentando ocupar o palco favela – que é um dos palcos do evento com a Banda BXD.

A gente se inscreveu lá, a gente juntou material, pra que a Banda BXD que é uma das estratégias né também do coletivo. É uma banda onde a gente chama artistas de varias cidades, de varias bandas pra fazer uma... como se fosse uma seleção brasileira, vamos dizer, de futebol, tem jogadores de vários times né, do flamengo, vai e joga por um mesmo objetivo que é a seleção brasileira. São músicos de varias cidades, né, de vários estilos, de varias bandas, com o mesmo objetivo que é a promoção da musica da Baixada. [...]
tem banda de Reggae, de Rap, de Rock, Blues, Samba... Então, durante o show, tipo... é uma miscelânea, assim, o repertório estão musicas dos próprios que estão ali. Por exemplo, se tem o cara da Banda Rota Espiral, tem uma banda da Rota Espiral, se tem o Renato Biguli tem uma música do Biguli, da Nocaute Nocaute. É um repertorio é montado assim e também com musicas pops que estão em evidencia e tal, ou são clássicos, não são só autorais. [...]
a gente já tentou no passado, e agora a gente quer nesse. Até porque tem... o palco favela, ele pode possibilitar, né, porque ele já é dentro dessa linguagem de periferia e tal [...]
porque a gente quer mostrar pra baixada e pra fora da baixada o que existe aqui. Então, a gente... a intenção é o publico em geral. Formar uma nova opinião sobre a baixada, tentar diminuir quando se joga no google e bota Baixada ou Belford Roxo o que vem é só notícia ruim (Entrevista com os participantes do Baixada Nunca se Rende concedida em 04/02/2022).

A Banda BXD, como se pode perceber, é um compilado do que o coletivo Baixada Nunca se Rende deseja mostrar ao público, o intuito, logo, é modificar as imagens da Baixada Fluminense, construí-las através da (banda) BXD. Ao que parece, os integrantes não vão se render enquanto não conseguirem modificar, infiltrar e transgredir estas imagens negativas que deixam toda potencialidade cultural dos territórios da BXD em total opacidade. Neste sentido, até os próprios coletivos culturais da Baixada as vezes não enxergam outros, um dos entrevistados aponta que falta um plano de comunicação formal para integrá-los, assim como os potenciais investidores precisam aprender a investir nos projetos sociais da BXD: “as pessoas ainda têm que aprender a investir financeiramente nos coletivos da Baixada, arrumar patrocínio. Por exemplo, uma Petrobrás dessa, uma Vale do Rio Doce [...] Uma Bayer do Brasil... o que falta, o que falta é grana” (entrevista com os participantes do Baixada Nunca se Rende concedida em 04/02/2022).

As falas, ou seja, a maquinaria discursiva deste coletivo visa, assim como os cupins que aos poucos desmancham estruturas rígidas, desmontar e remontar outra forma de Baixada Fluminense, uma forma que possibilite a vida dos artistas que, sobretudo, pertencem às suas redes. Será que tornar isto possível é, finalmente, falar? Falar sob(re) a Baixada Fluminense? Tomar as rédeas das normas sociais? Revirar as regras do jogo? Quantos cupins, depois da próxima revoada, estarão vivos? Sendo BXD ou Baixada, o coletivo segue petrificado no ideal de nunca se render. Em certas situações, a paixão fala

mais alto. Em outras, é por ela que se morre. E em piores cenários, é pela paixão que o sentido da vida se perde...

3.3. F.A.L.A. Coletiva

Antes de ser criada a F.A.L.A., é preciso compreender que a fala já existia. Na verdade, as falas, assim como as reuniões e as rodas de rap, de jovens que se reuniam, enquanto deviam estar na escola, na Praça do Galo. Os seis integrantes, todos homens, do que se tornaria este coletivo tratado neste subcapítulo, enquanto eram somente amigos, percebiam nas reuniões na praça que eram potenciais artistas e que precisavam de apoio. Em 2013, esses amigos, que eram bem próximos do rock e distantes do hip hop, resolveram levar uma caixa de som para a praça no período em que se reuniam, provocando-se a fazer alguma coisa em prol de seus futuros, em vez de faltarem às aulas.

Foi em 2013, Agosto de 2013, porque a gente tava lá, o João, ele tem um quiosque de sanduiche, hamburgueria no caso, e aí a gente ficava lá no quiosque pensando em coisas, a gente sempre foi envolvido com o rock e com esse tipo de coisa assim, o João sempre quis fazer evento, e ao mesmo tempo ele tinha o equipamento e tinha uma galerinha que ficava em frente ao quiosque que é na praça do galo, pessoal da escola matando aula, fazendo rap e tal. Já era o GCM e o Charles [dois atuavais MCs], que depois eles criaram um grupo de rap a partir dos movimentos que foram acontecendo, então... em 2013, a gente se propôs a levar o som do João pra praça e provocar os estudantes, os adolescentes que ficavam ali de bobeira na praça, a fazer alguma coisa.

[...] Não conhecia nada de rap, eu queria fazer essa parada pra movimentar o rap. A galera era do rap, a galera que estava lá já era do rap, eu pensei “não, não tem como eu empurrar uma parada nova ou diferente, eu quero que eles se movimentem, o que que eles gostam, o que que eles querem fazer? A gente ensina a mexer no som, ensina a apresentar, ensina a fazer o que eu posso ensinar, no mínimo o que eu sei, pra eles transformarem isso no máximo” e aí foi que a parada cresceu. (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 25/01/2022).

Nessa época, algumas atividades culturais ligadas ao movimento hip hop, como as rodas de rap, estavam em efervescência. Elas existiam em diversos lugares, como em Vila Isabel, Botafogo e em outros municípios do estado do Rio de Janeiro, como indicam as entrevistas. Alguns estudantes se reuniam com seus celulares, ou alguma caixinha de som, por não terem equipamentos mais adequados e faziam suas rodas. O coletivo Fábrica de Apoio a Linguagem Artística foi, então, criado por estes amigos com uma proposta de inventar espaços culturais em locais públicos.

A proposta era criar palco, criar um espaço para as pessoas falarem, para as pessoas se apresentarem, principalmente a galera da musica, que é... que a gente tinha mais envolvimento, e agregar novos discursos a partir do andamento. Então, Fabrica de Apoio a Linguagem Artistica veio dessa

proposta de inventar espaços num lugar onde estava tudo muito padronizado, a cultura engessada como se diz né. Então a gente tinha que inventar tudo e tinha que fabricar o lugar pra apoiar os artistas, pra apoiar os próprios produtores que não tinham aonde trabalhar [...]

O coletivo foi criado para iniciar esse evento [A Roda do Galo], a gente teve a ideia de fazer a parada “tá mas o que que a gente pode fazer, assim, pra durar, né, pra ter uma continuidade, então vamos instaurar enquanto coletivo, vamos dar um nome para esse coletivo, vamos pensar novos projetos e tal”, então já existia o rap, e o coletivo foi criado para movimentar mesmo as pessoas que estavam ali presente. Tudo acontece, na verdade, pensando agora assim, tudo acontece por conta das pessoas que estavam ali, a gente teve ideia porque tinham pessoas ali. A gente não queria oferecer uma parada é... exclusiva, nova, ou qualquer revolução diferente, não, existiam pessoas querendo um espaço e a gente tinha a possibilidade de proporcionar esse espaço (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 25/01/2022)

A ideia de “Fábrica” veio por eles pensarem coletivamente acerca da relação centro-periferia, em especial os da Baixada Fluminense – por esta região ser muitas vezes considerada cidades dormitórios –, na qual estão inseridos. Os túneis dos cupins estavam sendo construídos nestes momentos, cuja intenção era inventar um caminho por onde os sujeitos poderiam falar, trazer suas histórias e, com isso, construírem outras direções tanto para as gerações atuais, quanto as que viriam, através de uma geração mais velha que estava interessada em contribuir de algum modo.

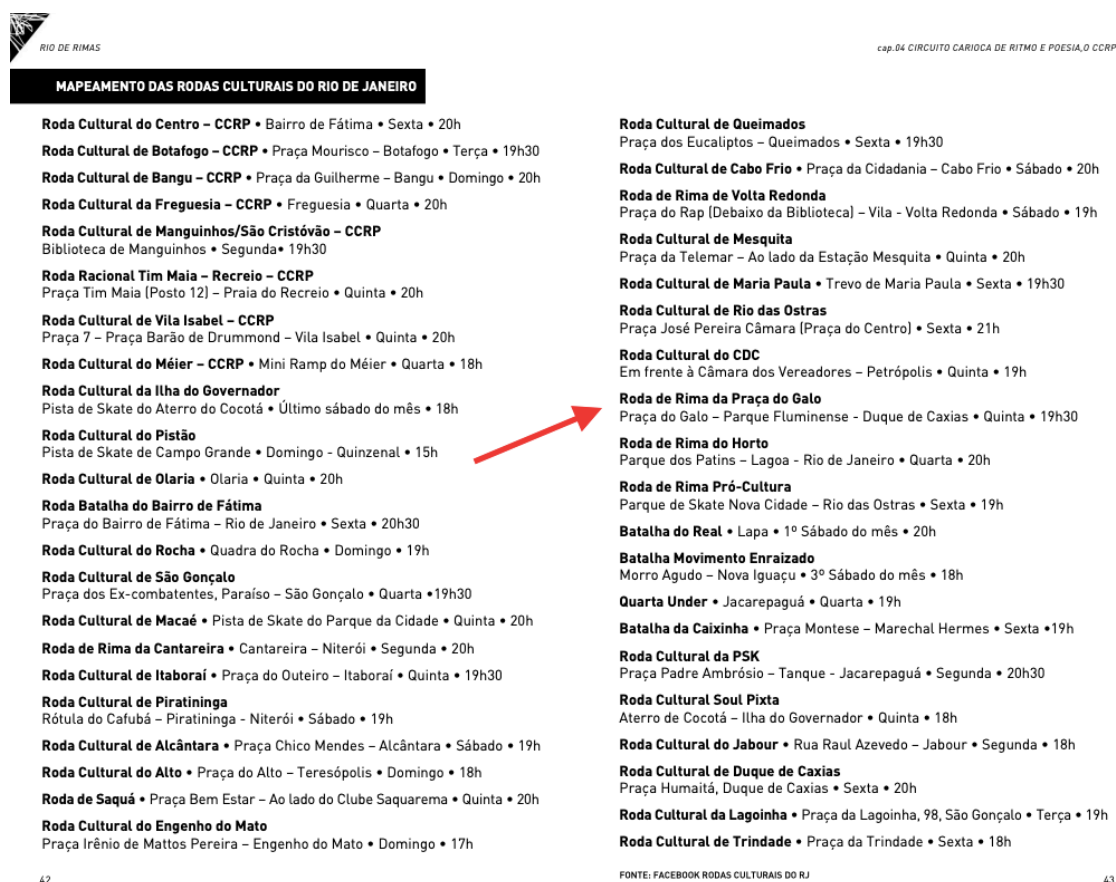
No começo eu fazia muita coisa na zona Sul, muita coisa no Centro, e chegava em casa e nunca tinha nada, isso a gente até conversou algumas vezes. Então, essa relação de fábrica surge daí, dessa cidade formada por operários, cidade dormitório, nesse território meio esquecido assim, pela cultura a gente inventa o que fazer, inventa por onde falar, por onde trazer as histórias aí (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 25/01/2022).

O impacto que simplesmente seis amigos fizeram ao levar aquela caixa de som, com o pouco de conhecimento que eles tinham através do rock, estreitando a relação dos jovens que ficavam na praça do Galo com o campo da cultura, fez com que por volta de 2014 e 2015, em uma das doações de livros, o coletivo já estabelecido percebesse o alcance de sua roda cultural. Em um mapeamento das rodas culturais do Rio de Janeiro que foi elaborado, a “Roda do Galo” constava como referência.

[...] Eu já ia nas rodas de outros lugares, como eu te falo, Vila Isabel, Botafogo, já fui na roda de Botafogo, não tinha nem idade pra ficar saindo e tava indo. E aí, tipo, no nosso bairro acontecer aquilo ali, começar a roda do galo, foi tipo um marco mesmo, e foi marcado mesmo, a gente entrou pro mapa, na época eu não fazia parte, mas quando a gente viu a gente se sentiu parte daquilo ali, porque em 2015, se eu não me engano, que foi lançado o livro, 2014 sei lá, aí sei que a gente achou em algumas das doações que a gente ganhou de livros, a gente achou o mapa das rodas culturais do Rio de Janeiro, e aí tinha a roda do galo lá mapeada, como uma das rodas que aconteciam, e a gente não fazia ideia disso, e... só tinham duas rodas mapeadas da baixada fluminense nesse mapa, de rodas do Rio e a roda do galo foi uma delas (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 25/01/2022).

Naquele mapeamento constava, na publicação “Rio de Rimas” de 2013 (ALVES, 2013), conforme a figura 19, a Roda de Rima da Praça do Galo. Dentre 42 rodas de rimas do estado do Rio de Janeiro, esta estava presente. Vale ressaltar que havia outras quatro rodas culturais na Baixada Fluminense, totalizando cinco: uma em Duque de Caxias (Roda Cultural de Duque de Caxias, na praça Humaitá); uma em Queimados (Roda Cultural de Queimados, na praça dos Eucaliptos); uma em Mesquita (Roda Cultural de Mesquita, na praça da Telemar), e uma em Nova Iguaçu (Batalha Movimento Enraizados, em Morro Agudo).

Figura 19 – Mapeamento das rodas culturais do Rio de Janeiro.



Fonte: ALVES, Rôssi. Rio de Rimas. 1 ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013. Disponível em: https://issuu.com/tramas.urbanas/docs/miolo_rio_de_rimas_site Acesso em 26 de março de 2022.

Durante os anos próximos de 2014, o coletivo começou a perceber que era necessário pensar a acessibilidade de suas atividades, pois existia uma menina que fazia sempre parte das rodas de rimas e que havia sofrido um acidente, tornando-se cadeirante. Essa menina acabou por integrar o coletivo, pois se surpreendeu com as práticas do

coletivo visto que até então não havia percebido um olhar da prefeitura municipal para a acessibilidade de cadeirantes.

[...] e aí quando ela chegou em mim pra falar que tinha um coletivo que queria estudar o dia a dia, as dificuldades de uma cadeirante, porque ela me levava no banco, ela ia no médico comigo, era minha amiga pessoal, e andava comigo pra cima e pra baixo e aí ela levou isso para o coletivo, o esposo dela teve o start de fazer isso, que é o João, e aí tipo, eu me encantei dali e falei “nossa tem alguém que olha pra esse lado, meu Deus, alguém aqui faz alguma coisa” e foi bem bacana, foi temporário graças aos deuses, mas isso mudou muito a minha vida (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 25/01/2022).

Atualmente, ela é uma das principais referências do coletivo F.A.L.A. por sempre levar a imagem do coletivo para outros lugares, ser a mestre de cerimônia dos eventos principais e frequentar outras organizações, tais como o Movimenta Caxias e o Artivismo BXD. Essa integrante acompanhou, mais do que os outros seis, o movimento hip hop no Rio de Janeiro, mas na Baixada Fluminense só conhecia a roda do galo e a que acontecia na praça Humaitá, ambas em Duque de Caxias. Nas entrevistas, ela apontou que naquela época ainda não se ouvia muito falar de “BXD”, mas “BF”.

E sobre falar BXD, na época era mais BF, eu ouvia a galera falando BF né, tipo, tinha o João da BF, o Mais Alto da BF, que é abreviação de Baixada Fluminense. Era mais isso. [...]

Tinha uns moleques lá do Parque Amorim que lançava muito BF, uns malucos mais antigos, Erco, o Bruno, BR, Baiano. Eu conheci essa galera do rap, na real, pessoal das antigas [fala do outro entrevistado] [...]

tem até hoje, a Arca da BF, que é uma produtora, uma gravadora, de um mano que tá na ativa no rap também, que é do Barracão hoje em dia, e... é isso, assim, na época em 2013, era BF (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 25/01/2022).

A sigla BXD, em vez de BF, para designar a Baixada Fluminense, começou a ser ouvida, segundo as entrevistas, por volta de 2016 e 2017, antes do documentário #BXD Baixada Nunca se Rende, do coletivo tratado no item anterior. As primeiras vezes que o BXD apareceu para estes entrevistados foi nos muros, por conta da atividade dos grafiteiros, e em fotografias, como o grupo “Cena BXD” que fotografava movimentos culturais da Baixada.

Eu vi essa mudança mais entre 2016, eu não sei se foi ali que surgiu, mas eu comecei a ouvir mais em 2016, por aí [...]

as primeiras pessoas que eu vi né, foi uma galera do grafite, que foi o Marlin, é... teve uma galera que é fotografa também da cena BXD. Eu acho que o primeiro grupo, aí eu posso estar sendo equivocada mas eu pesquisei na minha memória e o primeiro que eu lembro foram esses, que era a galera que era fotografa, eles estavam ali pra retratar os movimentos culturais que aconteciam na Baixada e aí eles fizeram a Cena BXD, que aí eu lembro que tinha o Rafinha Sanchos, por exemplo, a referência que eu tenho dessa Cena BXD. Mas eu vi isso, vi uns grafiteiros, como se os grafiteiros tivessem ressignificando, ou

então colocando como uma parada nova, sabe, tinham uns grafiteiros que usavam BF, né, João da BF, Mais Alto da BF, e aí eu via uns outros grafiteiros usando mais, assim, na hora de falar, essa coisa do BXD, em que eu me lembre, que eu me recorde, foi por aí 2016, 2017, que eu vi esse primeiro grupo aí colocado como Cena BXD (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 25/01/2022).

A sigla BXD ganhou tanta repercussão por fazer essa transição entre os mais velhos para os mais novos, que existem conflitos ocasionados pelas disputas de alguns artistas que reivindicam a autoria da sigla.

eu via o Rafinha lá com a Cena BXD, é... mas o próprio Napô já reivindicou a autoria do nome BXD [...] se sua ideia foi copiada pra um benefício quer dizer que ela foi boa, sei lá. Então, sei lá, os caras queriam brigar sobre autoria do bagulho.[...] nunca saberemos, só se botar de frente do mundo que eu realmente não sei, mas as primeiras pessoas que eu vi falando, foi isso. Eu acredito que foi o Napô a falar sobre, porque é isso, o Marlin andava com o Napô, morava com o Napô, e aí eles falavam muito isso de BXD. Acho que o Napô tem músicas também falando isso [outro entrevistado responde] (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 25/01/2022).

É interessante perceber que o registro mais antigo, no início desta pesquisa, de produção cultural que envolvia a sigla era do documentário do coletivo de Belford Roxo, mas com as entrevistas percebe-se que em Duque de Caxias já se falava em BXD. Embora Duque de Caxias tenha divisão com Belford Roxo, mesmo hoje o coletivo F.A.L.A. não conhece o Baixada Nunca se Rende, o que significa que entre eles não houve comunicação, nem com o Xuxucomxis, de Nova Iguaçu. Um dos entrevistados aponta que isso, dos sujeitos que falavam BXD e, com isso, a produziam cotidianamente, é consequência da rua “A rua faz isso né...” (entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 25/01/2022). Um outro, afirma que é um saber empírico.

então eu acho que é uma coisa tão empírica, é um saber empírico, são ideias que vem assim, tipo, essa coisa de Egrégora é muito real, assim, tipo, é um movimento que é isso, eu acredito muito nessa coisa de que quando você joga pro universo vai ecoar e alguém vai, sabe, vai fazer sentido pra alguém. E as vezes é isso, você teve uma ideia, outra pessoa teve a mesma ideia, vocês não se comunicaram mas os dois colocaram a ideia em ação e tá aí. Tá ligado? [...] isso virou uma identificação surreal, assim, que eu não vi isso acontecer com BF, eu não via as pessoas fazendo questão de falar que era da Baixada (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 25/01/2022).

Essa ideia de que é a rua que faz essas conexões e, antes de ter um autor que anuncia uma nova palavra rica de sentidos, foi na/pela/através dela que tudo aconteceu, pode ser compreendido a partir de Certeau (2013), quando discute a fala dos passos perdidos.

Essa história começa ao rés do chão, com passos. São eles o número, mas um

número que não constitui uma série. Não se pode contá-lo, porque cada uma de suas unidades é algo qualitativo: um estilo de apreensão tátil de apropriação cinésica. Sua agitação é um inumerável de singularidades. Os jogos dos passos moldam espaços. Tecem os lugares. Sob esse ponto de vista, as motricidades dos pedestres formam um desses “sistemas reais cuja existência faz efetivamente a cidade”, mas “não tem nenhum receptáculo físico”. Elas não se localizam, mas são elas que espacializam. Nem tampouco se inscrevem em um continente como esses caracteres chineses esboçados pelos falantes, fazendo gestos com os dedos tocando na mão (CERTEAU, 2013, p. 163)

No mesmo sentido, este autor discute quando estes “passos”, que são os rastros deixados, tais como as pegadas, são percebidos como visíveis, eles “tem como efeito tornar invisível a operação que a tornou possível. Essas fixações constituem procedimentos de esquecimento. O traço vem substituir a prática” (CERTEAU, 2013, p. 163). A BXD pode ser compreendida como pedaços desses rastros que estão sendo deixados pelo pulular dos passos dos sujeitos-cupins quando passam pelo chão. Vestígios daqueles túneis dos cupins que, por dentro, faz existir uma outra relação com o espaço-tempo, ao mesmo tempo em que deixam a operação que tornou tudo isto possível, na invisibilidade. BXD, assim como uma camada da Baixada, uma sigla que complexifica os sentidos possíveis de Baixadas Fluminenses, uma configuração de multiterritórios que se relacionam por conta da relação afetiva deixada pelas diversas delimitações desta região em que está inserida, desde o município da Grande Iguassu, também pode ser percebida como um traço cultural específico desses territórios que se entrelaçam enquanto espacializam sentidos, isto é, enquanto inventam tanto o cotidiano, como as suas táticas.

Um dos momentos importantes para que a “BXD” pudesse ter repercussão foram as competições de seleção para o Duelo Nacional de Rap, onde teve um Mc da Baixada, chamado Neo BXD, que depois dele ter sido campeão estadual, foi para a final do Duelo Nacional. Esse artista, como mostram as entrevistas, conseguiu incentivar outros a colocarem seu nome ao lado da sigla BXD nas redes sociais. O coletivo F.A.L.A. foi um dos responsáveis por trazer as batalhas que selecionavam os artistas para competir a nível nacional para a Baixada Fluminense, pela primeira vez.

Isso começou, a primeira vez que teve uma seletiva, teve uma seletiva dessa na Baixada foi em 2017, que foi quando a gente tava completando 2 anos de Rap Free Jazz e a gente trouxe, né, teve uma seletiva aqui e outra em Queimados, foi a primeira vez que teve participação ativa da Baixada nisso. Seletiva pro Duelo Nacional [outro entrevistado responde] [...] [...] aí teve a seletiva aqui e tal e aí eu acho que o nome que fez isso de ir pro, não vou dizer que foi a primeira pessoa, mas eu sei que a primeira pessoa que botou isso no instagram e trouxe essa onda de Malê BXD, não sei o que, foi o Neo BXD, que foi em 2018, ele ganhou o estadual, foi o campeão estadual e foi pra [final do Duelo Nacional] [...] como isso virou uma onda, né, e a gente

passou a se respeitar enquanto território nesse momento, sabe? Tipo... quando gente viu que era possível, que era um sonho de muitos daqui, então, tipo... esse eu acredito que, em todo essa coisa que a gente fala de apoio a linguagem artística, isso vai junto, sabe? (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 25/01/2022).

Assim, um dos objetivos do coletivo é construir ferramentas visando a democracia participativa, nos termos de Canclini (1987), ou democracia cultural⁴², nos termos de Ander-Egg (1987), embora o entrevistado diga democratização da cultura. A intenção não é democratizar um tipo específico de cultura, mas oferecer apoio para que os sujeitos consigam participar do processo de construção da sua cultura.

A gente tem como objetivo democratizar a cultura na Baixada, levar as pessoas até os canais mesmo, dar acesso. Dar acesso não, né, mostrar o caminho que a gente também percorre né, atrás dos avanços culturais e tal. Que as pessoas consigam acessar a verba pública, que os espaços sejam utilizados por linguagens diferentes né, despadronização da cultura talvez. Eu acho que esse é o nosso objetivo principal, assim, eu to tentando fugir mesmo da literatura pra sintetizar mesmo o que a gente pretende com isso, né. É isso, é a democratização da cultura o objetivo [...] Quando eu digo democratizar da cultura é que existam canais que as pessoas se sintam representadas não por uma única parada, mas que dialogue pessoas diferentes, culturas diferentes [...] (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 25/01/2022).

Esse coletivo, que não tem o nome de Fábrica por acaso, está fabricando de maneira coletiva a BXD, nesse caso, junto com outros coletivos e artistas. Nas entrevistas, percebe-se que houve uma mudança no olhar para a Baixada Fluminense, a partir de um relato que contaram depois que os Mcs da BXD estiveram constantemente presentes nas batalhas de outros bairros do RJ. Nesse relato, fica visível que esses Mcs, durante as batalhas, deviam se destacar muito mais do que os Mcs do município do RJ para mostrar superioridade, além disso, os artistas da BXD ainda sofriam preconceito, mas que depois de começarem a ser reconhecidos e respeitados, a situação mudou. A Baixada Fluminense, que era uma região vista como muito distante, aliás, pareceu se tornar mais próxima do centro do que antes.

Então, tipo, isso é um dos objetivos, a gente conseguir nos incluir nos espaços, a gente se entender como território, não ter mais vergonha, por exemplo, de dizer que é da Baixada Fluminense, porque diversas vezes eu já fui na roda de Vila Isabel, que riram, diversas vezes, quando eu... tava chovendo e eu era falei que era daqui e falei “Ih meu deus tá chovendo, como é que eu vou pegar ônibus pra caxias?” só falei alto assim, eu tava sozinha porque eu ia pras rodas sozinhas e eu pensei alto assim e aí falaram “Kakaká tem que chamar um barco,

⁴² “Se da perspectiva da democratização cultural, como explicamos antes, o direito à cultura significa, antes de mais nada, oferecer a cada pessoa acesso à cultura, da perspectiva da democracia cultural este direito se realiza principalmente fomentando a participação nos processos socioculturais” (ANDER-EGG, 1987, p. 47).

tu vai pra Caxias, meu Deus, caraca ela vai pra Caxias” foi ridículo assim, tipo... era esse tipo de situações que a gente passava, de mcs que quando rimavam, rimavam muito muito muito, e aí tipo, entre a galera votar em um cara que era dali do Catete, Glória e Lapa, e um menor da Baixada, mesmo que ele tivesse batalhado super bem, votavam num cara que estava ali, que eles viam sempre, eram quem eles estavam vendo na mídia, ou, enfim, já conheciam [...]

[...] teve uma vez que o Junin que mora em Santa Cruz da Serra, falou que veio da p*** que p**** pra te matar. Uma rima lá, ele falou que veio de muito longe pra matar alguém, na rima é lógico. E aí, eu falei assim “p****, e bota longe nisso” porque eu lembro que a gente ficou esperando ele horas e horas e o ônibus não passava, não sei o que, e eu resmunguei assim, na mesma roda cultural assim “porra e bota longe nisso” aí o garoto falou assim “Ele é de onde?” aí eu falei “De Caxias pô, nós é de lá” aí ele “Ah Caxias é logo ali” aí eu falei “Ahhhhh... nossa” na hora, na merma hora, ficamos discutindo a batalha rolando e eu falei assim “engraçado, porque há 3 anos atrás eu vim aqui nessa roda [...] Eu vim aqui nessa roda, falei que eu ia embora, ficaram me zoando que eu ia de barco, que era longe pra caraca, que era melhor eu arrumar um lugar pra dormir ali e que não sei o que” eu falei “Engraçado, agora é perto né? Agora é logo ali, agora tá duvidando que o moleque, p****, demorou a chegar” e tal [...] (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 25/01/2022).

Os integrantes da F.A.L.A. não perderam o medo de dizer que são desta região, muito pelo contrário, construíram orgulho, pensam que mesmo que existam as “tristes heranças” o que o coletivo devolve revela a sua potência cultural. Porém, a mudança de olhar, que nas entrevistas aparece como uma “chavinha virada”, é recorrente essencialmente dentro da “bolha” cultural da Baixada, isto é, a partir dos territórios que são formados entre aqueles que participam da construção da BXD, ou que se relacionam com ela; os que estão fora, ainda reproduzem os sentidos de Baixada Fluminense influenciados pelas imagens hegemônicas.

[...] A gente tem muitas tristes heranças, mas a gente devolve isso aí, a gente devolve arte, a gente devolve cinema, a gente devolve cultura, a gente devolve uma cena de rap incrível, a gente devolve incríveis grafiteiros que saem daqui pro mundo. Então, a nossa entrega né, o nosso retorno a partir de tudo que dão pra gente é, tipo assim, surreal, é uma coisa que é de aplaudir mesmo, de pegar e bater palminha e a galera tem feito isso, tem enxergado que... e aí, claro, falando de uma bolha que tá interessada nisso também, lógico. Mas, a galera enxerga hoje a gente com outros olhos mesmo, e aí eu não to dizendo só por causa de... no âmbito do hip hop, no âmbito geral mesmo, a gente tem o Mate com Angu que é uma grande referencia em diversos lugares, que ocupou diversos lugares, o Rock Pense que enfim, são varias e varias referencias que eu falharia aqui em não dizer algumas, mas todo o movimento que foi acontecendo em diversos âmbitos da cultura fizeram com que isso mudasse, então tipo assim é nítida essa diferença, real, que hoje quando a gente fala que é da baixada já tem, dentro dessa bolha, já tem essa chavinha virada de respeitar por saber que é difícil mas saber que a gente faz bem, tipo, apesar de tudo [...] Mas, claro que... e aí eu to falando de uma bolha né que tá ali na militância, que tá ali na cultura, mas quando a gente fala pra uma pessoa que simplesmente só vê o noticiário, já fica diferente, entendeu? A pessoa que só vê a tragédia acontecendo, ela ainda olha com um olhar de pena, ainda olha com um olhar de “hummm... Belford Roxo, veio armada?” [...] (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 25/01/2022).

Como se pode perceber, existe um discurso principal que permeia os três coletivos pesquisados: a Baixada Fluminense é mais do que essa imagem hegemônica. Cada coletivo constitui parte de séries discursivas, o que faz com que suas práticas estejam de certa forma interligadas e atribuindo continuidade, mesmo que não haja comunicação entre os três. No caso do coletivo F.A.L.A., que tem a formação da sigla do seu nome em referência ao verbo “falar”, em tom afirmativo, a fábrica, antes tudo, constrói a possibilidade das falas através da linguagem artística e, portanto, pensam que a fala pode não ser exatamente dos próprios organizadores, mas daqueles que querem incorporar o coletivo. Quando perguntados de quem é a FALA, responderam que

A FALA no começo era do público organizador, a gente tava lá na mesma posição que essa galera. Eu falo de ensinar a usar o equipamento, mas a gente também estava aprendendo a usar o equipamento. Eu falo de ocupar, mas a galera já estava sentada na praça antes da gente chegar lá. Então a FALA era deles, a gente botava o microfone ligado pra que eles falassem, e quando eu falava, eu estava na mesma posição que eles, então, quando eu falo “eles” é as pessoas, os moradores daquele local, que frequentavam e queriam fazer alguma coisa. Hoje a FALA... não sei, eu acho que continua sendo assim, mas a gente vai buscando novas formas de aplicar esses conceitos, mas é... a fala é do morador da Baixada Fluminense, morador periférico, da galera que tá cansada de receber mesmice, tá cansada de... sei lá, de perder espaço, né, perder espaço pros opressores, a gente está cercado de milicianos, tá cheio de doideira e a gente se põe a falar [...] (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 25/01/2022).

Mas, como o coletivo no início era somente de homens e depois de cinco saírem, sobrando somente um, o que foi entrevistado, e com a inserção de mulheres que levaram as pautas feministas, ocasionando alguns conflitos entre os homens do coletivo, a FALA tendeu a ser feminina também, pelo poder que as três mulheres começaram a exercer nas tomadas de decisões, mesmo que estivessem em menor número. Por isso, alguns eventos são protagonizados por elas. Atualmente a F.A.L.A. é composta por sete pessoas, tendo três mulheres e quatro homens, mas nem todos estes sete integrantes atuam diretamente, os que atuam são cinco. Segundo as entrevistas, o coletivo teve outras pessoas durante os anos, que entraram e saíram, só tiveram conflito direto com uma pessoa, que não expulsaram diretamente, mas se articularam indiretamente para que saísse por decisão própria.

2018 foi o auge, assim, que teve muita representatividade feminina nos espaços de decisão, não só pra se apresentar e acabou, elas estavam inseridas nos espaços de decisão, né, tipo, Olavo Bilac, lá no centro de Caxias, no Pantanal, em Nova Iguaçu. [...] Isso era uma pauta já que a gente via no Mate com Angu, a Bia Pimenta sempre foi militante feminista, a Fabi, a galera do Mate que andava com a gente. Eu

era um ignorantão, sempre tomava muito esporro mas me dispunha a ouvir essas pessoas porque sempre foi importante pra mim, como é ainda, né, e no começo do coletivo a gente tinha a Lucia também. A Lucia sempre chamava a nossa atenção pra esse ponto também. Ela falava “A FALA é feminina, é um trabalho de gênero feminino” e botava a gente pra pensar nisso, mas realmente é uma coisa que a gente foi aprendendo [outro entrevistado responde] (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 25/01/2022)

Segundo estes entrevistados, a F.A.L.A. é dos moradores da BXD, logo, a Baixada FALA. No entanto, por esse coletivo tentar falar com diversos Outros, alguns destes últimos tentam fazer com que essas falas não sejam escutadas, como a Prefeitura que, por suas inações, constrói estratégias para que essas vozes sejam silenciadas, ou abafadas – a relação de “nós contra eles” entre a F.A.L.A. e a Prefeitura é um exemplo disto. Mas, mesmo assim, as falas estão lá, ainda que dentro da cupinzama, não totalmente escutadas por todos os Outros, mas espacializadas através das práticas desses coletivos que traçam a BXD e, com isso, moldam subjetividades de outras Baixadas Fluminenses.

[...] a baixada fala sim, cada vez com mais voz e ouve quem está afim de ouvir da onde provém as coisas, sabe? Porque é isso, daqui vem, daqui vai a mão de obra pra manter esse Rio de Janeiro de pé, sabe, daqui vem a mão de obra, daqui vem matérias primas demais, eu falo disso numa poesia a gente já foi, hoje já não é mais, mas já foi o maior produtor de laranja do mundo, do mundo, tem noção? Daqui sai muitas coisas, então, tipo, é de quem está afim de ouvir mesmo, de quem estiver disposto a entender Rio de Janeiro, entender... eu acho que daqui a gente pauta muito, assim como as favelas do Rio de Janeiro pautam muitas coisas, é isso, Baixada e favelas do Rio falam. É a gente que grita, é a gente que mantém isso aqui de pé, não ouve quem não quer mesmo (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 25/01/2022).

Nesse sentido, essas outras subjetividades de Baixada não são essencialmente dissociadas das imagens hegemônicas da Baixada Fluminense, sendo atravessadas por elas. Assim, (com)postas por outras camadas que dão forma à Baixada e que nem sempre estão inseridas dentro da delimitação do que o Estado inventou para designar uma “Baixada Fluminense”, em condição de subalternidade à metrópole. Os entrevistados não concordam exatamente com o relatório da ONU quando avaliava Belford Roxo como a cidade mais violenta do mundo, mas acreditam que este município seja um dos mais perigosos da América Latina – o que evidencia o *quantum* de realidade que as imagens hegemônicas possuem – e as vezes falam da Baixada Fluminense como se falassem de qualquer outra periferia. Entretanto, pelas entrevistas, é possível perceber que os integrantes da F.A.L.A. entendem que existe um contexto social nesta região que faz com que os próprios moradores não acreditem que possa existir atividades culturais ali, o que torna as produções culturais do coletivo interessantes.

[...] a Baixada fala através dessa identificação, é... é um recorte cultural diferente do Estado do Rio de Janeiro e logo é diferente do Brasil inteiro, é uma parada única que a gente constrói aqui, então a Baixada fala através desse caminho, da valorização do próprio território e não só podemos, como precisamos falar mais, precisamos botar a nossa cara, mostrar os valores, assim com a Alexandra faz, assim como uma galera que vai junto e faz também, porque além de enriquecer, mostra pra essa galera que só vê noticiário né, que somos muito maiores do que a violência. A violência nunca deixou de existir, eu concordo com a ONU, quando ela diz que Belford Roxo é um dos lugares mais perigosos da América Latina, porque realmente é e nem por isso a gente deixou de fazer coisas positiva. Eu acho que a nossa voz ganha muito mais força quando a gente consegue trazer esse tipo de ação no lugar mais violento da América, sabe? A gente consegue fazer uma parada incrível, não por mérito exclusivo nosso, do coletivo, mas todas as pessoas que acreditam e vem junto, todas as pessoas que vieram antes, todos os outros coletivos que surgiram junto com a gente, depois da gente, tanto faz, tudo que acontece é impressionante porque é num cenário pessimista né, num lugar horrível, assim, num lugar dominado por milícia e chacina e fome... fome é outra coisa que eu só via na televisão, no Nordeste, a gente reconhece a fome aqui. Então, quando a gente consegue trazer um valor dentro disso né, é a Lotus que nasce na lama, né, aquele bagulho impressionante [...] é uma transformação positiva através da violência, transformou as pessoas, as mentalidades e depois a realidade e essa parada existe (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 25/01/2022).

As tomadas de decisões são construídas em reuniões com os integrantes do coletivo, porém as vezes as decisões são concentradas em dois, no caso, estes dois entrevistados. Um porque fundou o coletivo, a outra por ser bem ativa, se articular com outros coletivos e organizações políticas, ela tem parte da sua visibilidade concentrada em si mesma. O foco de atuação do coletivo é na Baixada Fluminense, principalmente Duque de Caxias e Belford Roxo, mas já participaram de eventos fora da Baixada, como Movimento dos Pequenos Agricultores, em São Paulo, São Bernardo do Campo, na Bienal do Livro, no evento da *Jam Session* do centro do Rio de Janeiro, em eventos que fazem sentido para o coletivo, sejam movimentos socioculturais, ou que tenham foco em questões culturais ou de periferia.

Durante a pandemia, os integrantes da F.A.L.A. foram impactados diretamente pelos (d)efeitos socioeconômicos, o que fez com que alguns desacreditassem que seria possível continuar suas atividades. Um deles não conseguiu sair de casa até o dia 15 de janeiro de 2022. Eles sentiam que estavam em uma “maré crescente” no campo da cultura que foi rapidamente interrompida. O último Rap Free Jazz ainda em 2020 dentro do espaço do Galpão Gomeia tinha sido um êxito, o coletivo conseguiu ter aval para trabalhar dentro deste espaço cultural para fazer o que quisesse de forma gratuita. Enfim, tiveram que reformular totalmente seus próximos “passos”, além de perceber como a ausência das ocupações culturais em espaços públicos impactaram a vida dos comerciantes locais.

Alguns integrantes durante a pandemia participaram de movimentos para entregar cestas básicas. Com os editais da Aldir Blanc, movimentaram mais suas redes sociais e atualmente tentam construir novos direcionamentos para o coletivo. Um dos entrevistados aponta a dificuldade de voltar a acreditar que ainda é possível construir os caminhos antes criados:

[...] eu não tinha energia pra acreditar nessas coisas, mas a galera vai me falando e a gente vai entrando em acordos e eu vou voltando a acreditar. Eu me sinto muito distante ainda, mas eu acho que não parou, não parou e não acabou (Entrevista com os participantes do coletivo F.A.L.A. concedida em 25/01/2022).

A Fábrica de Apoio a Linguagem Artística não é especificamente dos seus integrantes, como foi dito nas entrevistas, mas dos sujeitos que compõem a BXD. Em momentos de pandemia, por exemplo, esta Fábrica pôde apoiar pela linguagem da arte, e consequentemente do afeto, até seus próprios fundadores. Não fosse por todos caminhos já construídos, por todas as pegadas, por todos os rastros e, com certeza, todas as relações afetivas construídas nos multiterritórios da BXD, talvez todos os artistas nesta pandemia não pudessem ter meios para disputar editais e sobreviver de fato. Pode-se notar que toda a estrutura deste cupinzeiro não só foi eficaz para deixar vivo os participantes do coletivo F.A.L.A., mas os que constituíram e ainda constituem a BXD.

As falas destes três coletivos reverberam dentro e fora da estrutura de cada cupinzeiro, de suas fendas interiores, de seus túneis e das brechas por onde a cupinzama se infiltra pouco a pouco, possuem sentidos também distintos, assim como seus caminhos e suas mediações, o que faz com que cada cupinzeiro tenha uma forma exclusiva e ainda assim esteja em condição de devir. No caso do XuxuComXis, as integrantes falam de afeto sobretudo pelo e para o território em que se vive; O Baixada Nunca se Rende, fala para e pela sua sobrevivência, em busca da maior ferramenta que eles necessitam: o dinheiro, que sem ele não conquistam o que tanto desejam, e; a F.A.L.A. tenta em alguns casos falar de seu território para os que desejam escutar e, em outros, falam de transformação por intermédio da arte com quem deseja o poder de falar.

Sobreviver, então, é uma das fortes características destes resistentes cupins que podem não ser vistos, às vezes sequer são lembrados, mas por caminharem por baixo em seus túneis, ou em suas fendas, e de forma rizomática, ou seja, sem começo nem fim, mas antes exatamente no meio, na conjunção “e” – pois “Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser” (DELEUZE e GUATTARI, 1995 p. 48) – e em

coletivos, conseguem astuciosamente trabalhar com seus códigos, atravessando estruturas e transgredindo imagens e (re)elaborando outras subjetividades e... e... e...

Conclusão

Nos três capítulos foram possíveis vislumbrar os caminhos, as mediações e as falas dos três coletivos, objetos de estudo desta pesquisa, e que não são suficientes para afirmar que o visto constitui essencialmente “as práticas dos coletivos da Baixada Fluminense (ou da BXD)”, pois estas ainda são compostas por muitos outros sujeitos, coletivos e cupinzamas que (com)formam os territórios da região estudada. Os três coletivos atuam de formas diferentes e tensionam as imagens negativas da região da Baixada Fluminense, sem ignorá-las ou negá-las; alguns concordam, mas sabem e fazem saber que só elas não bastam. A BXD como um símbolo da interseção entre estes sujeitos, é um campo que ainda precisa ser estudado, visto que não se encerra em si mesmo, como todo produto cultural, só a identificação não basta, pois é dinâmico, mutável e ainda é passível à diversas (trans)formações, assim como ao esquecimento.

Sabendo que todos três blocos que constituíram cada capítulo não estão separados uns dos outros, o objetivo do estudo foi utilizá-los para além de descortinar os sentidos que as imagens hegemônicas da região da Baixada Fluminense produzem sobre os sujeitos e seus territórios, compreender as tensões internas do campo cultural da BXD, informando os sentidos que os coletivos constroem com seus produtos e suas falas, com quem (e como) costumam se relacionar. Isto significa dizer que objetivou discutir a invenção da BXD como um espaço multiterritorial além de físico, imaginado, afetivo, construído principalmente através do impacto que os sujeitos-cupins produzem cotidianamente no campo da cultura, isto é, a partir da atuação de coletivos socioculturais em seus múltiplos territórios que disputam também significados.

Se ler a região da Baixada Fluminense utilizando os códigos hegemônicos, tais como as imagens associadas a pobreza, violência e descaso público, significa considerá-la a partir de um olhar que apaga toda potência histórico-cultural desta periferia, lê-la através dos códigos dos “de baixo” é perceber a infinidade de possibilidades materiais existente, cintilando como estrelas de uma nebulosa (PEREIRA, 2018). Assim, a BXD foi tratada como uma das possibilidades de Baixada, esta designação descarta a ideia de território como essência – diferente da “região da Baixada Fluminense” que trata as imagens hegemônicas como essência dos territórios –, mas um dos modos de leitura para

que seja possível outros modos que revelem a (co)produção de futuro, de vida e de afeto, isto é, de outras Baixadas Afetivas (SILVA, 2013).

O objetivo do capítulo I (Caminhos) foi explorar o universo das produções culturais de cada coletivo, sobretudo por meio da descrição, pois estes caminhos, embora tenham servido de abertura para esta pesquisa, sempre estão localizados no *intermezzo* como diria Deleuze e Guatarri (1995), ou seja, cada produção não marca nem o início nem o fim da trajetória dos coletivos, mas o meio, o local de passagem – o “entre” marca o final e o início de um novo processo, consequentemente a construção de um novo túnel da cupinzama. Aqui, inclusive, o tipo de produto de cada um é diferente, existem videoclipes, músicas, documentários e eventos presenciais e virtuais, o que significa que a forma de fazer os caminhos são particulares de cada coletivo. Neste bloco, foi possível apresentar o que eles fazem para tornarem visíveis outras imagens de seus territórios, os produtos descritos representam a forma que a BXD tem para cada um. Para o XuxuComXis tem formato de amor por seu território, para o Baixada Nunca se Rende tem formato de isca para o mercado, e para a F.A.L.A. tem a forma de um microfone para os moradores/artistas locais.

No capítulo II (Mediações), privilegiou-se os pontos de contato dos coletivos com os Outros (aqui com os outros de dentro e os de fora), em especial com o Estado como eixo principal deste bloco. Aparecem coletivos de fora, o mercado, o terceiro setor, assim como mediações com a população local e com as próprias organizações da BXD que disputam os territórios entre si. Mostrou-se tanto como se consegue construir estes pontos de contato, quanto com quem eles não conseguem, informando as dificuldades e as facilidades. Aqui, foi possível evidenciar o campo das táticas dos três coletivos, pois elas aparecem em tensão também com as estratégias que o Estado produz, fazendo com que não seja possível a construção de uma maior articulação entre os coletivos e o Estado.

A Lei Aldir Blanc foi a principal estratégia municipal para captar os coletivos da BXD, antes dela nem todos os municípios havia proposto editais, somente a F.A.L.A. conseguiu ser contemplada em um edital municipal que não foi oriundo desta política pública (o edital cultural emergencial Paulo Ramos). Entretanto, mesmo que todos os coletivos estudados tenham conquistado ao menos um edital da Aldir Blanc, a disputa por eles foi executada com táticas distintas. O XuxuComXis disputou com um CPF somente, o Baixada Nunca se Rende quis disputar somente um edital (o de premiação, para usar

como quisesse) e a F.A.L.A. teve vários integrantes sendo contemplados na maioria dos editais.

No capítulo III (Falas), objetivou-se discutir o que cada cupinzeiro fala sob(re) si mesmo, sob(re) seu território e sob(re) suas atividades artístico-culturais como sujeitos das Baixadas Fluminenses, identificando que todas suas falas estão tensionadas pela relação que a região da Baixada Fluminense, como imagem hegemônica, tem com a existente BXD. Aqui, os produtos das práticas demonstraram menos uma preocupação em desconstruir a maquinaria discursiva que constrói as imagens da Baixada Fluminense, e consequente uma única Baixada, do que a construção de sua própria maquinaria, a BXD é exemplo disto. Uma das hipóteses (colocada na página 30 deste trabalho, é que existiria uma tensão com os discursos hegemônicos, entretanto isto não se aplicou, revelando que confrontar estas imagens não é a tática principal. Ainda que exista, como consequência, este confronto, ele se dá antes de tudo pela existência destes sujeitos, de seus respectivos coletivos e das redes que as compõem, isto é, tal como a ideia que o videoclipe “BXD Existe” evoca: “mais que resistência, nós é existência”.

No caso do XuxuComXis, as produções analisadas abrem outras possibilidades, como Exu abre caminhos, construindo outras direções para pensar as formas de vida que habitam nas periferias, revirando o jogo, pondo-o de cabeça para baixo. Com as peças do tabuleiro nas mãos, os sujeitos-cupins perguntam-se aonde colocá-las, quais as próximas táticas e quais novas regras devem ser desobedecidas. Afirmar que a BXD existe é, antes de tudo, um ato político de/por amor e, portanto, uma fala direcionada para quem pode, um dia, amar também essa comunidade, estes territórios, para que os moradores das diversas Baixadas possam ser seduzidos pelo coletivo, daí o uso do espaço dos transportes públicos, como no metrô – neste caso, exemplifica-se o trabalho que os cupins fazem dentro de seus túneis, aqui é simbolizado pela infraestrutura deste tipo de transporte. É preciso, portanto, caminhar de mãos dadas com eles, que por amor lutam por/em seus territórios e consequentemente por suas vidas, pois é assim que os cupins se tornam sujeitos.

No caso do coletivo BXD ou Baixada Nunca se Rende, foi exposta a produção com maior alcance na presente pesquisa, elaborada com apoio da ONU e reproduzida por volta de 13 países, fazendo com que parte da comunidade BXD, isto é, os músicos que tiveram a astúcia de se reunirem no grupo do *Facebook* no momento certo, pudesse ao menos ter os 10 minutinhos de fama que uma das integrantes, na entrevista, disse que

todo mundo tem direito, antes de demonstrar a preocupação com o que fazer depois que a fama se vai. Falar pela Baixada talvez não seja o desejo principal depois da conquista do que eles chamam “sustentabilidade”, mas representá-la de uma forma específica a partir do que o coletivo pensa ser a BXD, mesmo que já não tenha proximidade com a própria BXD. Assim, neste cupinzeiro, os integrantes têm como lema nunca se render, mas na verdade, não se rendem para o resultado do que as imagens hegemônicas da Baixada produzem sobre eles mesmos, não desistindo de conseguirem, em algum momento, conquistar espaço para que os músicos e artistas da BXD consigam sobreviver, mesmo que isto signifique parte da BXD ser cooptada pelos interesses mercadológicos, portanto, clamam aos empresários que financiem iniciativas na Baixada Fluminense, em nome desta camada.

No caso da Fábrica de Apoio a Linguagem Artística, ou coletivo F.A.L.A., ficou evidente no decorrer dos três capítulos que este coletivo se articula, mais do que os outros dois, tendo diversos pontos de contato, desde a comunidade local, a Prefeitura (mesmo com as tensões criadas), com o terceiro setor, com movimentos sociais e figuras políticas. Seus diversos caminhos demonstram que quanto mais túneis, mais fragilizadas ficam as estruturas que impedem a sua própria existência, mais difícil fica qualquer tentativa de calar suas vozes organizadas pela cupinzama que transcende os integrantes deste coletivo – aqui, a menção é a rede de organizações de periferia que este coletivo está integrado e que não se localiza somente na região da Baixada Fluminense. A FALA, nesse caso, é dos moradores locais da Baixada, a intenção principal é fazer com que a população local entenda que quando for preciso lutar por seus direitos, terão uma caixa de som amplificando suas ações e alguns sujeitos-cupins para apoiarem as linguagens artísticas que puderem (com)formar a cupinzama da BXD.

Como Canclini (2015) afirma, o espaço “inter”, que se insere no campo (inter)cultural, é decisivo; por ele, não basta elencar as diferenças que por um lado constituem determinadas culturas, por outro as separam das outras, mas torna-se um campo mais complexo por apresentar as contradições e composições de cada grupo/sujeito/tática, em vez de tornar nítido somente as virtudes (ou malefícios) destes. Na interculturalidade, as táticas e as estratégias são construídas por diversos atores, e vislumbram o processo das conexões entre, sobretudo, os “de baixo” e os “de cima”, ou os “de dentro” e os “de fora”; cria-se pontes que também produzem os “do meio”, que (inter)ligam os múltiplos lados – aqui o XuxuComXis, por exemplo, se conecta

principalmente com os de baixo e/ou os de dentro; o Baixada Nunca se Rende, com os de cima e/ou os de fora, e; a F.A.L.A. tenta se conectar com os dois, o que faz com que este coletivo fique no meio. Certeau (2014) discute que neste campo cultural, existem jogos em que os sujeitos que não possuem lugar próprio, tentam construí-lo por meio de suas táticas e isto constitui seus caminhos. No caso desta pesquisa, este jogo foi representado pela relação centro-periferia, principalmente pela atividade proposta no documentário “Revirando o Jogo” que aponta para esta questão.

No caso da cupinzama da BXD, seus cupins buscam romper com uma imagem de região, a da Baixada Fluminense. Estendem seus túneis para outras periferias, como ficou nítido no filme “Revirando o Jogo” do XuxuComXis, na integração que o Baixada Nunca se Rende tem com o centro do Rio e outros territórios, e nas articulações que o coletivo F.A.L.A. produz com outras periferias, assim como com o terceiro setor e o mercado. Esta cupinzama, isto é, os cupinzeiros da BXD, parece estar conectada com outros cupinzeiros de outras periferias, o que complexifica ainda mais o(s) sentido(s) que esta sigla, que por um lado abrevia, e por outro amplia o que a Baixada pode ser, vide as semelhanças entre os diversos territórios periféricos da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Por tantos meios, esta pesquisa apresentou múltiplos territórios com rica diversidade no interior daquilo que a classificação “região da Baixada Fluminense” nos impede de ver por suas representações. É como se esta região estivesse tomada por cupins, sendo comida por eles e isto é suficiente para a reprodução de outras colônias, mesmo que durante este processo alguns cupins não sobrevivam em suas revoadas. Se Silva (2013) delimita uma Baixada Fluminense por meio de uma análise histórica, o que a BXD pode ser a partir de uma análise cultural? Uma resposta possível é que por tudo que a “região da Baixada Fluminense” representa, em sua forma normativa, cultura não pode existir e seus territórios só existem de forma discursiva. Mas, por outro lado, a BXD pode ser um caminho de periferia (e talvez inverso das normas da região da Baixada Fluminense) a ser construído de maneira pluriversal. Talvez uma (po)ética dos “de baixo”. Seria a BXD, em termos cartográficos, maior do que a Baixada Fluminense? Como dimensionar?

Aqui, designar ou conceituar o que é a BXD, de maneira fechada, não foi o que se realizou, pois através desta sigla que foi possível “abrir” a região da Baixada Fluminense e questionar o que ela significa, como propõe Didi-Huberman (2013) quando

sugere abrir a “caixa da representação”. Foi por esta abertura que se tornou possível perceber os rastros, as pegadas deixadas, as artes de fazer outras possibilidades que configuram sentidos múltiplos de Baixadas. Nesse sentido, tudo o que circunda a BXD faz transparecer o campo cultural da Baixada e seus múltiplos territórios – que não deixam de estarem interligados com a história do Recôncavo da Guanabara, do município de Iguassu e das Baixadas – através dos sujeitos-cupins que, aos poucos, moldam a forma que querem para a BXD e, por isto, constroem novos caminhos que aguardam sempre uma retomada, em algum momento propício.

Neste sentido a “Baixada Fluminense” não é, mas está sendo. O que significa dizer que este território foi e está sendo construído por agentes que compõem o que Hall (2003) chamou de bloco de poder (a grande mídia, os jornais pesquisados por Enne (2002), os interesses políticos e econômicos da metrópole) – que embora pareça homogêneo, não é; possuem interesses distintos, podendo ser conflitantes, assim como ainda nos termos de Hall (2003), as “forças populares” –, para que a partir dos interesses hegemônicos, uma imagem seja criada para designar esse território e sustentar tensões produzidas *in loco* sobre as relações sociais. Estas normas se impõem sobre as subjetividades dos sujeitos estão sempre em tensão (BOURDIEU, 1997) assim como com as produções culturais coletivas dos subalternos (neste caso, os de dentro da BXD), é como se esses sujeitos-cupins estivessem respondendo e quisessem demonstrar que existem tanto outras saídas diante de tudo que faz calar a BXD, quanto entradas para os moradores da Baixada Fluminense conseguirem integrarem-se à camada da BXD, ou a outras camadas.

Dessa forma, a Baixada Fluminense está sendo. E, nesse espaço de “sendo”, há, como bem discute Bhabha (1998), múltiplas temporalidades que estão conectadas através do que foi deixado pelo passado e que se liga agora ao futuro. Uma destas é a BXD, que também está sendo, mas sob uma maneira particular e que sempre escapa. Trata-se do “tocar o futuro em seu lado de cá” (BHABHA, 1998, p. 28) quando os sujeitos se apropriam do território para construí-lo a partir do trabalho de suas afetividades. E, assim, estas territorialidades estão disponíveis para serem vividas por conta dos túneis coletivamente construídos pelos cupins, com o avanço de seu trabalho coletivo, modificam o espaço, direcionam por onde ir através dos indícios feitos de terra que são deixados para gerações futuras, podendo destroçar as mais rígidas madeiras ou as mais complexas construções modernas.

Na perspectiva de que a Baixada está sendo, não se pode classificá-la como algo fixo, mas flutuante e que permite deslocamentos de leitura, a partir da escolha do que de fato será lido em tal território. Como dito anteriormente, a Baixada Fluminense não é, e quando se diz isso, queremos dizer que a imagem/conceito imputado à região nada mais é do que uma ficção, a qual possui uma específica estrutura de poder e de dominação.

A colonialidade do poder que, segundo Quijano (2005), é um conceito que busca explicar a lógica de poder mundial capitalista, moderno/colonial e, portanto, organizado pela ideia eurocentrada de raça, colocando os outros povos que não-brancos enquanto inferiores, subalternizados, não está dissociado da relação centro-periferia que ocorre nesta região, desde a emergência da “Baixada Fluminense” enquanto região de negros, subalternos e consequentemente periféricos. Não é à toa que em todos os coletivos há pessoas negras e, consequentemente, discutem questões acerca de diversos tipos de racismos em suas produções. A ficção da “região da Baixada Fluminense” enquanto sentido universal dos multiterritórios vividos e trabalhados, que os classificam de forma pejorativa, nada mais é, portanto, senão também uma imagem racista da região.

Quando digo que esta região não é, quero dizer que as definições das possíveis Baixadas Fluminenses, como a BXD e a BF, inserem-se no interior das relações socioculturais sob tensão, sob os movimentos, diferentes formações tanto nas nebulosas do universo, como nos túneis que os cupins constroem no chão. Estas duas pequenas siglas têm sentidos imensos em suas complexidades e profundezas, por vezes estão lado a lado e por outras se entrelaçam, inclusive com a palavra “Baixada”, como pode ser percebido no documentário do Baixada Nunca se Rende, quando estas não aparecem nas cenas finais, somente a BXD. Entretanto, no documentário inteiro “BXD”, “BF” e “Baixada” se confundem, isto demonstra que coletivo não está localizado estritamente na BXD, mas transita por outras camadas interculturais das Baixadas Fluminenses.

O custo da visibilidade dos sujeitos que compõem as múltiplas camadas das Baixadas e, consequentemente, da BXD, nesse sentido, não é compatível ao que é produto de seus trabalhos – como foi percebido, algumas vezes sequer foram pagos em dinheiro –, mas ao tempo de dedicação de suas vidas em seus territórios. Este tempo gasto não pode ser compreendido simplesmente pelo tempo de vida de cada coletivo estudado, mas a um tempo histórico, desde principalmente a década de 80, onde houve uma grande quantidade de centros culturais e instituições sendo construída na Baixada, passando a ser designada, pelos de baixo, por BF, agora também de BXD.

O único coletivo que deseja de fato a visibilidade é o Baixada Nunca se Rende e, talvez, ao conquistá-la, possivelmente a BXD e seus sentidos, ao menos parte deles, seja capturada pelo mercado. Para os outros dois, ser visível é consequência e não prioridade; no caso do XuxuComXis, é fundamental que o coletivo seja pelo menos visível para os moradores da Baixada; já a F.A.L.A. foca em fazer com que os artistas da Baixada sejam visíveis através das produções do coletivo, como em seus eventos, em suas mostras de artes, oficinas, ocupações (etc.).

Como em todas as pesquisas, esta também apresenta limitações, sobretudo no capítulo das mediações que se tentou privilegiar um único contato com o Outro, neste caso, com o Estado, pois com a Aldir Blanc e o contexto de pandemia, todos os coletivos tiveram que disputar os editais desta lei, que em alguns casos foi o primeiro edital municipal de cultura. Preocupou-se com este Outro, como eixo do segundo capítulo, por ele ser um dos principais que constroem estratégias para não permitir a fala dos coletivos estudados; é por este Outro que os territórios da Baixada tiveram imputados todas as imagens hegemônicas que sufocam a fala dos que lá habitam. Com isto, outros tipos de mediações foram identificados, ocorrendo pouco aprofundamento nas análises dos mesmos.

Como dito, os estudos sob(re) a BXD precisam continuar, por isso, compreender como outros pontos, de forma aprofundada, tensionam a relação de mediação entre os coletivos da Baixada se faz necessário. Como será que estes sujeitos se relacionam entre si, com o terceiro setor, com o mercado, com outras periferias e com as outras camadas das Baixadas Fluminenses? Existe complementaridade/antagonismo? Quem são seus inimigos e por que são configurados assim? Em que outras camadas a BXD toca ou atravessa? Seria possível uma relação em vez de “da BXD pra BXD”, mas da “BF pra BXD” ou vice-versa? Quais relações de poder estarão estabelecidas entre estas outras camadas ainda não discutidas?

Dentro da BXD se fala de muita coisa. Por vezes para muitas pessoas, por outras para poucas. Os coletivos estudados falam de si da mesma forma que falam de suas BXDs. Como Narciso, apaixonado pelo próprio espelho, as vezes pouco veem sobre suas sombras, embora sejam das luzes que se criam as “centelhinhas”.

O XuxuComXis deixou de falar com o MC Marcinho sobre amor, agora fala com seu território; compôs outros versos no interior de sua comunidade com a música “BXD Existe”; difunde o (in)verso com suas produções feitas de modo (di)verso para enfrentar

as imagens hegemônicas da região da Baixada Fluminense; fala que a Baixada Filma, a BXD existe e isso é suficiente tanto para dizer que outras Baixadas existem e são filmadas, quanto não é essencialmente formada de violência, pobreza e descaso público, mas principalmente que estas camadas se constituem, e há outras cenas que não passam no cinema. O Baixada Nunca se Rende fala que não vai se render e sonha com o dia em que a Baixada Fluminense seja reconhecida por suas produções musicais; possui a frase que originou seu coletivo como lema principal e, portanto, fala da importância da BXD, usando os exemplos da Banda BXD e outros artistas de nível internacional para a história da música popular brasileira. O coletivo F.A.L.A. fabrica falas artísticas que, por muitas vezes, denunciam a retirada de direitos dos sujeitos de periferia; mostra que aqui muito se produz e ainda precisa produzir mais, em conjunto, para que as transformações aconteçam; fala, com aquela caixa de som no volume máximo (se preciso for) que a Baixada não é cruel⁴³, mas multicultural. Cruéis são os outros.

Os coletivos falam, mas nunca sobre o que é a BXD.

Para saber o que ela “é”, só de um único jeito.

Sendo. Pega a visão, cria⁴⁴.

⁴³ Tal como o refrão do rap União de Belford Roxo, de Máfia e Biguli, diz “Baixada cruel, os sinistros são de Bel”.

⁴⁴ “Pega a visão, cria” é uma gíria muito utilizada por sujeitos das periferias do Rio de Janeiro, que neste caso significa o mesmo que ter atenção para compreender algo complexo.

Bibliografia

- ACOSTA, A. O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.
- AGAMBEN, G. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- AGENDA RIO 2030. Agenda disponibilizada pela Casa Fluminense. Disponível em: <https://casafluminense.org.br/wp-content/uploads/2020/09/03_CASA_agendario2030_miolo_compressed.pdf> Acesso em 07/05/2022.
- AGENDA DO BEM. Carta de Apoio, Apresentação e Referência. Rio de Janeiro, s/d disponível em <https://www.agenciadobem.org.br>
- ALVES, Rôssi. Rio de Rimas. 1 ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013. Disponível em: <https://issuu.com/tramas urbanas/docs/miolo_rio_de_rimas_site> Acesso em 26 de março de 2022
- ANDER-EGG, E. Política cultural a nível municipal. Buenos Aires: Humanitas, 1987.
- BAIXADA LITERÁRIA. 2021. Disponível em <<http://www.baixadaliteraria.org>> Acesso em: 10/09/2021
- BOURDIEU, P. Razões práticas: Sobre a teoria da ação. 1997.
- BHABHA, H. K. O local da cultura. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Linha Reis, Gláucia Renata Gonçalves Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BRASIL. Lei nº 14.017, de 29 de Junho de 2020 (Lei Aldir Blanc). Brasília, DF, 2020.
- BXD NUNCA SE RENDE. #BXD Baixada Nunca se Rende. Direção de Christian Traghi e Juliana Spindola. Rio de Janeiro: Cardomomo, 2017.
- BXD EXISTE, videoclipe. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aGdkfMTUgpI>> Acesso em: 25/03/2021.
- CANCLINI, N. G. Diferentes desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.
- CANCLINI, N. Políticas culturales en America Latina. Cidade do México: Editorial Grijalbo, 1987.
- CASA FLUMINENSE. Mapa da Desigualdade da Baixada Fluminense. Casa Fluminense, 2019. Disponível em: <<https://casafluminense.org.br/mapa-da-desigualdade/#4>>. Acesso em: 25/09/2020.
- CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.
- CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. Editora: Livraria Sá da Costa, 1978.
- COLETIVO FALA. Página do Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/fabricadeapoioalinguagemartistica/>> Acesso em 05/05/2022.
- COLLINS, P. H. (1990), "Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento". Trad. Natália Luchini. Seminário "Teoria Feminista",

Cebrap, 2013. [Em inglês, *Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. Nova York/Londres, Routledge, 1990.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

DIAS, A. R. F. O Discurso da Violência. As marcas da oralidade no jornalismo popular. São Paulo, Educ, Cortez editora, 1996.

DIAS, M. “Gestão cultural na Baixada Fluminense: Uma análise das Políticas Públicas no Município de Duque de Caxias – RJ”. Monografia (Bacharelado em Turismo) – UFRRJ, 2019.

DIDI-HUBERMAN, G. Sobrevivência dos vagalumes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DUSSEL, E. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. In Revista Sociedade e Estado, vol. 31, n. 1. Jan/Abr, 2015.

EKLOOS. Site do Instituto Ekloos. Disponível em <<https://www.ekloos.org>> Acesso em: 07/05/2022.

ELIAS, N.; SCOTSON, L. Os estabelecidos e os Outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade, Rio de Janeiro, Zahar 2000

ENNE, A. L. “Lugar, meu amigo, é a minha Baixada”: Memória, Representações sociais e Identidades. Tese (Doutorado em Antropologia) – UFRJ, 2002.

ENNE, A. L. A “redescoberta” da Baixada Fluminense: Reflexões sobre as construções narrativas midiáticas e as concepções acerca de um território físico e simbólico. In PragMATIZES – Revista latino americana de estudos em cultura. 2013.

ENNE, A. L.; GOMES, M. “É tudo nosso”: disputas culturais em torno da construção da legitimidade discursiva como capital social e espacial das periferias do Rio de Janeiro. In Política cultural com as periferias: práticas e indagações de uma problemática contemporânea. DANTAS, A.; MELLO, M. S.; PASSOS, P. (Orgs). Gráfica Storbem: SP. 2013

ENNE, A. L.; NERCOLINI, M. J. Narrativas de memória e territórios inventados: A configuração das identidades e dos lugares como processos culturais. In Revista Midia e Cotidiano. 2016.

EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, M. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2020.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GOHN, M. G. Educação não formal no campo das artes. GOHN, M. G. (Org.) – São Paulo: Cortez, 2015.

GONZALES, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In Revista Ciências Sociais Hoje, ANPOCS, 1984, p. 223-244.

GROSFOGUEL, R. Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada. In: Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico, organizado

por Joaze Bernardino-Costa, Nelson Maldonado-Torres e Ramón Grosfoguel. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

GRYNSZPAN, Ma. “Ação Política e Atores Sociais: Posseiros, Grileiros e a Luta pela Terra na Baixada”. In: *DADOS – Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, vol. 33, no 2, 1990.

HAESBAERT, R. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In *Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005, p.6774-6792

HALL, S. Cultura e representação. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

HALL, S. O ocidente e o resto: discurso e poder. Projeto História, São Paulo, n. 56, pp. 314-361, Mai-Ago, 2016.

KILOMBA, G. Quem pode falar? Falando do centro, descolonizando o conhecimento. In: KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios do racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 47-69.

LIVE DE ABERTURA. Live de estreia da Mostra de Artes do coletivo F.A.L.A. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=zXwQH-h_ALU> Acesso em 07/05/2022.

MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In *Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, p. 35-54, 2005.

MOURA, C. Estratégia do imobilismo social contra o negro no mercado de trabalho. In: *Rev. São Paulo em Perspectiva*, 2(2): 44-46, abr/jun. 1988

NIETZSCHE, F. Assim falava Zaratustra. EbookBrasil.com: Brasil, 2022.

ORTNER, S. Introduction. In: MORLEY, D.; CHEN, K. (org.). *The fate of culture: Geertz and Beyond*. Los Angeles, University of California Press, 1999.

PEREIRA, M. S. Pensar por nebulosas: Notas sobre um modo de pensar a escrita da história. In *Nebulosas do pensamento urbanístico: Tomo 1 - Modos de pensar*. PEREIRA, M. S.; JACQUES, P. B. (Orgs.) EDUFBA: Salvador, 2018.

PNUDBRASIL. Canal do Youtube, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fmizNARZabo>> Acesso em 05/05/2022

PORTO-GONÇALVES, C. W. De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana. In: *Geografia e giro descolonial: experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento crítico*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade, poder, globalização e democracia.” *Novos Rumos*, 37, 2002, p. 4-28.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Clacso, 2005. p. 107-30.

REVIRANDO O JOGO, filme. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/e_8WTJEeDr0> Acesso em: 21/08/2021.

- SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In (Orgs.) SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula. (orgs.) Epistemologias do Sul. São Paulo: Editora Cortez, 2010.
- SANTOS, B. S. Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social. São Paulo: Boitempo, 2007
- SANTOS, M. A natureza do espaço: Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- SEBRAE. Painel Regional: Baixada Fluminense I e II. Observatório Sebrae. SEBRAE: Rio de Janeiro, 2016.
- SECCHI, L. Políticas Públicas: conceitos, esquemas de análise, casos práticos. 2.ed. São Paulo: Cengage Learning, 2014. ISBN 978-85-221.
- SOUZA, A. C. Afetos Revolucionários: microbiografias de uma revolução periférica. Rio de Janeiro: Ed. da Autora, 2021.
- SOUZA, P. A Maior Violência do Mundo: Baixada Fluminense. São Paulo, Traço Ed., 1980.
- SHIVA, Vandana. Recursos naturais. In: SACHS, Wolfgang. Dicionário do desenvolvimento. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000
- SILVA, L. De Recôncavo da Guanabara à Baixada Fluminense: Leitura de um território pela história. Recôncavo: Revista de História da UNIABEU Vol. 3 n. 5. Jul- Dez 2013.
- SILVA, L. H. P. Hildebrando de Goes e sua leitura sobre História da Baixada Fluminense. Revista Ágora. Santa Cruz do Sul, v.21, n.1, p. 107-119, jan./jun. 2019.
- SPIVAK, G. C. Pode o subalterno falar? Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- THOMPSON, E. P. As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. (Org: Antonio Luigi Negro e Sergio Silva). Campinas, SP: Unicamp, 2001.
- VAINER, C. DISSEMINATING 'BEST PRACTICE'? The coloniality of urban knowledge and city models. In The Routledge Handbook on Cities of the Global South. London: Routledge Taylor & Francis Group, 2016.